UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

CAMPUS DE BAURU

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Maira Regina Garcia Escovar

O TEMA SEXO NA REVISTA TODATEEN: UM ESTUDO FREUDIANO

Bauru

2005

Maira Regina Garcia Escovar

O TEMA SEXO NA REVISTA TODATEEN:

UM ESTUDO FREUDIANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, na Área de Concentração em Comunicação Midiática, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP / Campus de Bauru, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Comunicação, sob a orientação do Prof. Dr. Jonas Gonçalves Coelho.

Bauru

2005

Maira Regina Garcia Escovar

O TEMA SEXO NA REVISTA TODATEEN: UM ESTUDO FREUDIANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru, para a obtenção do Título de Mestre em Comunicação.

Banca Examinadora:

Presidente: Prof. Dr. Jonas Gonçalves Coelho

Instituição: Universidade Estadual Paulista

Titular: Prof. Dr. José Coelho Sobrinho

Instituição: Universidade de São Paulo

Titular: Prof. Dr. André Luiz Gellis

Instituição: Universidade Estadual Paulista

Bauru, 02 de setembro de 2005.

Aos meus pais,

por sonharem junto comigo sempre

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Jonas, pela paciência, esforço e dedicação.

Ao meu namorado, Samir, por estar sempre me incentivando a voar mais e mais alto.

Ao meu irmão, Eduardo, que desde a infância me serviu de exemplo.

À minha irmã, Ana Paula, pela companhia nas horas mais difíceis e desafiadoras.

Aos amigos Silvio e Helder que, além de sempre gentis, não mediram esforços para me ajudar durante essa caminhada e torceram sinceramente para que tudo desse certo.

Aos colegas da Editora Alto Astral, Tanaka e Sandro, pelos conselhos, informações e materiais preciosos.

Às minhas amigas Ana Alice, Aline e Maria Paula, que tiveram paciência para me ouvir e apoiar durante toda a construção deste trabalho.

E, finalmente, a Deus, por acender sempre uma luz, quando a escuridão das incertezas e inseguranças se aproximavam.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES 10

RESUMO 14

ABSTRACT 15

INTRODUÇÃO 16

Capítulo I: TEORIAS DA COMUNICAÇÃO: Um mapeamento dos estudos que desenvolvem um olhar para o sujeito 23

1.1 Escola Norte-Americana 23

1.2 Escola de Frankfurt 39

1.3 Estudos Culturais 43

1.4 A Psicanálise Freudiana e a Comunicação 47

Capítulo II - A SEXUALIDADE E A CULTURA EM FREUD 53

2.1 Introdução 53

2.2 O id, o ego e o superego 59

2.3 O ser humano civilizado 62

2.4 A repressão na mídia..... 66

2.5 A sexualidade e a mídia 67

CAPÍTULO III - METODOLOGIA..... 71

3.1 O objeto de estudo 71

3.2 Constituição do “corpus” 72

3.3 Seleção das matérias 91

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DAS MATÉRIAS 126

4.1 Análise de Conteúdo Qualitativa 128

4.2 Análise dos Textos..... 129

4.3 Contribuições para a Análise 175

CONSIDERAÇÕES FINAIS 188

Referências Bibliográficas 195

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Modelo de suporte elaborado pela Teoria Matemática..... 36

Figura 2- Revista todateen, edição 76, março de 2002. Edição em que foi encartada a pesquisa através de cupom via correio de envio gratuito 83

Figura 3 - O sexo das leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa 84

Figura 4 - Faixa etária das leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa..... 86

Figura 5 - Escolaridade das leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa..... 87

Figura 6 - Cursos realizados pelas leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa 88

Figura 7- Renda pessoal das leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa 89

Figura 8 - Renda familiar das leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa 90

Figura 9- Atividades de lazer de leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa . 91

Figura 10- Principais baladas que as leitoras da revista todateen, que responderam a pesquisa, costumam freqüentar 92

Figura 11 - Gastos das leitoras da revista todateen, que responderam a pesquisa, com a mesada 93

Figura 12- Tipos de relacionamentos das leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa 94

Figura 13 - Idade ideal para a primeira transa, segundo as leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa 95

Figura 14 - Atitude das leitoras da revista todateen, que responderam a pesquisa, diante das revistas dentro das bancas.....96

Figura 15 - Relação das revistas lidas pelas leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa 97

Figura 16 - Período de fidelidade a leitura da revista todateen, levantada através das respostas das leitoras que participaram da pesquisa.....98

Figura 17 - Número de pessoas que lêem a revista, além da proprietária.....99

Figura 18 – Edição 66 / Título da matéria recusada para análise: Saúde Íntima / Subtítulo: você tem dúvidas sobre o seu corpo? Conheça alguns probleminhas que podem incomodá-la. 103

Figura 19 - Edição 71 / Título da matéria recusada para análise: Consulta ao ginecologista? / Subtítulo: Isso é mais simples do que você imagina. 103

Figura 20 - Edição 72 / Título da matéria recusada para análise: Você sabe tudo sobre sexo seguro? / Subtítulo: Confira se domina esse assunto superimportante.....104

Figura 21 - Edição 74 / Título da matéria recusada para análise: Cuidado com o calor! / Subtítulo: Dicas legais e importantes para ficar com a saúde em dia.....104

Figura 22 – Edição 75 / Título da matéria recusada para análise: Que encanação! / Subtítulo: Calma! Cada menina tem um ritmo próprio para se desenvolver.....104

Figura 23 - Edição 77 / Título da matéria recusada para análise: O que você queria saber sobre sexo... / Subtítulo: ELAS perguntaram!.....105

Figura 24 - Edição 79 / Título da matéria recusada para análise: Menstruação em grilos! / Subtítulo: Tudo o que você precisa saber sobre o assunto. 105

Figura 25 - Edição 65 / Título da matéria analisada: Transei e me arrependi! / Subtítulo: É hora de passar essa história a limpo!. 107

Figura 26 - Edição 67 / Título da matéria analisada: Ele quer uma prova de amor / Subtítulo: Fuja dessa cilada! Só você sabe o momento certo de partir para a transa. 109

Figura 27 - Edição 68 / Título da matéria analisada: Falando de sexo... / Subtítulo: Derrube o “muro” que existe entre você e seus pais 109

Figura 28 - Edição 69 / Título da matéria analisada: Namoro sem transa? / Subtítulo: Só depende de vocês... 109

Figura 29 - Edição 70 / Título da matéria analisada: Virgem por opção / Subtítulo: Tudo o que passa pela cabeça de quem decide não transar!. 109

Figura 30 - Edição 73 / Título da matéria analisada: Não sou mais virgem / Subtítulo: Isso é um problema? Veja como acabar com essa encanação. 109

Figura 31 - Edição 76 / Título da matéria analisada: Medo da 1ª. Vez / Subtítulo: Calma! A informação é a sua melhor amiga. 109

Figura 32 - Edição 78 / Título da matéria analisada: Eles pensam só naquilo? / Subtítulo: O que rola com os garotos quando o papo é sexo. 109

Figura 33 - Edição 80 / Título da matéria analisada: Enfim sós / Subtítulo: Vocês (finalmente) ficaram sozinhos. E agora?. 109

Figura 34 - Edição 81 / Título da matéria analisada: Sexo: prova de amor? / Subtítulo: Não caia nessa armadilha. 117

Figura 35 - Edição 82 / Título da matéria analisada: Masturbação / Subtítulo: Perguntas e respostas sobre a tal.... 109

Figura 36 - Edição 83 / Título da matéria analisada: SEXO: Depois da primeira vez / Subtítulo: Como essa experiência muda a sua vida? 129

Figura 37 - Edição 84 / Título da matéria analisada: Jovens mães / Subtítulo: A gravidez chegou (muito) antes da hora..... 109

ESCOVAR, Maira Regina Garcia. O tema sexo na revista todateen: um estudo Freudiano. 2004. 200f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, Setembro, 2005.

RESUMO

No Brasil, segundo pesquisa realizada, no ano de 2002, pela ANDI (Agência de Notícias dos Direitos da Infância), cerca de quatro milhões de jovens com idade entre 13 e 24 anos tornam-se sexualmente ativos por ano. Estes jovens são vulneráveis a doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada. A saúde pública no país, de modo geral, enfrenta grandes problemas, o que dificulta o trabalho de prevenção e atendimento aos jovens. Diante desta realidade e levando em conta a importância e influência dos veículos de comunicação de massa *teens*, este estudo analisa como as matérias jornalísticas destinadas aos adolescentes, publicadas na revista todateen, atendem a demanda do sujeito (no caso as leitoras), sob a ótica da teoria Freudiana que defende que o ser humano está em permanente conflito entre seus desejos sexuais e morais. O objetivo é identificar como os textos satisfazem as necessidades culturais da leitora, mostrando informações sobre a sexualidade que fazem parte das normas sociais vigentes, e como satisfazem as pulsões sexuais das adolescentes, trabalhando com seu mundo íntimo de forma especial. Assim, a partir da observação das preocupações técnicas e editoriais da revista todateen, ao transmitir informações relacionadas à sexualidade aos jovens, sob a ótica da teoria Freudiana e utilizando como ferramenta a análise de conteúdo, observamos de que forma as revistas investem no campo da sexualidade humana para atrair seus leitores.

Palavras-chave: sexualidade, mídia impressa, jornalismo, psicanálise.

ESCOVAR, Maira Regina Garcia. O tema sexo na revista todateen: um estudo Freudiano. 2004. 200p. Dissertation (Post-Graduate in Communication). Program of Post-Graduate in Communication. College of Architecture, Arts and Communication, UNESP, Bauru, September, 2005.

ABSTRACT

In Brazil, according to the research done, in the year 2002, by ANDI (Agency of News of Infancy´s Rights), almost 4 million of young people with age is between 13 and 24 years old become sexually actives a year. These youth are vulnerable to sexually transmissible diseases and unwelcome pregnancy. The public health in the country, generally, faces big problems, that makes difficult the work on prevention and reception to the young people. In front of this reality and considering the importance and influency of the teens mass communication, this study analize how the teens jornalistic subjects published in the todateen magazine attend the demand of the subject (in case, the readers), throught the optic of Freud´s theory that defends that the human being is always in conflict between his sexually and moral desires. The objective is to identify how texts satisfies the reader´s culture needs, showing information about the sexually that is part of the valid social rules, and how they satisfy the sexually instincts of teenagers, working with their private world in a special way. Therefore, from the observation of the todateen magazine´s techniques and publishing worries, when they transmit informations related to youth´s sexuality throught the optic of Freudian theory and using as a tool the analysis of the content, we notice the way the magazines invest in the human sexuality´s field to attract their readers.

Palavras-chave: sexuality, press media, journalism, psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

Os veículos de comunicação ocupam, hoje, um lugar de destaque na sociedade. Acessíveis a todas as pessoas, os meios de comunicação preenchem muitas vezes o lugar de amigos, pais e até educadores no lar de seus leitores. Neste trabalho falaremos sobre os leitores *teens*, definidos como jovens com idade entre 13 e 19 anos, que passam por uma fase cheia de dúvidas, questionamentos e inseguranças, e enxergam nas revistas uma forma de entender um pouco do universo adolescente. Eles querem tirar suas dúvidas em relação às mudanças que estão passando nessa fase da vida – tanto físicas quanto culturais - principalmente sobre aquelas temáticas que não encontram abertura para conversar e perguntar aos seus pais, amigos, médicos ou professores.

E a temática que é mais citada, tantos pelas publicações direcionadas aos jovens quanto pelas cartinhas e e-mails enviados pelo próprio público leitor à redação de tais veículos é, sem dúvida, a sexualidade.

Valladares (2001) chama a atenção para a importância de se falar a respeito do corpo do jovem e das relações entre as pessoas, o que, segundo ele, podem ajudar a neutralizar ou esclarecer algumas das perturbadoras situações a que estão expostos os adolescentes, pois atravessam uma fase de fantasias e ansiedades, de sentimentos contraditórios, divididos entre o despertar para o amor e os apelos do sexo.

Pensando neste contexto, o objetivo desta pesquisa é analisar como o conteúdo das matérias sobre sexualidade, publicadas na revista todateen, que é direcionada a jovem que está na fase da adolescência, reflete as demandas contraditórias do ser humano. A intenção é observar como a revista pretende satisfazer as demandas contraditórias do ser humano, que se divide entre seus desejos sexuais e morais. Afinal, é neste processo de intercalar conteúdos ligados à educação sexual e a pulsão dos jovens que a mídia consegue atrair seus leitores e mantê-los fiéis aos seus conteúdos. E, ao fazer isso, transmitem muito mais do que informações sobre sexualidade, mas também diversos conceitos.

> Não é de se admirar, pois, que apesar de os meios de comunicação concorrerem para mudanças drásticas nas atitudes morais, uma vez que propiciam a modificação de enfoques, de atitudes e de comportamento, o sexo continue uma questão polêmica, envolta em superstições, tabus, falso moralismo, constrangimentos, preconceitos, vergonha, ignorância e repressão. (VALLADARES, K. K., 2001, p. 14)

Sabemos que, ainda hoje, falar sobre sexo é algo proibido, pois o termo sempre é associado a coisas feias e inconvenientes. Porém, o estudo da sexualidade já pode ser encarado com seriedade, para fazer frente a uma demanda social cada vez maior de

informação e formação coletiva. O estudo da sexualidade propicia o crescimento global do indivíduo, do cidadão, nos planos intelectual, físico, afetivo-emocional e sexual. Pretende-se que tal crescimento, obtido de forma equilibrada e harmônica, torne o indivíduo mais completo e mais feliz com sua própria condição humana.

Embora seja necessário quebrar o tabu em torno do assunto, observa-se que algo de contraditório ocorre entre a escola, a família e os meios de comunicação de massa. Enquanto muitos pais e a própria escola não falam de sexualidade e agem como se seus filhos e alunos fossem "assexuados", poderosos meios de comunicação lançam modelos comportamentais diariamente em seus veículos. Contudo, não nos cabe julgar se tais modelos estão certos ou errados, queremos apenas identificá-los.

> A questionada revolução sexual espalhou-se pelos meios de comunicação, ou foi por estes promovida, mas não se vê, facilmente, as pessoas conversando abertamente sobre sexualidade (...) A grande maioria dos pais acha constrangedor conversar sobre sexo com seus filhos e só o faz quando estes se vêem envolvidos em problemas de difícil solução, quando uma conversa, muitas vezes, pode acabar estimulando a culpa. (...) Enquanto perdura a dificuldade dos pais em conversar abertamente com os filhos sobre o sexo, a mídia o faz a todo o momento, despejando milhares de estímulos através de telenovelas, programas, anúncios, filmes, etc. (VALLADARES, K. K., 2001, p. 18 e 19)

Devemos salientar que, apesar da maior liberdade sexual que os jovens têm nos dias atuais, conversar sobre sexo ainda não é como falar sobre qualquer assunto. Valladares (2001) defende que o problema sexual é um dos mais complexos para a sociedade do nosso

tempo e, como sempre ocorre em épocas de crise, sejam elas de caráter político, econômico ou social, o erotismo domina toda a atividade humana: a arte, a literatura, o cinema, a imprensa e a televisão.

Para refletir sobre o tratamento dado a sexualidade nos meios de comunicação de massa deve-se procurar entender a sua importância para o ser humano e para a sociedade. Procuraremos fazê-lo a partir da teoria Freudiana e sua compreensão a respeito do ser humano, apoiando-se principalmente nos textos: O mal estar da civilização, O futuro de uma ilusão e os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.

Segundo Freud, a sexualidade, a princípio, tem o próprio corpo como lugar privilegiado (fase oral, fálica e anal) mas, depois, desloca-se para um único objeto como, por exemplo, a mãe. Utilizando um menino como exemplo, podemos dizer que este prioriza a mãe e hostiliza o pai e outros competidores, como os irmãos.

Mas existe uma ambivalência de sentimentos, afinal, o garoto ao mesmo tempo em que deseja a morte do pai, seu maior rival, o ama e o vê como um herói, como um ideal que ele gostaria de atingir. O fim deste complexo, conhecido como Complexo de Édipo, ocorre quando o garoto teme a castração, diante da percepção da ausência do pênis nas meninas. Ele imagina que vai perder seu grande objeto de fonte de prazer e, diante desta vivência traumática, para não perder o amor dos pais, abandona a mãe como objeto sexual privilegiado.

Passa a sentir-se, então, culpado por ter desejado a morte do pai e começa a internalizar, a partir da observação e identificação com o pai, valores e, dentre eles, a restrição à sexualidade. Daí em diante, passa a usufruir apenas do prazer sexual permitido, ou seja, através de outras atividades e pessoas além de sua própria família. Assim, é

importante observar que, segundo o autor, a sexualidade opera a favor da vida social, na medida em que é inibida em sua primeira finalidade.

Neste contexto de repressão e incentivo à realização de apenas determinados desejos sexuais de ordem pulsional, para a possível vivência social, é que este trabalho pretende analisar como é trabalhada essa ambivalência do ser humano nos textos sobre sexualidade publicados na revista todateen[1].

E, como não poderia deixar de ser, para um estudo de comunicação torna-se necessário mostrarmos a evolução das teorias da informação para uma visão direcionada ao sujeito receptor dos processos da comunicação. E é nessa perspectiva que, para além das teorias da informação, utilizaremos a teoria freudiana complementando e aprimorando o estudo do ser humano, levando em conta a importância das hipóteses levantadas a partir de uma visão multidisciplinar dos problemas ligados à mídia.

A metodologia escolhida como instrumento de trabalho é a análise de conteúdo, pois, como defende Bardin (1977) para que haja rigor científico é necessário verificar as hipóteses e confrontar as impressões com os dados que as fizeram nascer. Assim, a partir da análise qualitativa das 13 matérias escolhidas como amostra para o trabalho, observaremos como as mensagens sobre sexualidade, elaboradas pela redação da revista todateen, são construídas atendendo a ambivalência do ser humano (divido entre seus desejos sexuais e morais).

[1] A grafia do nome da revista é toda com letras minúsculas, conforme citamos: “todateen”.

> A análise de conteúdo é uma pesquisa técnica cuja finalidade consiste em fazer inferências através da identificação sistemática e objetiva de características especificadas no interior do texto. [Cohn, 1975, p.317]

Através da análise de conteúdo examinaremos os textos sobre sexualidade publicados na revista todateen realizando as inferências necessárias, pois estas são consideradas os elementos mais importantes da análise de conteúdo. Isso porque as palavras, segundo Cohn (1975) não apenas refletem a significação do que imaginamos como sua natureza, mas também contêm a significação da natureza, disposição e interesse de quem fala. E a disposição e o interesse de quem fala refletem as pressões da situação social geral, que podem condicionar o tópico em discussão e engendrar a necessidade de atingir um efeito determinado sobre os demais. Assim, a natureza de quem fala inclui características de personalidade e estilos de expressão, derivados da experiência passada do indivíduo na família, na vizinhança, na escola ou no trabalho.

Desenvolveremos nossa exposição da seguinte forma:

- No capitulo I faremos um breve histórico das teorias da comunicação, enfocando o papel do sujeito receptor, que recebe cada vez maior importância nos processos de informação. Daremos ênfase à importância das hipóteses levantadas a partir do uso de outras disciplinas, como a psicologia, para o aperfeiçoamento dos estudos da comunicação.
- No capítulo II serão apresentados os principais conceitos de sexualidade, objeto de estudo deste trabalho, elaborados por Sigmund Freud, que permitem um olhar mais

elaborado para o sujeito, afinal o autor o vê como um ser social com desejos irredutíveis a educação.

- No capítulo III faremos uma breve apresentação do corpus desta pesquisa: a revista todateen. Consideramos importante também mostrar o perfil do público alvo desta publicação e a metodologia utilizada para a análise dos textos publicados.
- No capítulo IV será apresentada a análise do corpus da pesquisa, através da observação do material escolhido para a amostragem, que está delimitado dentro do período que vai de abril de 2001 a novembro de 2002. Nesta parte final, pretendemos desenvolver as inferências que identificarão no texto de que forma são trabalhadas e refletidas as contradições do ser humano.

1. TEORIAS DA COMUNICAÇÃO: UM MAPEAMENTO DOS ESTUDOS QUE DESENVOLVEM UM OLHAR PARA O SUJEITO

1.1. ESCOLA NORTE-AMERICANA

No início do século XX, os pesquisadores da Escola de Chicago, iniciaram o estudo das comunicações através de um enfoque microssociológico. Robert Ezra Park, Ernest Burgess e Charles Horton Cooley analisaram a comunicação sob a perspectiva da cidade.

Essas pesquisas demonstraram, de alguma forma, uma preocupação com o "outro" e não com a subjetividade do indivíduo. A Escola de Chicago existiu da primeira década do século até o início dos anos 40, e tinha como objetivo estudar o interacionismo social.

Seus estudos foram iniciados a partir da observação dos imigrantes europeus que aportavam na costa leste dos Estados Unidos. Para esta Escola, a cidade era tida como um tipo de "laboratório social".

> À medida que a sociedade vai ficando cada vez mais complexa - enquanto os membros da sociedade ficam mais preocupados com seus próprios interesses e desenvolvimento - perdem a capacidade para se identificar e se sentir em comunhão com outros. Acabam se tornando uma coletividade de indivíduos psicologicamente isolados, interagindo uns com os outros mas orientados para dentro, e vinculados entre si sobretudo por laços contratuais. [DeFleur, 1993, p.177]

Outro valor que a Escola de Chicago instituiu foi o da “ecologia humana”, bem antes de a ecologia ser uma palavra desgastada nos meios de comunicação de massa, como foi nas últimas duas décadas. Seus estudiosos percebiam a luta pelo espaço regendo as relações interindividuais. Desenvolveram, então, a noção de competição e a de divisão do trabalho. Atribuíam, todavia, um certo determinismo biológico às comunidades humanas.

Charles Horton Cooley, representante do Interacionismo Simbólico, foi muito influenciado por esta corrente. Ele desenvolveu estudos que procuravam demonstrar que a comunicação humana existia em decorrência das diversidades individuais. Estudou nos grupos primários - onde existem uma associação e cooperação íntima entre os indivíduos - o aprofundamento da experiência individual e a desintegração das relações sociais. Assim, a Escola de Chicago pode ser considerada a ancestral e fundadora da busca da intersubjetividade.

Para Cooley, as pessoas são capazes de relacionarem-se umas com as outras, não baseadas em suas características objetivas, mas somente por meio de impressões que criam a respeito das outras, graças às suas interações. Criamos idéias pessoais para cada indivíduo que conhecemos, e idéias mais gerais para pessoas de diferentes categorias, tomadas como coletividades. A idéia pessoal é uma construção de significados, um conjunto de atribuições imaginadas, que projetamos em cada um de nossos amigos e conhecidos como se fossem interpretações de suas reais personalidades. Cooley afirmava que somente criando essas “duplicatas” de pessoas reais em nossas mentes é que podemos nos empenhar em intenção social com as mesmas. Para ele, usamos a idéia pessoal que temos de cada pessoa como base para prever seu comportamento ou o de outras que se pareçam com ela. A idéia pessoal, dessa forma, torna-se a pessoa real. É só nela que um homem existe para outro, e

atua diretamente sobre sua mente. A sociedade seria, em suma, uma relação entre idéias pessoais.

Charles Cooley ainda desenvolvia o pensamento de que é preciso que tenhamos também uma idéia pessoal minuciosa de nós mesmos. Isso nos permite um conhecimento que nos ajuda a definir como devemos agir no relacionamento com outras pessoas. Saber que somos masculinos ou femininos, gordos ou magros, bonitos ou feios, inteligentes ou medíocres, é muito importante para a formação de nossas reações a outros, acerca dos quais temos idéias pessoais.

E todo comportamento na presença de outra pessoa é comunicação. Esta poderia ser a premissa da segunda escola que desenvolveu estudos sobre o campo intersubjetivo, de acordo com a seqüência escolhida para este trabalho: a Escola de Palo Alto.

Em 1940, os estudiosos da Escola de Palo Alto, Gregory Bateson, Erving Goffman e Paul Watzlawick, inspirados em ciências como a Antropologia, Lingüística, Matemática, Sociologia e Psiquiatria, trouxeram uma visão de “modelo circular”, no qual a comunicação é vista como um processo social permanente.

Para seus diversos estudiosos, a comunicação social deveria ser estudada pelas ciências humanas e a partir de um modelo próprio. A comunicação era vista dentro de um modelo circular retroativo, no qual o receptor tem papel tão importante quanto o emissor, daí notamos o início de uma busca pelo sujeito da comunicação dando-se o mesmo nível de importância para o emissor e o receptor. É a partir desse movimento em direção ao receptor que chegaremos na busca da subjetividade na comunicação. Sabemos que a essência da comunicação reside em processos relacionais e interacionais, como a Escola de Chicago, e não mais ao império dos meios de comunicação de massa sobre os indivíduos alienados em

suas massas. Dessa forma, todo o comportamento humano passa a ter valor comunicativo e as relações humanas são um vasto sistema de comunicação. É nesse momento que os estudos indicam para a interdisciplinariedade. Afinal, a comunicação colabora para as interações humanas e já vem sendo amplamente estudada pela sociologia, psicologia e outras ciências humanas.

> Já se evidenciava então a tensão que levaria à crise: a ausência de melhores elaborações sobre o mundo individual encontrava ressonância na sua própria incapacidade de responder a demandas crescentes para atualização dessa dimensão ante novas práticas sociais e culturais. Por outro lado, na própria realidade imediata dos sistemas sociais havia dificuldades para a manutenção de utopias que viabilizassem a pertinência conceitual dos paradigmas que as sustentavam. Entre indivíduo e sociedade, sujeito e objeto, teoria e prática começavam a surgir rupturas e crises, e conseqüente busca de alternativas. De toda as crises, talvez a da insuficiência explicativa dos paradigmas tenha sido a que primeiro teve ressonância e permitiu perceber a extensão das transformações em curso. [Sousa, 1995, p. 22]

Sousa afirma que as direções das produções acadêmicas em comunicação traduzem essas crises por ele citadas. Por isso é que passam a envolver entrecruzamentos inicias de paradigmas e teorias, tanto quanto de disciplinas.

1.1.1. Mass Comunication Research

Depois dos anos 60, surge a *Mass Comunication Research*, através justamente de estudos da Engenharia das Comunicações, da Psicologia e da Sociologia. O precursor desses estudos foi Harold Lasswell. Em 1927, ele iniciou uma pesquisa sobre a influência do cinema nas crianças. Os principais resultados desses estudos foram sistematizados em

três teorias:

a) Teoria Matemática;

b) Corrente Funcionalista;

c) Efeitos da Comunicação.

Podemos notar, já no modelo americano de estudos em comunicação o uso da Psicologia, assim como a Sociologia e outras ciências humanas, como ferramenta de análise. A unidade a esse conjunto de estudos dos *Mass Comunication Research* se dá através de quatro afirmações:

1 todos os estudos são orientados de forma empiricista, sendo a maioria através de pesquisas quantitativas;

2 seguem a forma pragmática de pesquisa, ou seja, muitas vezes levam mais em conta a força política - através das pressões de Estado e Forças Armadas que queriam otimizar resultados - do que a força científica;

3 os estudos são voltados para a Comunicação Midiática

4 seguem o Modelo Comunicativo

Quando pontuamos que a força política é responsável pela forma pragmática de pesquisa, temos como exemplo a teoria hipodérmica, que será conceituada no final desse texto, conhecida por olhar para o receptor com um sujeito passivo. Hohlfeldt (2002, p.222) afirma que esta teoria considerava o conceito de massa uniforme e indefesa, oriundas, sobretudo, das experiências da 1ª. Grande Guerra e dos sistemas políticos autoritários então

vigentes. Esquerda e direita visualizavam esta perspectiva, ainda que sob ângulos e motivos diversos: para a esquerda era importante acreditar no poder absoluto das fontes, diante do papel de vanguarda que as lideranças partidárias deveriam desenvolver perante a massa. Quanto à direita, era uma boa desculpa para desqualificar o público, considerado anonimamente, justificando os sistemas ditatoriais e práticas sensoriais. Veremos, então, as três principais correntes do *Mass Comunication Research* para observarmos também as teorias onde a subjetividade foi colocada de lado.

1.1.1.1. Teoria Matemática

A idéia de que a comunicação é uma transmissão de mensagens surge na obra pioneira de Shannon e Weaver: A Teoria Matemática da Informação. Desenvolvida em 1949, o modelo de comunicação que estes autores apresentam é conhecido entre todos os pesquisadores de área: uma fonte que passa a informação a um transmissor, que a coloca num canal (sujeito a ruído), que a leva a um receptor, que a passa a um destinatário.

Fonte de Informação → Transmissor → Canal → Receptor → Destino

Figura 1 - Modelo de suporte elaborado pela Teoria Matemática.

Trata-se de um modelo linear de comunicação, simples, mas extraordinariamente eficiente na visualização e resolução dos problemas técnicos da comunicação. Contudo, Shannon e Weaver reivindicam que o seu modelo não se limita aos problemas técnicos da

comunicação, mas também se aplica aos problemas semânticos e aos problemas pragmáticos da informação. Efetivamente, distinguem três níveis no processo comunicativo: o nível técnico, relativo ao rigor da transmissão dos sinais; o nível semântico, relativo à precisão com que os signos transmitidos convêm ao significado desejado; e o nível da eficácia, relativo à eficácia com que o significado da mensagem afeta da maneira desejada a conduta do destinatário.

Elaborado durante a Segunda Guerra Mundial nos laboratórios da Bell Company, o modelo comunicacional de Shannon e Weaver ainda é considerado por muitos pesquisadores como uma extensão de um modelo de engenharia de telecomunicações. Afinal, a teoria matemática da comunicação visa à precisão e a eficiência do fluxo informativo. E, a partir desse objetivo primeiro, desenvolveram-se conceitos fundamentais para os estudos de comunicação, conceitos estes tão importantes como quantidade de informação, quantidade mínima de informação (bit), redundância, ruído, transmissor, receptor e canal. De fundamento físico-matemático, o modelo utiliza recursos conceituais como probabilidade e entropia, relacionados à redundância e novidade, para mensurar a quantidade de informação transmitida no sistema. O modelo é amplamente aplicável, podendo se verificar na comunicação de massa, interpessoal ou mesmo na comunicação processada entre máquinas.

Como já foi dito anteriormente, este se tornou o modelo de suporte para todas as pesquisas da *Mass Comunication Research*, porém não há nele nenhum indício de procura da subjetividade na comunicação.

1.1.1.2. Corrente Funcionalista

A Teoria Funcionalista, como o próprio nome indica, se preocupou com as funções dos Meios de Comunicação e adotou uma linha sociopolítica: ela saiu do indivíduo e concentrou-se na sociedade. As pesquisas caracterizadas como integrantes da Corrente Funcionalista preocupam-se com a dinâmica do sistema social. Os estudos foram originados a partir da pesquisa de Lasswell e dão um enfoque maior às funções exercidas pela comunicação na sociedade. Trazem hipóteses sobre as relações entre indivíduos, sociedade e meios de comunicação. A linha seguida é a sociopolítica, pois esses pesquisadores buscam o equilíbrio social.

O estrutural-funcionalismo está baseado na teoria sociológica e também na visualização da comunicação social realizada por organismos, ou seja, com partes, cada qual com seu papel, que gera um todo, funcional ou não.

As principais funções da comunicação, levantadas pelos pesquisadores da corrente funcionalista, são: de vigilância (informativa, de alarme), integração (correlação das partes) e educativa (transmissão de herança cultural) levantadas por Lasswell; recreativa levantada por Charles Wright Mills; de status (coesão à hierarquia da sociedade), normatização (execução de normas sociais) e narcotizante (disfunção) levantadas por Paul Lazarsfeld e Robert Merton.

Na evolução dos estudos de comunicação, Wolf (1987) afirma que a teoria funcionalista ocupa uma posição muito precisa que consiste na definição da problemática dos meios de comunicação de massa a partir do ponto de vista da sociedade e do seu

equilíbrio, da perspectiva do funcionamento do sistema social no seu conjunto e da contribuição que seus componentes dão a esse funcionamento.

> Se a teoria hipodérmica estava ligada ao objetivismo e descrevia a ação comunicativa como uma mera relação automática de estímulo e resposta, reduzindo a dimensão subjetiva da escolha em favor do caráter manipulável do indivíduo e, acima de tudo, reduzindo a ação humana a uma relação de causalidade linear, a teoria sociológica do estrutural-funcionalismo salienta a ação na sua adesão aos modelos de valores interiorizados e institucionalizados. [Wolf, 1987. p. 55]

O autor salienta que a sociedade deixa de ser meio para se procurar atingir os fins dos indivíduos. São os indivíduos, na medida em que exercem uma função, que se tornam meio para se procurar atingir os fins da sociedade e, em primeiro lugar, da sua sobrevivência auto-regulada.

Podemos inferir que a corrente funcionalista, apesar de buscar o entendimento da sociedade, já delineia uma visão - diferentemente da *Mass Comunication Research* - direcionada às relações sociais e, conseqüentemente, ao indivíduo. Ainda não é possível visualizar a busca pela subjetividade nesta teoria, mas ao menos um esforço para o estudo dos indivíduos, mesmo que voltados para suas funções sociais.

1.1.1.2.1 Formalização do Processo Comunicativo

Não poderíamos deixar de citar a principal contribuição, conhecida como Questão-Programa de Lasswell, proposta em 1948, que descreve o ato da comunicação respondendo

as seguintes perguntas:

1 Quem?

2 Diz o quê?

3 Em que canal?

4 Para quem?

5 Com que efeito?

> A fórmula de Lasswell possui uma estreita ligação com o outro modelo comunicativo dominante na Mass Communication Research, o da Teoria da Informação. Os dois modelos se caracterizam pela unidirecionalidade, pela pré-definição de papéis, pelo congelamento e simplificação do processo. Se, no caso da Teoria da Informação, a preocupação incide sobre a eficácia do canal (...), na questão-programa de Lasswell o centro do problema está nos efeitos provocados pelas mensagens ou pelos meios de comunicação, e a ênfase sobre a técnica é menor. [Hohlfeldt, 2001, p. 124]

A partir desse estudo, as pesquisas em comunicação se organizaram em setores específicos - podemos considerar um setor específico em cada uma das interrogações levantadas por Lasswell.

> O modelo lassawelliano: quem? obtém o quê? quando? de que forma? (...) define e organiza um setor específico da pesquisa: a primeira caracteriza o estudo dos emissores, ou seja, a análise do controle sobre o que é difundido. Quem, por sua vez, estudar a segunda variável, elabora a análise do conteúdo das mensagens, enquanto que o estudo da terceira variável dá lugar à análise dos meios. [Wolf, 1987, p. 24]

No modelo de Lasswell não encontramos diretamente uma elaboração teórica que privilegia o sujeito, porém seu modelo abre espaço para análises segmentadas na comunicação e, dentre elas, a resposta à questão “o que?”, será importante em nosso

trabalho, pois é a partir do que é publicado que encontramos subsídios, através da análise de conteúdo, para verificarmos a subjetividade presente no texto.

Dentre as principais análises realizadas a partir da Questão-Programa de Lasswell estão a Análise de Conteúdo, que será amplamente utilizada e conceituada no tópico: “Metodologia”, e os Efeitos da Comunicação.

1.1.1.3. Efeitos da Comunicação

Diferentemente dos Funcionalistas, os estudiosos dos Efeitos da Comunicação, na década de 20, preocuparam-se com a audiência, os efeitos de campanhas políticas e propagandas.

A Teoria Hipodérmica, da Bala Mágica ou Correia de Transmissão, nomes pelos quais é conhecida, trouxe a análise da ação dos meios de comunicação nos indivíduos. Os principais representantes dessa teoria são Mauro Wolf e Armand Mattelart. O estudo leva em conta a sociedade industrial, onde os indivíduos estão isolados física e psicologicamente. São utilizadas as teorias behavioristas, pois é através da ação humana que se obtém uma resposta ao estímulo externo. A teoria vê os meios de comunicação como onipotentes, enquanto que os indivíduos são vistos de forma passiva na relação. Essa consideração justifica o nome da teoria, afinal, hipodérmica vem de “agulha hipodérmica”, em que os efeitos são diretos, sem contar com a interferência de outros fatores. A teoria hipodérmica é uma das principais correntes que despreza a subjetividade na comunicação.

Nos estudos realizados por ela, cada indivíduo, desconsiderando-se os fatores

históricos, sociais e emocionais de sua vida, era diretamente atingido e manipulado pelas mensagens veiculadas. Tal linha de pesquisa surgiu no período entre guerras - marcado pelos regimes totalitários - e dava crédito à manipulação das massas por meio da mídia. As relações interpessoais não interessavam, e cada pessoa era encarada como um ser passivo e submisso, sem vontade própria, cujo pensamento era complemente inibido quando estava agrupado a alguma massa.

> Historicamente, a teoria da bala mágica coincide com o período das duas guerras mundiais e com a difusão em larga escala das comunicações de massa. (...) Os principais elementos que caracterizam o contexto da teoria hipodérmica são, por um lado, a novidade do próprio fenômeno das comunicações de massa e, por outro lado, a ligação desse fenômeno às trágicas experiências totalitárias daquele período. [Wolf, 1987, p. 18]

Wolf afirma ainda que a principal componente da teoria hipodérmica é a presença explícita de uma teoria da sociedade de massa, enquanto no aspecto comunicativo opera complementarmente uma teoria psicológica da ação. Por isso é válido citá-la em nosso trabalho, afinal, como foi dito, ela visualiza uma teoria psicológica na comunicação, mas direcionada a ação dos meios sobre os receptores, sem dar conta da individualidade. Fica claro que a subjetividade não está presente nesse estudo, mas a importância dela para as pesquisas em comunicação é ímpar.

Para a Teoria dos Efeitos, havia também um grande interesse em se compreender o mecanismo da persuasão. A mídia agia como agulha hipodérmica, injetando suas “verdades”, modificando o comportamento social por meio de manipulações, e buscando a melhor organização das mensagens. Assim, as abordagens de persuasão, realizadas na Escola Americana de Efeitos, debruçam-se em fenômenos psicológicos individuais que

constituem a ação comunicativa e percebem que:

> Entre a ação dos meios e os efeitos, atuam uma série de processos psicológicos, tais como o interesse em obter determinada informação, a preferência por determinados tipos de meio, a predisposição a determinados assuntos e as diferentes capacidades de memorização. [Hohlfeldt, A., 2001, p. 126]

Apesar do modelo teórico das Abordagens de Persuasão ser bastante semelhante ao da Teoria Hipodérmica - mesma concepção de causa e efeito, mesma negligência em relação às relações interpessoais - aqui já se desenvolve um quadro analítico de certa forma mais complexo, pois se percebe que os efeitos não são diretos, mas sim se defrontam com outros fatores, principalmente psicológicos e individuais, o que quebra a linearidade do processo.

> A teoria dos meios de comunicação resultante dos estudos psicológicos experimentais consiste, sobretudo, na revisão do processo comunicativo entendido como uma relação mecanicista e imediata entre estímulo e resposta, o que torna evidente, pela primeira vez na pesquisa sobre os *mass media*, a complexidade dos elementos que entram em jogo na relação emissor, mensagem e destinatário. [Wolf, 1987. p. 28]

Dessa forma, percebemos que na Escola Americana de Efeitos já é possível observar uma visão do processo comunicativo evidenciando-se a necessidade dos estudos voltados para a subjetividade do receptor.

Ainda dentro dessa corrente é interessante citar que descobriu-se que a organização da mensagem interfere no processo de persuasão. Fatores como credibilidade do comunicador, ordem de argumentação, integralidade das argumentações e explicitação da conclusão da mensagem influenciam de forma considerável na eficácia dos efeitos.

Sobre a credibilidade, Wolf (1987) mostra que em estudos experimentais feitos acerca desta variável interrogam-se sobre se a reputação da fonte é um fator que influência as mudanças de opiniões suscetíveis de serem obtidas na audiência e, paralelamente, se a falta de credibilidade do emissor pode incidir de forma negativa na persuasão. Ficou claro que pode até existir apreensão de um conteúdo vindo de uma fonte sem credibilidade, mas só são aceita aquelas informações vindas dos escassos meios confiáveis.

Já sobre a explicitação da conclusão da mensagem o autor, apesar de indicar que é impossível dar uma resposta absoluta, mostra que as pesquisas realizadas explicam algumas correlações estáveis entre este aspecto particular da mensagem e outras variáveis psicológicas individuais. Uma dessas variáveis relaciona-se com o grau de envolvimento do indivíduo no assunto tratado: quanto maior for esse envolvimento, mais útil será deixar as conclusões implícitas. E, da mesma forma, quanto mais profundo for o conhecimento que o público tem sobre o assunto ou quanto mais elevado for o nível intelectual, menos necessária será a explicitação das conclusões. Ao contrário, no caso de assuntos complexos, para públicos pouco familiarizados com eles, as conclusões explícitas concorrem para a eficácia persuasiva da comunicação. Notamos aí uma preocupação com as variáveis psicológicas individuais, pois este aspecto passa a ser importante para a interferência no processo da persuasão e, de certa forma, podemos observar também uma preocupação da comunicação com os aspectos subjetivos.

Já a Teoria dos Efeitos Limitados traz uma abordagem mais social e psicológica. Kurt Lewin realiza a pesquisa sobre o relacionamento do indivíduo dentro de um grupo. Leon Festinger desenvolve a Teoria da Dissonância Cognitiva. Paul Lazarsfeld analisa a composição de públicos e modelos de consumo, destacando o líder de opinião. Segundo

Wolf (1987) esses líderes representam a parcela de opinião pública que procura influenciar o resto das pessoas de uma determinada sociedade e que demonstra uma capacidade de reação e de resposta mais atenta aos acontecimentos. São aquelas pessoas mais envolvidas, interessadas nos temas de discussão e dotadas de maiores conhecimentos sobre o assunto discutido.

Estas pesquisas representam a inclusão dos contextos sociais em que vivem os indivíduos. Trata-se do primeiro momento em que os pesquisadores da área percebem a influência das relações interpessoais na configuração dos efeitos da comunicação. Da idéia de efeitos diretos chega-se, enfim, a idéia de um processo indireto de influência.

Joseph Klapper afirma que os meios de comunicação não são causa única dos efeitos, mas estão envolvidos no meio de muitos outros fatores que englobam o processo dos efeitos da comunicação. Esse tipo de constatação acaba obrigando as pesquisas de comunicação a cada vez mais levar em conta os fatores *extra media*. Exige-se principalmente a incorporação da vivência das pessoas, ou seja, das relações interpessoais que os indivíduos se encontram.

> Os elementos do público não se expõem à rádio, à televisão, à revista ou ao jornal num estado de nudez psicológica; pelo contrário, apresentam-se revestidos e protegidos por predisposições já existentes, por processos seletivos e por outros fatores. [Wolf, 1987 , p. 33]

E enfim, a partir dos anos 60, depois de um diálogo com outros estudos Norte-Americanos, antes marginalizados, como o Interacionismo Simbólico e a Escola de Palo Alto, e também com pesquisas européias, surgem novas abordagens e orientações para os estudos da comunicação. Uma delas é a corrente dos “usos e gratificações”. Os pesquisadores Katz, Blumler e Elliott passam a questionar: “O que os meios de

comunicação fazem com as pessoas?". Esse questionamento os leva, em seguida, a pensarem no uso que as pessoas fazem dos meios.

A mudança de perspectiva no questionamento da comunicação, segundo Wolf (1987) baseia-se no pressuposto de que, geralmente, mesmo a mensagem mais potente dos meios de comunicação de massa não pode influenciar um indivíduo que não faça uso dela no contexto sócio-psicológico em que vive. Assim, os efeitos da comunicação são entendidos como conseqüência das satisfações às necessidades experimentadas pelo receptor.

Dessa forma podemos dizer que o receptor é também um iniciador. Ele, de certa forma, age sobre a informação que está à sua disposição e utiliza-a. Abre-se, então, caminho para se investigar a apropriação promovida pelos receptores das mensagens. O receptor transforma-se em um sujeito agente, capaz de interpretar e satisfazer suas necessidades, abrindo campo para o entendimento da sua subjetividade.

Já a teoria dos efeitos em longo prazo, ou a hipótese de *agenda setting* como é mais comumente conhecida, pensa a ação dos meios de comunicação não mais como formadores de opinião e causadores diretos dos efeitos, mas sim como alteradores da estrutura cognitiva das pessoas. A teoria defende que é o próprio modo em que cada indivíduo conhece o mundo é que é modificado com a ação dos meios de comunicação de massa. É a "agenda" produzida pelos temas e assuntos colocados em pauta na sociedade através dos veículos de comunicação.

> Em conseqüência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descura, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm a

> tendência de incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. [Wolf, 1987, p. 128]

Os pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw, pioneiros na apresentação da hipótese do agendamento, ao tratar deste tema, confirmam que a mídia tem a capacidade de influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública, estabelecendo um pseudo-ambiente fabricado e montado pelos meios de comunicação. É nesta direção que a subjetividade toma forma, afinal, é imprescindível identificar o que o público realmente sabe ou ignora, presta atenção ou não, realça ou negligencia, para se medir o poder do agenciamento.

1.2. ESCOLA DE FRANKFURT

São os pensadores e cientistas sociais alemães, como Theodor Adorno, Max Horkheimer (responsáveis pela criação do conceito de Indústria Cultural), Erich Fromm, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Siegfried Kracauer e Jürgen Habermas que desenvolvem as teorias da Escola de Frankfurt.

É importante citar que nenhum desses pesquisadores fazia parte de uma escola de comunicação, mas como pensadores independentes agrupavam-se apenas pela vontade de elaborar uma teoria crítica da sociedade. Enquanto investigavam a arte, a política, a vida cotidiana e a literatura, chegaram aos estudos dos meios de comunicação.

Os Frankfurtianos negaram-se a aceitar que os fenômenos da comunicação constituem um objeto da ciência especializada ou podem ser estudados de forma independente. Segundo esses pesquisadores, as comunicações só adquirem sentido em relação a toda sociedade, do qual são mediação e, por isso, precisam ser estudadas com base nos processos históricos globais da sociedade. A tentativa, segundo Wolf (1987), era fundir o comportamento crítico nos confrontos com a ciência e a cultura com a proposta política de uma reorganização racional da sociedade, de modo a superar a crise da razão.

> A identidade central da teoria crítica configura-se, por um lado, como construção analítica dos fenômenos que investiga e, por outro lado e simultaneamente, como capacidade para atribuir esses fenômenos às forças sociais que os provocam. Segundo este ponto de vista, a pesquisa social levada a efeito pela teoria crítica, propõe-se como teoria da sociedade entendida como um todo; daí a polêmica contra as disciplinas setoriais, que se especializam e diferenciam progressivamente campos distintos de competência. Procedendo assim, essas disciplinas - veiculadas à sua correção formal e subordinadas à razão instrumental - desviam-se da compreensão da sociedade como um todo e, por conseguinte, acabam por desempenhar uma função de manutenção da ordem social existente. A teoria crítica pretende ser o oposto, pretende evitar a função ideológica das ciências e das disciplinas setorizadas. [Wolf, 1987, p. 71]

Os pensadores da teoria crítica partiram, então, de teses de grandes pensadores como Freud, Nitzsche e Marx, para recriar idéias de cultura, homem e sociedade para a realidade do capitalismo do século XX. E, nessa perspectiva, passam a olhar para a comunicação com o auxílio de outras disciplinas das ciências humanas.

Wolf (1987) defende que a originalidade dos autores da Escola de Frankfurt consiste em enfrentarem as temáticas novas e se aproveitarem das dinâmicas societárias da época como, por exemplo, o autoritarismo, a indústria cultural e a transformação dos conflitos sociais nas sociedades altamente industrializadas.

Segundo os autores da Escola de Frankfurt, os tempos modernos trouxeram a utopia de que poderíamos construir uma sociedade justa e com realizações individuais. Ou seja, a modernidade concebeu um projeto coletivo cujo sentido era libertar o homem das opressões sociais e autoridades místicas, mostrando que o ser humano poderia ser sim autodeterminado. Mas a história mostraria, mais tarde, que esse projeto continha algumas contradições internas. Isso porque os progressos econômicos, científicos e tecnológicos não podem ser separados da criação de novas sujeições e, portanto, do aparecimento de uma série de patologias culturais, que acabam por vitimar muitas camadas da sociedade. Essa é que é considerada pelos frankfutianos a Dialética do Iluminismo.

Adorno e Horkheimer propuseram, em 1944, durante a 2ª. Grande Guerra, enquanto estavam refugiados nos Estados Unidos, o conceito de Indústria Cultural. Eles basearam esse conceito na revolução social em que acreditavam e que em todas as partes do mundo observavam que fracassara. Mesmo na América, longe da barbárie nazista, esses pensadores perceberam que os regimes democráticos tinham tendências totalitárias.

Segundo Adorno e Horkheimer, nas sociedades capitalistas, as pessoas são mobilizadas a se engajarem nas tarefas necessárias à manutenção do sistema econômico e social através do consumo estético massificado, articulado pela própria indústria cultural. Dessa forma, as tendências à crise social e individual são combatidas, entre outros meios, através da exploração mercantil da cultura e dos processos de formação da consciência humana.

Assim, o possível conteúdo libertador das comunicações é freado, pois as mensagens tornam-se presas à ordem social vigente. A máquina da indústria cultural, como explica Wolf (1987), ao preferir a eficácia dos seus produtos, determina o consumo e exclui

tudo o que é novo, tudo o que se configura como risco inútil. E a figura da Indústria Cultural é, segundo os pensadores, uma prova de como os meios do Iluminismo progressista podem, no limite, se transformar em expressões de uma espécie de barbárie tecnológica.

Eles mostram que, na era da indústria cultural, o indivíduo deixa de decidir de forma autônoma. Os conflitos que existem entre os impulsos e a consciência soluciona-se com a adesão acrítica dos valores impostos. A subjetividade atinge assim seu clímax, afinal, é na formação da consciência do indivíduo – dividido entre seus desejos e privações – que a indústria cultural, segundo os pensadores desta corrente, age. Dessa forma Wolf (1987) explica que aquilo que, em outros tempos, os filósofos chamavam de vida, reduziu-se à esfera do privado e, posteriormente, à do consumo puro e simples, que não é mais do que um apêndice do processo material da produção, sem autonomia e essência própria.

> A individualidade é substituída pela pseudo-individualidade. O sujeito encontra-se vinculado a uma identidade sem reservas com a sociedade. A ubiqüidade, a repetitividade e a estandardização da indústria cultural fazem da moderna cultura de massa um meio de controle psicológico inaudito.[Wolf, 1987, p.75]

Além desse controle psicológico realizado pela cultura de massa, segundo Hohlfeldt (2001), Horkheimer, Adorno e Marcuse apontam para a produção de obras culturais que, com a Indústria Cultural, passa a ser orientada pelo consumo no mercado. Os pensadores afirmam que a prática da indústria cultural converte-se em uma espécie de sistema que a tudo abarca e em que todos os setores harmonizam reciprocamente. Dessa forma, a produção estética integra-se com a produção mercantil e, nesse momento, a produção cultural é obrigada a passar pelo filtro da mídia enquanto máquina da publicidade.

1.3. ESTUDOS CULTURAIS

Os Estudos Culturais foram iniciados através do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), na Inglaterra do pós-guerra, em meados de 1964. O centro surge ligado ao *English Department* da Universidade de Birmingham. Segundo Hohlfeldt (2001), as principais observações do centro estão relacionadas à cultura contemporânea, sociedade e história, a partir da alteração de valores tradicionais da classe operária inglesa depois da guerra.

Wolf (1987) cita que, na visão dos estudos culturais, a eficácia da cultura de massa baseia-se na sua adequação às aspirações e às necessidades existentes. A cultura de massa encontra o seu terreno ideal onde o desenvolvimento industrial e técnico cria novas condições de vida que desagregam as culturas anteriores e fazem emergir novas necessidades individuais. Os conteúdos essenciais da cultura de massa são os das necessidades privadas, afetivas (felicidade, amor), imaginárias (aventura, liberdade) ou materiais (bem-estar), ou seja, aspectos subjetivos incluindo os principais desejos das pessoas. Assim, conforme as transformações vão incrementando tais necessidades, essa cultura difunde-se, contribuindo para enraizar este sistema de valores. Dessa forma, o consumo dos produtos torna-se, simultaneamente, autoconsumo da vida individual e auto-realização.

Os três autores, segundo Hohlfeldt (2001), considerados fundadores dos Estudos Culturais são Richard Hoggart, Raymond Williams e John B. Thompson. O que os une é a perspectiva da atividade humana e da produção ativa de cultura, ao invés de seu consumo

passivo.

Hoggart tem como foco os materiais culturais da cultura popular e dos meios de comunicação de massa que antes eram desprezados. Ele realiza uma pesquisa qualitativa para mostrar que no âmbito popular não existe apenas submissão, mas também resistência. É importante citar que esse seu estudo será mais tarde retomado pelos Estudos de Audiência dos meios massivos.

Já a contribuição de Williams está ligada à história literária. Ele mostra que a cultura conecta a análise literária com a investigação social e assim traz debates sobre o impacto cultural dos meios de comunicação de massa, o que acaba sendo de certa forma pessimista em relação à cultura popular e aos meios de comunicação.

Thompson também defendia a tese de que a cultura era uma rede vivida de práticas e relações que constituía a vida cotidiana e nesse contexto o indivíduo estava em primeiro plano. Porém, acreditava que a argumentação de Williams tornava-se limitante ao passo que não dava ênfase à questão do enfrentamento entre classes sociais diferentes, literaturas alternativas e formas culturais de oposição.

Stuart Hall destaca-se como outro autor de grande importância para a formação dos Estudos Culturais Britânicos. De 1968 a 1979 ele esteve à frente da direção do Centro, substituindo Hoggart e incentivando a investigação de práticas de resistência de subculturas e análises dos meios de comunicação de massa.

Em linhas gerais os autores citados acima defendem a idéia de que a análise da cultura de uma sociedade - formas textuais e práticas documentadas - podem reconstituir o comportamento padronizado e idéias dos seus autores - no caso de formas textuais - e

atuantes - no caso das práticas documentadas.

Os pilares dos Estudos Culturais são:

a) Identificação da cultura como um projeto distinto de estudo

b) Percepção de que as classes populares possuem suas próprias formas culturais

c) Entendimento de que a cultura deve ser estudada de forma interdisciplinar

Mais uma vez a interdisciplinaridade é citada como um pilar para os estudos da comunicação. Segundo Wolf (1987), o interesse dos estudos culturais centra-se, principalmente, na análise de uma forma específica de processo social, relativa à atribuição de sentido à realidade, à evolução de uma cultura, de práticas sociais partilhadas, de uma área comum de significados. O objetivo é definir o estudo da cultura própria da sociedade contemporânea como um campo de análise conceitualmente relevante, pertinente e teoricamente fundamentado.

Foi assim que, na década de 70, percebeu-se a importância dos meios de comunicação de massa para a formação de ideologias e entretenimento. Stuart Hall partiu da análise textual de mensagens emitidas pelos meios de comunicação para descobrir os efeitos desses veículos. Em seqüência, ainda nos anos 70, os pesquisadores de Birmingham (CCCS) passam a dar mais atenção para a recepção e a densidade dos consumos midiáticos. Já na segunda metade dos anos 80 fica clara a mudança de interesses dos pesquisadores que agora deixam de lado o texto para analisar a audiência dos meios de comunicação.

Mas é mister salientar que, ainda nos anos 70, o feminismo tomou a cena das discussões e as pesquisas em torno das diferenças de gênero e a idéia de resistência

marcaram o período de forma decisiva. E foi no estudo desse movimento que foram incluídas questões em toro do subjetivo e do sujeito, diminuindo a fronteira entre os estudos sociais e os estudos do inconsciente.

> Hall aponta o feminismo como uma das rupturas teóricas decisivas que alterou uma prática acumulada em Estudos Culturais, reorganizando sua agenda em termos bens concretos. Desta forma, destaca sua influência nos seguintes aspectos: a abertura para o entendimento do âmbito pessoal como político e suas conseqüências na construção do objeto de estudo dos Estudos Culturais; a expansão da noção de poder que, embora bastante desenvolvida, tinha sido apenas trabalhada no espaço da esfera pública; a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão da própria categoria "poder"; a inclusão de questões em torno do subjetivo e do sujeito e, por último, a "reabertura" da fronteira entre teoria social e teoria do inconsciente-psicanálise. (HOHLFELDT, A., 2001, p.162)

Assim podemos acrescentar aos Estudos Culturais a interesse por subculturas, questões de gênero, raças, etnias e, claro, pelos meios de comunicação, abrindo portas para a análise da subjetividade do receptor da comunicação.

A partir dos anos 80, o projeto dos estudos culturais começa a se expandir para outros territórios, além da Grã-Bretanha, passando por mudanças importantes devido à ação da globalização no processo de desestabilização de identidades sociais. Armand Mattelard e Eric Neveu apontam para a idéia de uma "virada" nesse período, pois os estudos passaram a enfatizar a recepção dos meios de comunicação.

David Morley, ao desenvolver uma pesquisa sobre o programa de televisão *Nationwide*, abre caminho para análises de processos de consumo e codificação junto à audiência. Nesse contexto, o estudo da audiência passa a ser o formato de novas modalidades de análise dos meios de comunicação para os Estudos Culturais.

Devemos lembrar que os Estudos Culturais não se limitam à análise dos meios de comunicação de massa, pelo contrário. Já dissemos que se trata de um estudo multidisciplinar. Porém, como o intuito desse trabalho é a análise da mídia, julgamos importante salientar que a principal questão dos estudos está ligada justamente à reflexão sobre o papel dos meios de comunicação na constituição das identidades de seus receptores, através das mensagens carregadas de valores que interferem na subjetividade dos mesmos.

Também é importante ressaltar que, apesar de ter se originado na Grã-Bretanha, hoje, os Estudos Culturais tornaram-se uma problemática teórica internacional e, na América Latina, o maior representante desses estudos é Jesús Martín-Barbero .

1.4. A PSICANÁLISE FREUDIANA E A COMUNICAÇÃO

Mapeando as principais teorias da comunicação, podemos perceber claramente a tendência, que caminha junto à evolução dos estudos da informação, em se enfocar os aspectos subjetivos da comunicação, com o auxílio de outras disciplinas. Sousa (1995) salienta que os enfoques que demonstram mudanças nas práticas de comunicação e cultura refletem também novas estratégias interdisciplinares em curso, visando não apenas superar os limites até então encontrados como também dar conta de forma mais efetiva da contribuição do conhecimento diante da pluralidade e velocidade das mudanças que caracterizam a sociedade atual.

Durante os últimos três séculos, prevaleceu à idéia de que a racionalidade dos

> discursos e das ações depende de processos prévios de objetivação, processos que consistem na neutralização, tanto quanto possível, completa de interferências tanto da subjetividade, tanto daquele que fala ou age, como de considerações inerentes aos próprios processos de interlocução e de interação. Herdamos, por conseguinte, uma espécie de antinomia entre a experiência da comunicação e o domínio da racionalidade. Ao domínio da comunicação pertenceriam os processos fluidos e movediços da subjetividade, aspectos perturbadores da racionalidade, visto caracterizarem a relações do homem com o mundo, com os outros e consigo próprio. (RODRIGUES, A. D., 1999, p. 54)

Dentre os conhecimentos que se tornaram fundamentais na interdisciplinaridade dos estudos de comunicação, buscando um enfoque maior para o sujeito, destacamos a psicologia. E ela é usada não só neste trabalho como também em outras pesquisas sobre os efeitos da comunicação e a recepção das mensagens.

A psicologia fornece diversos paradigmas tanto para descrever como para explicar o comportamento humano. Segundo DeFleur (1996) os paradigmas psicológicos são úteis na comunicação, sobretudo quando se diz respeito a pesquisas que levam em conta o que a exposição à comunicação de massa faz às pessoas. O autor defende que a psicologia é importante para se conceituar possíveis explicações a respeito do relacionamento entre as mensagens dos veículos de massa e fenômenos, tais como atitudes, padrões de percepção, imitação do comportamento de modelos, tomada de decisões e comportamentos ostensivos, como, por exemplo, votar ou comprar.

O autor cita também que ao passo que as mensagens da mídia possam estimular respostas nos indivíduos, os paradigmas psicológicos apresentam pressupostos básicos acerca da natureza psicológica do ser humano, que auxiliam, então de forma significativa, a entender porque, por exemplo, certo estímulo tem determinada reação entre as pessoas.

Dentre os vários paradigmas psicológicos, que podem nos auxiliar no estudo da comunicação, para esta pesquisa foi escolhido o psicanalítico. Afinal, o objeto de análise é

a sexualidade na mídia e, em especial, nas obras de Sigmund Freud podemos nos amparar em diversos conceitos e hipóteses que são fundamentais ao nosso entendimento sobre o tema.

> A psicanálise atribui uma posição central às atividades mentais individuais, (...) ressaltam processos inconscientes. O sistema psicológico humano é visto como um conjunto de componentes (por exemplo, o id, o ego e o superego) em conflito para controlar o comportamento. Neste paradigma, o comportamento e a comunicação ostensivos são menos importantes por sim mesmos do que o é seu significado como dados para se inferir acerca dos aspectos inconscientes da personalidade, que modelam o comportamento do indivíduo. (DEFLEUR, M. L., 1993, P. 56)

DeFleur afirma que as suposições básicas de Freud acerca de nossas realidades psicológicas descrevem condições e relacionamentos que, por hipótese, servem de base ao funcionamento psicológico. Apesar da psicanálise não ser amplamente empregada nas pesquisas de comunicação, ao menos alguns investigadores utilizam o paradigma como amplo arcabouço teórico para nortear algumas análises e é o que faremos neste trabalho.

Nesta perspectiva traçamos, neste capítulo, um breve relato das principais teorias da comunicação, sem nos preocuparmos em citar todas as teorias formuladas até o momento, mas no intuito de relatar como ocorreu, com a evolução das pesquisas, um direcionamento para a análise do indivíduo/subjetividade, até chegarmos à conjunção proposta nesta pesquisa, da comunicação com a psicanálise.

A partir desse desfile de teorias da comunicação foi possível perceber que todas aquelas que trabalham com o conceito e o desenvolvimento da subjetividade estão, de alguma forma, confirmando a riqueza humana presente nos elementos da vida social. E estes elementos fazem parte, invariavelmente, da teia comunicacional e midiática.

Assim, uma dada história não será a mesma e as reações, apreensões e colaborações advindas de seu contexto não serão jamais idênticas se o indivíduo nasceu, por exemplo, em uma casa com muitas pessoas, se foi órfão, filho único, se teve um irmão ou uma irmã, dois irmãos, cinco, dez; ou ainda: haverá influência da cultura em que se foi criado - a cultura do país, do estado ou província, da região, da cidade, do bairro, dos livros que se leu por gosto, dos livros que se leu por obrigação, da religião professada ou da que se rejeitou; das amizades instituídas, dos vínculos que se desarmonizaram, da educação familiar e acadêmica recebida, das experiências sensoriais e sexuais, dos hobbies que se praticou e pratica, dos filmes assistidos, das doenças que se teve, dos veículos de mídia aos quais sempre se teve acesso, das revistas que leu, das novelas que acompanhou na TV, dos telejornais, das viagens, dos jogos prediletos, dos sonhos realizados, das frustrações e traumas, dos desejos reprimidos, dos medos e das paixões.

Enfim, não se pode pensar a comunicação e os sujeitos como independentes das inferências históricas, sociais, étnicas, estéticas, e principalmente psicológicas. Ao mesmo tempo, não se pode pensar os sujeitos deslocados da inferência midiática, esta instância onde, tantas vezes, se refletem nossos desejos e desencontros.

Percebe-se que, há elementos sociais, culturais e até instintuais, como o desejo, a atração pelo outro impulsionada pelo desejo, a linguagem que pode vincular os desejos ou a repressão, a inserção na cultura e a comunicação, essenciais nas relações intersubjetivas.

Por isso, torna-se necessária a utilização de outros estudos, além dos desenvolvidos pelas teorias da comunicação, para se analisar a relação que acontece entre a produção midiática e os receptores da informação. Principalmente quando o tema das produções midiática - no caso a sexualidade - está relacionado a aspectos psicológicos e até

inconscientes, amplamente pesquisados por estudiosos de outra disciplina: a psicologia e, mais especificamente, a psicanálise.

É mister salientar que a interdisciplinaridade entre a psicanálise e a comunicação, ou seja, entre os conceitos levantados pela teoria freudiana e "as palavras" não é algo raro. Afinal, podemos dizer que a própria terapia psicanalítica, de certa forma, cura as pessoas através das palavras.

> Graças a essas inter-relações e à importância dos aspectos subjetivos que elas englobam, **a Psicanálise** interage com o corpus de outras ciências, tais como a Filosofia, a Sociologia, **a Comunicação** e as Ciências das Linguagens.[Gus, 2003, p. 106. grifo meu]

Segundo Gus (2003), a abrangência do tema prende-se ao fato de que toda a ciência que se disponha a estudar o comportamento humano de forma dinâmica, ou seja, todo estudo que pretenda trabalhar com a interpretação no sentido amplo do termo e toda análise que não se aceite como conhecimento pronto e acabado e que não procure tranqüilidade das verdades finais, irremediavelmente deverá beber na fonte da interdisciplinaridade.

> Freud estudou aspectos inerentes à fala dos pacientes que permitiam tornar consciente um inconsciente que condensa fenômenos psíquicos colecionados numa vida inteira, vindos à tona por meio de palavras, atos e sonhos. Dessa forma, o significado do texto do inconsciente estrutura-se a partir de inúmeras falas significativas da história daquela pessoa. E é por isso que o trabalho interpretativo funda-se na decifração dos mitos, da polifonia, dos signos, cujos sentidos, com maior ou menos evidência, prestam-se à interpretação.[Gus, 2003, p. 108]

Para Gus (2003), o grande desafio desse final de milênio, na área das ciências

humanas, parece ser a introdução do contexto, incluindo a comunicação estabelecida entre enunciador e enunciatário, como elemento indispensável à compreensão dos fatos psicossociais.

> Não há como interpretar, isto é, dotar de sentido, qualquer texto, produzido de forma consciente ou inconsciente, sem considerá-lo no contexto da cultura em que foi gerado; da sociedade de quem construiu seus mitos e permitiu sua explicitação; do contato comunicativo estabelecido entre enunciador e enunciatário; com hierarquização e determinação de papéis no interior de um campo social pertencendo a uma determinada formação discursiva. [Gus, 2003, p. 109]

Dando seqüência a proposta de trabalho, com base na teoria freudiana, pretendemos interpretar os textos midiáticos que falam da sexualidade adolescente, identificando como estas palavras impressas estão refletindo os reais desejos dos receptores, atingindo suas exigências instintuais ou reafirmando normais sociais e até mesmo educativas, atingindo, então as exigências culturais da sociedade em que estão inseridos.

Consideremos, então, alguns aspectos da teoria freudiana que são imprescindíveis para a compreensão do tratamento dado à sexualidade nos meios de comunicação.

2. A SEXUALIDADE E A CULTURA EM FREUD

2.1. INTRODUÇÃO

Nas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, quando Freud fala sobre a vida sexual do seres humanos, ele cita que a denominação mais comum que temos sobre sexualidade é a de que sexual é tudo aquilo que se relaciona à diferença entre os sexos, à busca de prazer, à função reprodutora e à característica de algo que é impróprio e não deve ser comentado, mas sim mantido em segredo.

Mas o autor explica que algumas destas combinações servirão para os fins práticos do dia a dia, porém para a ciência isso não basta pois corremos o risco de excluirmos uma série de coisas que não visam à reprodução, por exemplo, mas devem e são consideradas sexuais, tais como a masturbação, o beijo, relações entre homossexuais, entre outros, considerados por Freud como pervertidos[2].

Devemos salientar que na teoria psicanalítica a sexualidade não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome,

[2] A perversão é considerada um desvio em relação ao ato sexual normal, definido este como coito que visa a obtenção do orgasmo por penetração genital, com uma pessoa do sexo oposto. Diz-se que existe perversão quando o orgasmo é obtido com outros objetos sexuais (homossexualidade, pedofilia, bestialidade, etc.), ou por outras zonas corporais (coito anal, por exemplo) e quando o orgasmo é subordinado de forma imperiosa a certas condições extrínsecas (fetichismo, travestismo, voyerismo e exibicionismo, sadomasoquismo); estas podem mesmo proporcionar, por si sós, o prazer sexual. De forma mais englobante, designa-se por perversão o conjunto de comportamento psicossexual que acompanha tais atipias na obtenção do prazer sexual.

função de excreção, etc), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual.

Para Freud é, sobretudo, a existência de uma sexualidade infantil, que atua desde o princípio da vida, que vem ampliar o campo daquilo que os psicanalistas chamam sexual. E, ao falarmos de sexualidade infantil, ele não pretende reconhecer apenas a existência de excitações ou de necessidades genitais precoces, mas também de atividades aparentadas com as atividades perversas do adulto, na medida em que põem em jogo zonas corporais - zonas erógenas - que não são apenas genitais, e na medida em que buscam um prazer (como a sucção do polegar, por exemplo) independentemente do exercício de uma função biológica.

É de grande importância o entendimento das fases da sexualidade, elaboradas por Freud. Com o desenvolvimento de suas análises e, particularmente, de sua auto-análise, o autor foi percebendo que o trauma sexual deveria ter ocorrido numa época muito primitiva do desenvolvimento humano. Em suas investigações na prática clínica sobre as causas e funcionamento das neuroses, ele descobriu que a grande maioria dos pensamentos e desejos reprimidos referia-se a conflitos de ordem sexual localizados nos primeiros anos de vida dos indivíduos, isto é, na vida infantil. É nesta fase que estavam as experiências de caráter traumático, reprimidas, que se configuravam como origem dos sintomas atuais. Confirmava-se, desta forma, que as ocorrências deste período de vida deixam marcas profundas na estruturação da personalidade. Estas descobertas colocam a sexualidade no centro da vida psíquica e, em seqüência, é desenvolvido um dos conceitos mais importantes da teoria psicanalítica: a sexualidade infantil.

Vale ressaltar que estas afirmações tiveram profundas repercussões na sociedade

puritana da época, afinal a concepção vigente naquele período era a de que a infância tratava-se de uma fase totalmente "inocente". Dentre os principais aspectos destas descobertas estão:

a) a função sexual existe desde o princípio de vida, logo após o nascimento e não só a partir da puberdade como afirmavam as idéias até então dominantes;

b) o período da sexualidade é longo e complexo até chegar à sexualidade adulta, onde as funções de reprodução e de obtenção de prazer podem estar associadas, tanto no homem como na mulher;

c) esta afirmação contrariava as idéias predominantes de que o sexo estava associado, exclusivamente a reprodução.

No texto "Três ensaios sobre a sexualidade", Freud explica que no processo de desenvolvimento psicossexual, o indivíduo encontra o prazer no próprio corpo, pois nos primeiros tempos de vida – a infância - a função sexual está intimamente ligada à sobrevivência. O corpo é erotizado, ou seja, as excitações sexuais estão localizadas em partes do corpo (zonas erógenas) e há um desenvolvimento progressivo também ligado as modificações nas formas de gratificação e de relação com o objeto, o que levou o autor a chegar na conceituação das fases do desenvolvimento sexual.

A primeira fase, denominada fase oral, ocorre do nascimento até os 2 anos, aproximadamente, segundo Bormio (2002), e caracteriza-se pela boca como a zona de erotização. Assim, o prazer ainda está ligado à ingestão de alimentos e à excitação da mucosa dos lábios e da cavidade bucal. É importante dizer que o objetivo sexual, nesta fase, consiste na incorporação do objeto.

Já a segunda fase, denominada por Freud como anal, ocorre entre os 2 e 4 anos de idade, aproximadamente, segundo Bormio (2002), e caracteriza-se pelo ânus como a zona de erotização. Neste caso o modo de relação do objeto - "ativo" e "passivo" – está intimamente ligado ao controle dos esfíncteres (anal e uretral). Este controle é uma nova fonte de prazer para a criança.

Na idade entre 2 e 5 anos, acontece o Complexo de Édipo e é em torno dele que ocorre a estruturação da personalidade do indivíduo. No Complexo de Édipo, a mãe é o objeto de desejo do menino e o pai (ou a figura masculina que represente o pai) é o rival que impede seu acesso ao objeto desejado. Ele procura então se assemelhar ao pai para "ter" a mãe, escolhendo-o como modelo de comportamento, passando a internalizar as regras e as normas sociais representadas e impostas pela autoridade paterna.

Nessa estrutura triangular (criança, pai e mãe) a interação entre os desejos inconscientes dos pais e as pulsões da criança desempenha papel fundamental na constituição do cenário edípico.

A proibição contra o incesto é uma lei universal nas mais variadas culturas. O destino de Hamlet mostra claramente que mesmo uma vitória edipiana disfarçada pode tornar-se uma sombra ameaçadora, devido à trágica "gratificação" de seu desejo inconsciente.

Em "A Dissolução do Complexo de Édipo" Freud diz que quando o ego não consegue provocar mais do que um recalcamento do complexo, este permanece no id, mas no estado inconsciente. Porém, mais tarde ele poderá manifestar sua ação, de forma patogênica.

O declínio do complexo de Édipo e a entrada no período de latência nas crianças estão relacionados à ameaça de castração. E a resolução do complexo, após a puberdade, só é possível através da escolha de um substituto adequado para o objeto de amor.

Isso ocorre quando, por medo do pai, a criança "desiste" da mãe, trocando-a pela riqueza do mundo social e cultural. Dessa forma, a criança, no caso do sexo masculino, pode, então, participar do mundo social, pois tem suas regras básicas internalizadas através da identificação[3] com o pai. Este processo também ocorre com as meninas, porém sendo invertidas as figuras de desejo e de identificação.

O Complexo de Édipo mantém, dessa forma, a função de organizador inconsciente, durante toda a vida, e forma um elo indissolúvel entre os desejos e as normas vigentes na sociedade.

Após o Complexo de Édipo, temos a fase fálica. Nesta fase a zona de erotização é o órgão sexual. Notamos que nesse momento já é apresentado um objeto sexual e podemos observar uma certa convergência dos impulsos sexuais sobre esse objeto. Esse período marca o ponto culminante e o declínio do complexo de Édipo pela ameaça de castração. No caso do menino, a fase fálica se caracteriza por um interesse narcísico que ele tem pelo próprio pênis em contraposição à descoberta da ausência do pênis na menina. É essa diferença que vai marcar a oposição fálico-castrado que substitui, nessa fase, o par atividade-passividade da fase anal. Na menina esta constatação determina o surgimento da "inveja do pênis" e o conseqüente ressentimento para com a mãe porque esta não lhe deu

[3] A identificação é vista como um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações.

um pênis.

Em seguida temos um período de latência, que se prolonga até a puberdade e se caracteriza por uma diminuição das atividades sexuais, como uma espécie de intervalo.

Finalmente, na adolescência, é atingida a última fase: a genital. Ela ocorre quando o objeto de erotização ou de desejo não está mais no próprio corpo, mas em um objeto externo ao indivíduo: o outro. Neste momento meninos e meninas estão conscientes de suas identidades sexuais distintas e começam a buscar formas de satisfazer suas necessidades eróticas e interpessoais.

É mister ressaltar que durante todas as fases da sexualidade, os seres humanos sofrem uma espécie de repressão sexual, tanto internamente – o que leva as idéias relacionadas à sexualidade para o inconsciente – quanto externamente – afinal todas as sociedades possuem normas baseadas em suas culturas que aprovam e desaprovam determinadas atitudes ligadas a sexualidade.

Para entendermos o funcionamento da repressão que ocorre internamente nas pessoas, será necessário apresentar os conceitos de id, ego e superego e também o conceito de conflito[4] que o ser humano enfrenta diante da contradição existente entre os regulamentos da civilização e seus desejos instintuais.

---

[4] Em psicanálise fala-se de conflito quando, no sujeito, opõem-se exigências internas contrárias. O conflito pode ser manifesto (entre um desejo e uma exigência moral, por exemplo, ou entre dois sentimentos contraditórios) ou latente, podendo este exprimir-se de forma deformada no conflito manifesto e traduzir-se particularmente pela formação de sintomas, desordens do comportamento, perturbações do caráter, etc. A psicanálise considera o conflito como constitutivo do ser humano, e isto em diversas perspectivas: conflito entre o desejo e a defesa, conflito entre os diferentes sistemas ou instâncias, conflitos entre as pulsões, e por fim o conflito edipiano, onde não apenas se defrontam desejos contrários, mas onde estes enfrentam a interdição.

2.2. O ID, O EGO E O SUPEREGO

A teoria psicanalítica supõe um sistema de pressões que se desenvolvem no organismo, e que procuram expressão no comportamento ou na vida mental. A origem dessa pressão foi denominada inicialmente por Freud de libido[5], e se caracteriza pela busca do prazer e pelo afastamento da dor.

> O fato da existência de necessidade sexuais no homem e no animal se expressa na biologia pelo pressuposto de uma "pulsão sexual". Segue-se isso a analogia com a pulsão de nutrição: a fome. Falta à linguagem vulgar (no caso da pulsão sexual) uma designação equivalente à palavra "fome"; a ciência vale-se, para isso, de "libido".[Freud, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1969, p. 127]

Na teoria de Freud, o indivíduo é, inicialmente, esse conjunto de pulsões localizados no id, que é a parte mais profunda e primitiva da personalidade humana. Entregue a si mesma, isto é, se não encontrasse barreiras externas à sua expressão, a personalidade se reduziria a esses instintos antagônicos e cegos, comandados pelas pulsões sexuais[6]. Mas essa liberdade total não existe. Desde muito cedo, as pulsões precisam adaptar-se à

---

[5] Em psicanálise, libido é a energia postulada por Freud como um substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto (deslocamento dos investimentos), quanto à meta (sublimação, por exemplo) e quanto a fonte da excitação sexual (diversidade das zonas erógenas).

[6] A pulsão sexual é uma pressão interna que, segundo a psicanálise, atua num campo muito mais vasto do que o das atividades sexuais no sentido corrente do termo. Nela se verificam eminentemente alguma das características da pulsão que a diferenciam de um instinto: o seu objeto não é predeterminado biologicamente e as suas modalidades de satisfação (metas ou objetivos) são variáveis, mais especialmente ligadas ao funcionamento de zonas corporais determinadas (zonas erógenas), mas suscetíveis de acompanharem as atividades mais diversas em que se apóiam. Esta diversidade das fontes somáticas da excitação sexual implica que a pulsão sexual não está unificada desde o início, mas que começa fragmentada em pulsões parciais cuja satisfação é local (prazer do órgão). Do ponto de vista econômico, Freud postula a existência de uma energia única nas vicissitudes da pulsão sexual: a libido. Do ponto de vista dinâmico, Freud vê na pulsão sexual um pólo necessariamente presente do conflito psíquico: é o objeto privilegiado do recalcamento no inconsciente.

realidade e esse processo adaptativo provoca a formação, na personalidade, de um outro sistema denominado por Freud: o ego. Este constitui, portanto, a parte da personalidade que está em contato com a realidade, enquanto o id seria uma parte primitiva e não inteligente.

A esses dois sistemas acrescenta-se um terceiro, que Freud denominou superego, e que resulta da introjeção, pela criança, das figuras dos adultos, sobretudo a figura do pai. Embora algumas vezes se identifique o superego com a consciência moral, essa identificação não é muito correta, pois, na teoria freudiana, o superego é mais inconsciente do que consciente, e sua significação deve ser entendida por meio de conflitos também inconscientes.

É mister salientar que essa descrição - de partes definidas dentro da personalidade - é apenas uma forma figurada para apresentar os processos dinâmicos que se dão no contato do ser humano com o ambiente.

Embora o conflito inicial se dê, sempre e necessariamente, entre os impulsos individuais e os obstáculos externos, esse conflito é interiorizado, sobretudo pelo superego, pois este apresenta controles inicialmente externos, mas que passam a interferir no processo de expressão individual. Essa última observação permite compreender que o indivíduo tenha conflitos interiores, ou seja, precise superar obstáculos não mais exteriores, mas sim colocados em sua vida mental.

Os aspectos aqui indicados constituem um esquema da relação entre organismos e ambiente, segundo a teoria de Freud. Todavia, para compreender a significação da psicanálise, é necessário lembrar de duas outras suposições. A primeira refere-se à idéia de desenvolvimento da criança e a segunda à permanência, na vida mental e no comportamento do adulto, de sentimentos ou acontecimentos infantis. Essas duas

suposições podem ser resumidas como história individual e devem ser explicadas da seguinte forma: de um lado todos os indivíduos passam pelas mesmas fases de desenvolvimento afetivo, embora acontecimentos específicos possam impedir a passagem para a fase posterior; de outro, o adulto pode continuar fixado em determinado conflito infantil e, mesmo quando isso não ocorre, o comportamento do adulto deve ser compreendido por meio de acontecimentos infantis. Por isso, segundo Freud, as características básicas dos indivíduos são determinadas por volta dos cinco anos de idade.

Na história do indivíduo, o conflito mais importante refere-se ao drama edipiano, isto é, a atração pela mãe e o ciúme do pai. De modo geral, as interpretações psicanalíticas organizam-se em torno do complexo de Édipo, provavelmente porque esse é a primeira relação do indivíduo com outras pessoas, e aquela que irá determinar os futuros processos de ajustamento.

Além de tentar uma explicação para o desenvolvimento do indivíduo, Freud ensaiou uma teoria capaz de explicar a evolução social e sua influência no indivíduo. Embora sejam os aspectos menos conhecidos da teoria freudiana - provavelmente porque não está de acordo com os conhecimentos obtidos por sociólogos e antropólogos - , é um dos mais significativos. Em primeiro lugar, a teoria de Freud supõe que em todas as culturas encontramos os mesmos conflitos emocionais e afetivos; em segundo lugar, supõe uma continuidade histórica da civilização, no qual se observaria uma repressão cada vez maior das pulsões, e, conseqüentemente, incidência cada vez maior de neuroses. Apesar de extremamente discutíveis, as duas teses têm grande importância. Afinal, a primeira permite explicar de que forma podemos compreender manifestações culturais muito diversas, pois estas são apenas formas diferentes de conflitos iguais. A segunda tese permite compreender

o conteúdo trágico da teoria de Freud: se a repressão é o princípio que garante a civilização, é também a origem de neurose inevitável. Além disso, como Freud supõe uma relação direta entre civilização e repressão, assim como entre repressão e neurose, não é errado dizer que, para ele, o preço da civilização é a neurose.

De outro lado, é preciso não esquecer que, na teoria freudiana, não se considera apenas a intensidade da repressão, mas também a existência, ou não, de formas alternativas para a expressão do conflito. Se forem barradas as expressões produtivas, as forças em conflito acabam por encontrar caminhos anormais ou improdutivos. Foi o que Freud encontrou no início de seus trabalhos com doentes mentais: os sintomas. As neuroses são expressão de conflitos entre o ego e aqueles impulsos sexuais que parecem ao ego incompatíveis com sua integridade ou com seus padrões éticos.

2.3. O SER HUMANO CIVILIZADO

Para tentar entender as razões naturais do sofrimento humano e a amplificação deste mesmo sofrimento gerado pela cultura civilizatória, Freud mostra em seu texto “O mal estar da civilização”, que os seres humanos precisam se organizar em sociedades a fim de se defender da própria natureza que o agride permanentemente, desde os primórdios de sua existência.

Com isto, surge um o dilema conhecido como um mal estar permanente no ser humano: o próprio esforço realizado pelo homem para que se torne possível a vida em sociedade - sociedades estas que tenderão a evoluir para civilizações - representa um

enorme entrave para a felicidade humana. Ou seja, com a aquisição da cultura civilizatória - conquistada e mantida por meio de um rigoroso investimento psíquico por parte de cada indivíduo - os problemas que assolam a humanidade parecem se multiplicar, pois é necessária uma reestruturação dinâmica de nossas pulsões psíquicas a fim de minimizar os conflitos gerados pelo "princípio do prazer" (instintos pulsionais) em permanente oposição ao "princípio da realidade".

E em indivíduos mentalmente saudáveis, este necessário controle pulsional objetivará a permanente minimização do sofrimento, posto que, com esta movimentação, tentamos conciliar o relacionamento do ego com a realidade externa, tornando harmoniosa, na medida do possível, a relação existente entre o ego e os impulsos instintivos de satisfação dos desejos estimulados pelo id.

Ainda em “O mal estar da civilização”, Freud tenta estabelecer referenciais teóricos para demonstrar que o grande causador do mal estar civilizatório está na cultura. E esse dado se torna extremamente relevante quando verificamos que o processo de introjeção dos valores passados pela mídia age diretamente na formação da opinião, do comportamento e da identidade do seu público alvo. E é nesse sentido que nosso estudo, sobre o conteúdo das mensagens publicadas na revista definida como objeto de análise, pretende identificar como é promovida a introjeção cultural quando o tema tratado é a sexualidade.

E, para que a civilização seja mantida, existem algumas frustrações que devem ser provocadas, a fim de que algumas pulsões não sejam satisfeitas. São as chamadas privações.

Freud afirma, no texto “O futuro de uma ilusão” que foi através das privações fundamentais que a civilização foi estabelecida e se conseguiu separar o homem de sua

condição animal. Mas até mesmo essas privações que desde o início da civilização foram utilizadas para se manter a ordem social, ainda hoje são operantes, porque os desejos instintuais relacionados a ela nascem de novo junto a cada criança que nasce. E entre esses desejos instintuais estão: o canibalismo, o incesto de ânsia de matar.

Vale dizer que apenas o canibalismo parece ter sido universalmente dominado. A intensidade dos desejos incestuosos, por exemplo, pode ser facilmente detectada quando observamos as claras e repetitivas proibições contra eles em nossa sociedade. Também a condição de matar ainda é praticada e, em algumas sociedades, até mesmo ordenada.

Mas é interessante observar que a maioria das pessoas obedece às proibições culturais apenas sob pressão externa, ou seja, não internalizaram essas privações. Existem, por exemplo, diversas pessoas civilizadas que, apesar de se recusarem a cometer assassinatos ou praticar o incesto, não se negam a satisfazer seus impulsos agressivos e seus desejos sexuais, sem hesitar em prejudicar outras pessoas através da mentira ou da calúnia, desde que, é claro, permaneçam impunes. Podemos citar também outras realizações sexuais que também são praticadas como: a masturbação, o sadismo, o voyerismo e o masoquismo, desde que tudo seja mantido em segredo e não exista o risco de punição.

E as privações da vida sexual também são extremamente necessárias. O trabalho da psicanálise mostra claramente que a frustração sexual é justamente aquela que as pessoas denominadas por Freud como neuróticas não conseguem tolerar. Essas pessoas criam, então, através dos sintomas, satisfações substitutivas que infelizmente só lhes causam mais sofrimentos.

Mas também em pessoas consideradas normais pela psicanálise o conflito pode ser facilmente observado. Afinal, para se viver em sociedade é necessário se relacionar com

diversas pessoas e, contraditoriamente, a própria civilização institui que o amor sexual só pode acontecer entre dois indivíduos. No auge de um relacionamento amoroso não há espaço para nenhum outro interesse pelo ambiente, o casal de amantes se basta a si mesmo.

Poderíamos imaginar, então, sem muito esforço, uma comunidade cultural com indivíduos libidinalmente satisfeitos em si mesmos, vinculando-se uns aos outros através do elo do trabalho e de interesses comuns? Infelizmente não. Freud defende que se isso fosse possível a civilização não teria que extrair nenhuma energia da sexualidade. Portanto, este desejável estado das coisas nunca existiu nem vai existir. A realidade nos mostra que a civilização não se contenta com apenas essas ligações. Pelo contrário, ela visa unir libidinalmente todos os membros da comunidade e, em última instância, convoca a libido inibida em sua finalidade, de modo a oferecer o vínculo através de relações de amizade. E, para que isso seja possível, faz-se necessária uma inevitável restrição à vida sexual.

E, se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender porque é tão difícil ser feliz para o homem social. Na realidade, talvez o homem primitivo estivesse em melhor situação, sem conhecer as restrições do instinto. Segundo Freud, o homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança.

Mas de que forma a civilização consegue inibir nossas pulsões agressivas? Como nos tornamos inofensivos? Na verdade, Freud esclarece que as pulsões agressivas são internalizadas. Na realidade, esses desejos são enviados de volta para o lugar de onde vieram, ou seja, são dirigidos no sentido do próprio ego. Aí, passam a serem assumidos por uma parte do ego, que se coloca como superego, e que então, sob a forma de 'consciência', está pronto para pôr em ação contra o ego a mesma agressividade rude que o ego teria

gostado de satisfazer sobre outros indivíduos, a ele estranhos. A tensão que se instala entre o ´sentinela´ superego e o ego, que a ele se acha sujeito, é denominada sentimento de culpa. Esse sentimento é então expresso como uma forma de punição.

Dessa forma, a civilização consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e estabelecendo no seu interior um agente para cuidar dele. E, visto que a civilização obedece a um impulso erótico interno que leva os seres humanos a se unirem num grupo estreitamente ligado, ela só pode alcançar seu objetivo através de um crescente fortalecimento do sentimento de culpa. Assim, o que começou em relação ao pai - após o Complexo de Édipo - é completado em relação ao grupo.

2.4. A REPRESSÃO NA MÍDIA

A mídia aparece no cenário da sexualidade também como uma forma de satisfação ou repressão. Sabemos que a sexualidade age como um dos fundamentos da vida social. Segundo Chauí (1991) na teoria freudiana, a contenção do princípio do prazer pelo de realidade tinha um pressuposto: os seres humanos vivem num estado de penúria e precisam trabalhar para sobreviver. É preciso, portanto, que a libido não só seja reprimida para que energias se dirijam ao trabalho, mas também que o prazer aprenda a protelar-se e, em certos casos, a suportar frustrações definitivas. O trabalho poderia, simultaneamente, tomar o lugar da libido para fins sociais úteis e poderia também ser uma sublimação da libido, um meio para satisfazê-la indireta ou simbolicamente.

Reprimir pode significa vexar, envergonhar, mas não exclusivamente. A repressão sexual nos coloca diante de um fenômeno peculiar: o da existência de proibições, punições, permissões e recompensas concernentes a algo que seria puramente natural. É preciso citar que a repressão sexual, segundo Chauí (1991) nos coloca diante da quebra da simples naturalidade biológico-animal do sexo e de sua passagem à existência como fenômeno cultural ou histórico.

> Freud, que revolucionou tudo quanto se sabia e se dizia sobre a sexualidade (...) não somente descobriu e demonstrou, para escândalo geral, a existência da sexualidade infantil, mas ainda inverteu a principal concepção existente sobre o sexo ao afirmar que a libido (energia ou pulsão sexual presente em todas as épocas de nossa vida, desde a infância, e em nossos sentimentos mais profundos, determinando mesmo a linha de nosso destino pessoal) não é a causa de doenças e distúrbios físicos e psíquicos, mas, pelo contrário, a causa deles se encontra na repressão da libido. [Chaui, 1991, p. 19]

Podemos concluir que a sociedade depende da repressão sexual, dado o caráter agressivo e destrutivo das pulsões sexuais conflitantes. Mas até que ponto essa repressão é transmitida pelos meios de comunicação, se a intenção primordial dos mesmos, é agradar e atrair seu público? A que instâncias a mídia pretende satisfazer?

2.5. A SEXUALIDADE E A MÍDIA

A teoria freudiana já foi muitas vezes utilizada na tentativa de estabelecer quais são as motivações que, de forma mais profunda, seriam responsáveis pela aceitação ou rejeição de produtos ou bens de consumo. Nessa mesma perspectiva podemos entender até

que ponto as leitoras de uma matéria jornalística que retrate o tema sexualidade, aceita ou não o seu conteúdo. Descobrir até que ponto aquele produto a interessa ou não a seu público.

Segundo Gade (1980), os profissionais do marketing utilizam essa teoria na tentativa de correlacionar os sistemas psicológicos que, de acordo com Freud, compõem a personalidade com comportamentos e gostos no que tange ao consumo. Para falar do aparelho psíquico, Freud, como já foi descrito no tópico anterior, estabeleceu as três entidades: o id, o ego e o superego.

Para a análise de aceitação ou rejeição de determinados produtos devemos ressaltar que o id é a fonte primitiva de energia impulsora psíquica, regida pelo princípio do prazer. Trata-se do pólo pulsional da personalidade, sendo que suas pulsões e a expressão psíquica das mesmas são inconscientes. Os desejos são em parte hereditários, inatos e adquiridos. Eles exigem sua satisfação imediata e irrestrita. Fazem com que o homem busque seu prazer e a gratificação imediata deste prazer, sem se preocupar com as possíveis conseqüências ou realidades da vida.

Mas, como o homem é um animal social, a expressão destes impulsos sofre as restrições do mundo externo, do mundo dos outros homens, fazendo-se necessária outra instância psíquica: o ego. Como vimos, o ego é uma derivação do id através dos contatos com a realidade. Ele obedece ao princípio da realidade e serve de mediador entre as exigências do id, da realidade e da outra instância, o superego. Pensando na aceitação ou não de um material, devemos lembrar que o ego funciona como um aparelho adaptativo, encarrega-se dos interesses da personalidade total da pessoa e utiliza uma série de mecanismos de defesa. Se, por exemplo, o desejo sexual do id exige satisfação imediata e

animalesca, caberá ao ego guiar ou deslocar este desejo para uma forma de satisfação mais permitida socialmente.

É função do ego, portanto, planejar e executar essa ação de forma que se leve em conta o princípio da realidade ao invés do princípio do prazer. A percepção desempenha para o ego o mesmo papel que a pulsão para o id. Através da seletividade perceptiva, o ego fará com que o indivíduo perceba os aspectos não ameaçadores, bloqueando os perigosos, de acordo com sua estrutura psíquica individual.

Já o superego, visto como um juiz ou um censor, estrutura-se a partir da interiorização das exigências e proibições dos pais, isto é, dos valores do mundo externo. O superego é a instância psíquica moral inibitória dos impulsos do id. Cabe ao superego a auto-observação, de forma vigilante, de acordo com sua estruturação psíquica para uma vida em sociedade.

Então, a maneira pela qual estas três instâncias psíquicas interagem, a maneira pela qual o conflito das exigências do id e do superego é resolvido através de uma integração realizada pelo ego, é a maneira pela qual o indivíduo vai agir em termos de personalidade. Assim, existe um constante conflito entre o id, regido pelo princípio do prazer, e o superego, proibitivo e punitivo. Caberá, então, ao ego, regido pelo princípio da realidade, resolver este conflito.

A título de exemplo, para as pessoas que desenvolveram um rigoroso superego que lhe proíbe comer, por exemplo, por considerar isto pecado da gula, aquele doce apetitoso que o id pede, a ponto de fazê-lo parar com água na boca em frente da vitrine de doces, se utilizará do princípio da realidade para racionalizar que o doce o deixará obeso e irá embora satisfeito, deslocando sua vontade talvez para a fantasia de uma fruta como objeto

substitutivo.

Pensando nessa estrutura os analistas do consumidor, ao buscar o que faz as pessoas comprarem determinados produtos, tentam analisar em termos de personalidade e de estruturação psíquica que componentes e traços do produto teriam maior aceitação. Para isso realizam entrevistas em profundidade e testes psicológicos para estudar estes fatores com base na premissa de que determinados objetos de consumo satisfariam mais a determinada instância psíquica do que outros, assim como de que forma a satisfação destes desejos pode entrar em conflito com esta ou aquela entidade.

Neste trabalho, de forma análoga aos analistas do consumo, vamos identificar quais são as instâncias psíquicas satisfeitas nos textos elaborados pela redação para a leitora, ao se tratar da sexualidade, a partir da análise de conteúdo do material publicado, no intuito de visualizar sua aceitação ou rejeição, contrapondo inclusive a cultura sexual das leitoras e as mensagens publicadas. Para isso, na seqüência deste estudo temos as definições metodológicas do trabalho.

3. METODOLOGIA

3.1. O OBJETO DE ESTUDO

O objeto de estudo deste trabalho é a análise do conteúdo das matérias jornalísticas com o tema “sexo”, impressas na revista todateen, que é distribuída em todo o país (cerca de 120 mil exemplares) mensalmente, destinadas às adolescentes - definidas como aquelas com idade entre 12 e 18 anos.

O objetivo é identificar até que ponto esse material atende as exigências culturais (exteriores) ou instintuais das leitoras (afinal, as leitoras têm carências e necessidades), através da análise de conteúdo – instrumento escolhido para análise das publicações selecionadas.

As matérias relacionadas à sexualidade vão referir-se a conteúdos ligados à adolescência e iniciação a vida sexual, tais como a virgindade, primeira relação sexual, pressão do namorado, o diálogo com a família, entre outros.

Neste nosso estudo está presente a hipótese de que as mensagens veiculadas na mídia, para os jovens, preza as informações relacionadas ao sexo, preocupando-se com as exigências culturais da sociedade, mas também sentem a necessidade de tocar em assuntos relacionados às pulsões das leitoras, atingindo camadas mais profundas do psiquismo, a fim de conseguir atraí-la para o conteúdo da matéria.

> Se algumas informações, embora distantes, encontram ampla repercussão nas colunas dos jornais, é porque têm seu impacto nas profundidades psíquicas.

> Tratar-se-ia de diferentes camadas da consciência que recebem de modo diferente a mensagem do mundo exterior. O psiquismo humano comportaria diversas camadas ou strata, mais ou menos profundas, indo do mais "consciente" à mais "inconsciente". (...) Quanto mais profunda for a camada afetada, maior a probabilidade de que a mensagem seja retida. Isto é particularmente evidente no caso do celibato, que teve seu impacto nas camadas subconscientes (libido). [Kientz, 1973. p. 105]

O que a pesquisa pretende é justamente analisar como esse processo atende as exigências culturais ou instintuais das leitoras.

3.2. CONSTITUIÇÃO DO "CORPUS"

Após definir a finalidade da pesquisa, reunimos todos os materiais que incidem sobre nossa análise, a fim de constituir o corpus. Depois de observar todos os veículos disponíveis, elegemos a revista todateen com corpus de nossa pesquisa.

Os critérios que estabelecemos para a escolha do corpus foram:

1º.) A importância do tema: cabe aos estudos da comunicação analisar os conteúdos transmitidos pela mídia e seu real impacto na sociedade. Principalmente, quando o assunto retratado, a sexualidade, é tão polêmico. Isso porque a questionada revolução sexual espalhou-se pelos meios de comunicação, ou foi por estes promovida, mas não se vê, facilmente, as pessoas conversando abertamente sobre sexualidade em casa. O que vemos é que a grande maioria dos pais acha constrangedor conversar sobre sexo com seus filhos e só o faz quando estes se vêem envolvidos em problemas de difícil solução, quando uma conversa, muitas vezes, pode acabar estimulando a culpa.

> Não é de se admirar, pois, que apesar de os meios de comunicação concorrerem para mudanças drásticas nas atitudes morais, uma vez que propiciam a modificação de enfoques, de atitudes e de comportamento, o sexo continue uma questão polêmica, envolta em superstições, tabus, falso moralismo, constrangimentos, preconceitos, vergonha, ignorância e repressão. (VALLADARES, 2001, p. 14)

Valladares (2001) chama a atenção para o diálogo e até às discussões a respeito do corpo do jovem e das relações entre as pessoas, o que poderiam ajudar a neutralizar ou esclarecer algumas das perturbadoras situações a que estão expostos os jovens. Estes, por atravessarem uma fase de fantasias e ansiedades, de sentimentos contraditórios, divididos entre o despertar para o amor e os apelos do sexo, sentem falta de informações que os orientem nesse sentido.

> Durante bastante tempo, na história da humanidade, falar sobre sexualidade era proibido e o termo, sempre associado a coisas feias, inconvenientes. Atualmente, o estudo da sexualidade já pode ser encarado com seriedade, para fazer frente a uma demanda social cada vez maior de informação e formação coletiva. Almeja-se, com o estudo da sexualidade, o crescimento global do indivíduo, do cidadão, nos planos intelectual, físico, afetivo-emocional e sexual. Tal crescimento, obtido de forma equilibrada e harmônica, torna o indivíduo mais completo e mais feliz com sua própria condição humana. É necessário quebrar o tabu generalizado em torno do assunto. (VALLADARES, 2001, p. 24)

No entanto, algo de contraditório ocorre entre a escola, a família e os meios de comunicação de massa. Enquanto os pais e a própria escola não falam de sexualidade e agem como se seus filhos e alunos fossem assexuados, poderosos meios de comunicação

lançam modelos comportamentais exageradamente sensuais e nem sempre seguros. Contudo, não nos cabe, aqui, julgar o certo e o errado, apenas analisar o tipo de informação que está sendo veiculada.

2º.) Outro critério foi o a abrangência do veículo: a revista todateen está entre as três, do mesmo seguimento, mais vendidas do Brasil. Atinge cerca de 420.000 adolescentes, todos os meses e destaca-se como a única que se destina às camadas populares (C e D), ou seja, que atinge os jovens que mais sofrem pela falta de informações, incluindo as relacionadas à educação sexual. Esse alcance se dá porque, apesar da tiragem da revista ser de, aproximadamente, 120.000 exemplares, calcula-se que, em média, 4 amigas das reais compradoras da revista também leiam o produto (pegando emprestado) e a média de venda é de aproximadamente 70%.

3º.) A escassez na produção teórica: as produções teóricas acerca da sexualidade são bastante vastas, porém a análise pretende relacionar o tema ao conteúdo que é produzido pela mídias jovens e há uma ausência de reflexões sobre o material publicado nesses veículos de comunicação, sob a ótica da psicanálise.

3.2.1. Breve histórico da revista

A Revista todateen surgiu em 1997 como uma necessidade que surgiu no mercado editorial jovem. Entrou no mercado para concorrer com as outras publicações desse target - dos 12 aos 19 anos - como as revistas Capricho e Atrevida, mas direcionada a um público

mais carente, pertencente às classes sociais B e C.

Possui praticamente todas as páginas destinadas a matérias de comportamento, é distribuída mensalmente e seu preço é mais acessível do que as outras duas concorrentes diretas - hoje a revista é encontrada nas bancas de jornal pelo preço de R$ 4,90, enquanto que as concorrentes aplicam valores acima de R$ 5,00.

Conforme veremos nos gráficos seguintes, elaborados a partir de pesquisa encartada nas publicações e respondidas pelas leitoras, este veículo atinge um número muito grande de adolescentes em nosso país, daí a importância de sua análise.

3.2.1.1. Perfil da leitora

Em março de 2002, na edição de número 76, foi encartada na revista uma pesquisa, elaborada através de cupons de envio gratuito pelo correio, para levantar alguns dados sobre as leitoras. Foram enviados para a revista 2000 cupons respondidos pelas leitoras. Através das informações levantadas pelos cupons, conseguimos chegar aos seguintes dados sobre o perfil da leitora da revista todateen:

Figura 2- Revista todateen, edição 76, março de 2002. Edição em que foi encartada a pesquisa através de cupom via correio de envio gratuito

3.2.1.1.1 Sexo

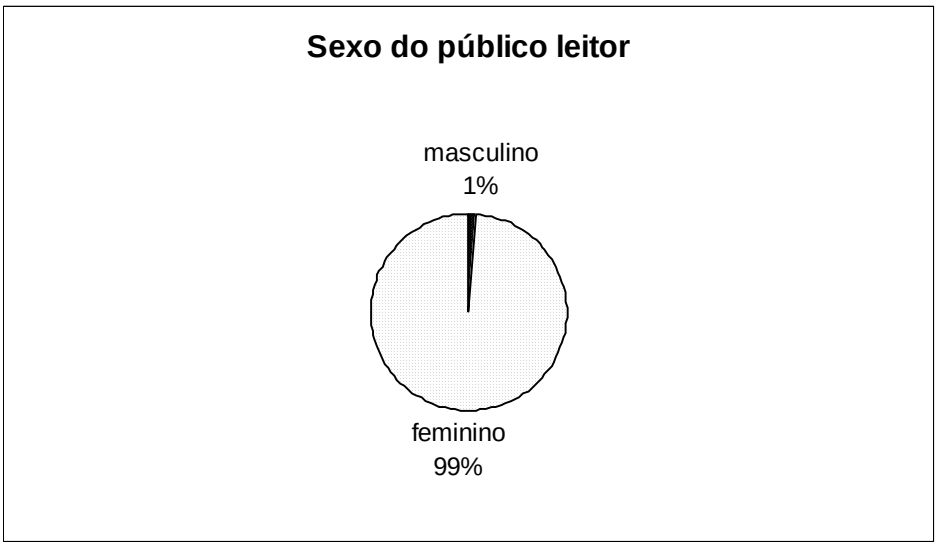

Figura 3 - O sexo das leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa

A grande maioria das pesquisas foi respondida por garotas, leitoras fiéis da revista. Apenas 1% dos cupons teve resposta do sexo masculino. Mesmo sabendo que o material publicado nesse produto destina-se exclusivamente às garotas, os amigos, irmãos e conhecidos costumam folhear a revista em busca de informações, assim como as leitoras que são o público alvo, afinal sentem a mesma necessidade: receber informações sobre o comportamento dos garotos e garotas diante desta fase nova que é a adolescência, tais como ciúme, insegurança, carência, corpo, dinheiro, timidez, ansiedade, escola, amizades, amor e família.

Porém, mesmo em número bem menor, é comum o envio de cartas de meninos para a redação, com dúvidas relacionadas a amor, sexo, comportamento ou com o pedido da

publicação de seus dados na revista para o envio de correspondências, no intuito de fazer novos amigos.

Sabe-se que no mercado editorial atual não existem produtos desse segmento direcionados aos meninos. Os estudos mostram que apesar de eles também terem as mesmas dúvidas relacionadas às mudanças da adolescência, são repreendidos ao comprar este tipo de publicação, pois não podem demonstrar seu lado mais sensível, que envolve dúvidas sobre os mesmos assuntos que as meninas. Já foram publicadas algumas revistas com esse intuito, direcionadas exclusivamente aos meninos adolescentes, mas, infelizmente, nenhuma delas teve êxito nas bancas.

3.2.1.1.2 Idade

O *target* da revista, considerado por garotas, adolescentes, com idade entre os 12 e 19 anos, foi comprovado através dos cupons. E, dentro dessa faixa etária, as leitoras que responderam a pesquisa dividem-se da seguinte forma:

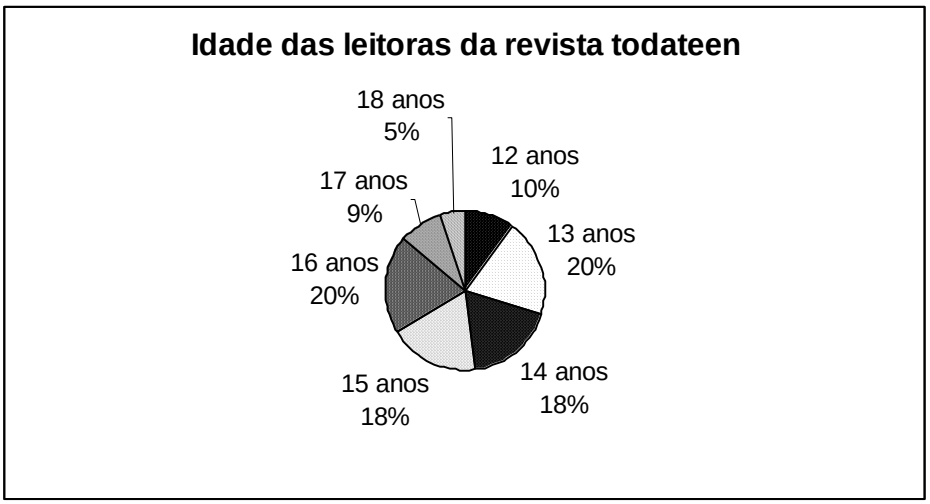

Figura 4 - Faixa etária das leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa

Podemos perceber com esses dados que a principal faixa etária que a revista atinge é a dos 13 aos 16 nos. Idade consideradas a primeira fase da adolescência, época em que as garotas estão começando a descobrir a sexualidade, os sentimentos pelo sexo oposto e, geralmente, tentando superar a timidez e experimentando o primeiro beijo.

3.2.1.1.3 Escolaridade

Este é um dado muito importante, pois mostra que as leitoras da revista são estudantes. Ou seja, além das informações recebidas pela revista, apreendem também na escola com o auxílio dos educadores. As séries e cursos que elas estão matriculadas são:

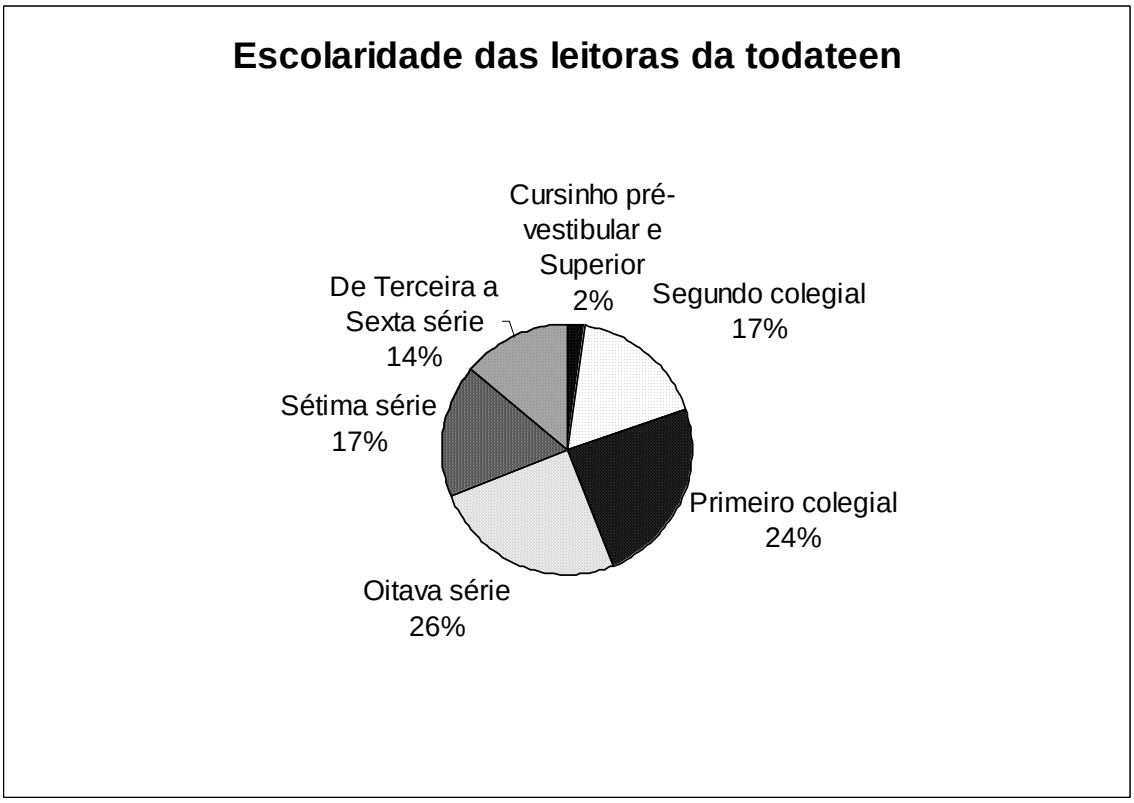

Figura 5 - Escolaridade das leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa

A concentração das leitoras estudantes, que responderam a pesquisa, está na faixa que engloba da sexta série até o 1º Colegial. Isso mostra que o *target* da revista (dos 12 aos 19 anos) está sendo atingido com êxito. Mas é interessante citar que dentro deste *target*, há um afunilamento entre as idades que podem ser consideradas idades que estão no meio do ciclo adolescente. Isto quer dizer que a revista tem no seu target idades periféricas (12 e 18), que aparecem como idades de transição e não possuem uma vendagem tão alta quanto as idades que condizem ao meio do ciclo adolescente (14 a 17 anos).

Talvez esta característica no *target* esteja relacionada com a linguagem da revista e a forma como os assuntos que nela contém, são abordados. Tomando como base os dados

que mostram que a maioria das garotas que lêem a revista está entre a sétima série e o primeiro colegial, podemos reforçar a idéia de que as leitoras, mesmo que com idades diferenciadas, concentram-se na primeira fase da adolescência.

Outro dado interessante é que 68% dessas leitoras estudam em escolas públicas e apenas 32% em escolas particulares, o que já delineia a classe social das garotas. Esta informação será melhor analisada no tópico renda pessoal e familiar.

É importante salientar que, além dos estudos tradicionais (escola de primeiro e segundo grau/ ensino básico e médio), 45% das leitoras fazem outros cursos. Os mais citados foram:

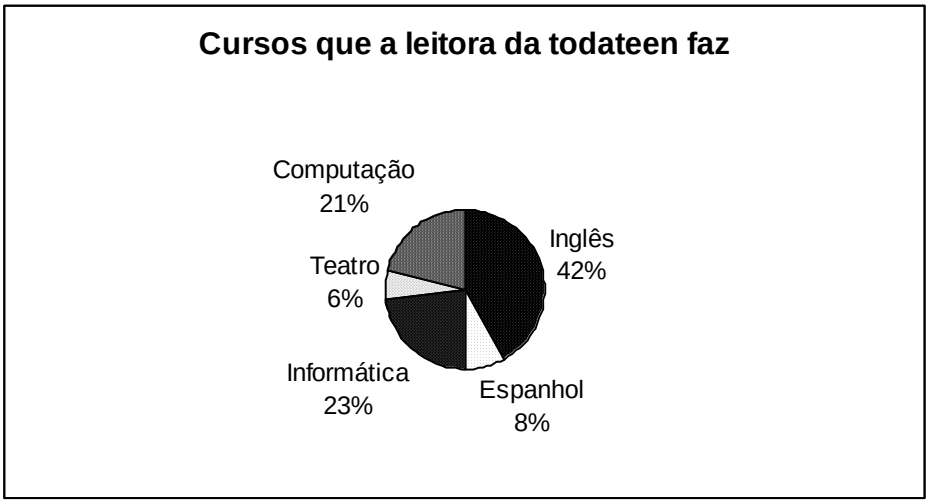

Figura 6 - Cursos realizados pelas leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa

3.2.1.1.4 Trabalho

Uma parte das leitoras (19%) já trabalha, além de estudar, sendo que as profissões

que mais aparecem são: secretária, balconista, babá, recepcionista, vendedora, auxiliar de escritório, atendente, caixa, ajuda nas atividades domiciliares, domésticas e professora.

3.2.1.1.5 Renda Pessoal e a Renda Familiar

A renda pessoal das leitoras está em torno de:

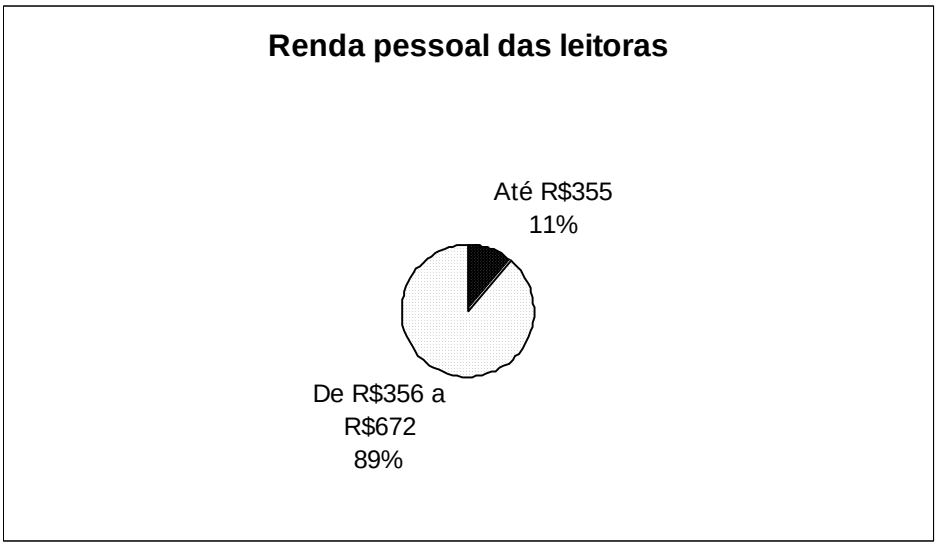

Figura 7- Renda pessoal das leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa

Já a renda familiar das leitoras está em torno de:

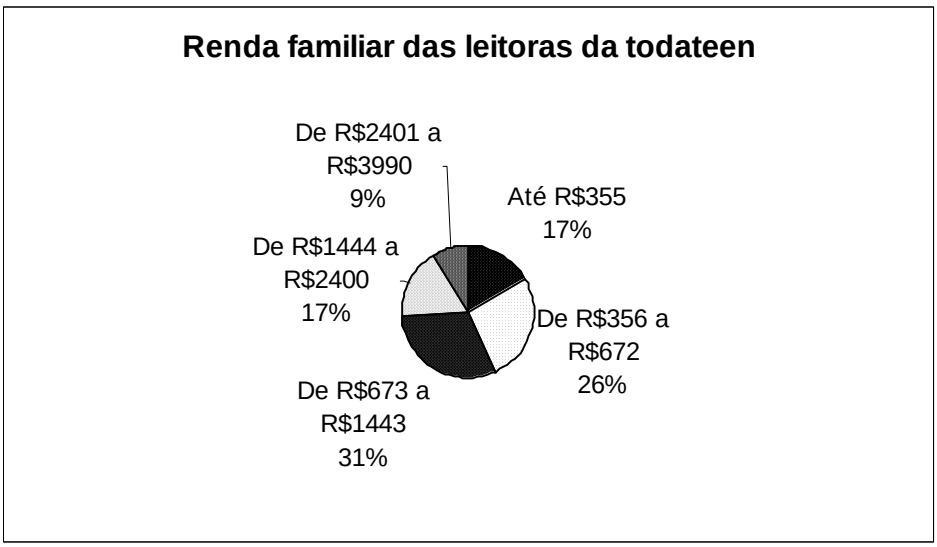

Figura 8 - Renda familiar das leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa

3.2.1.1.6 Hora de lazer da leitora

Nos momentos em que a leitora não está estudando nem trabalhando, as garotas costumam:

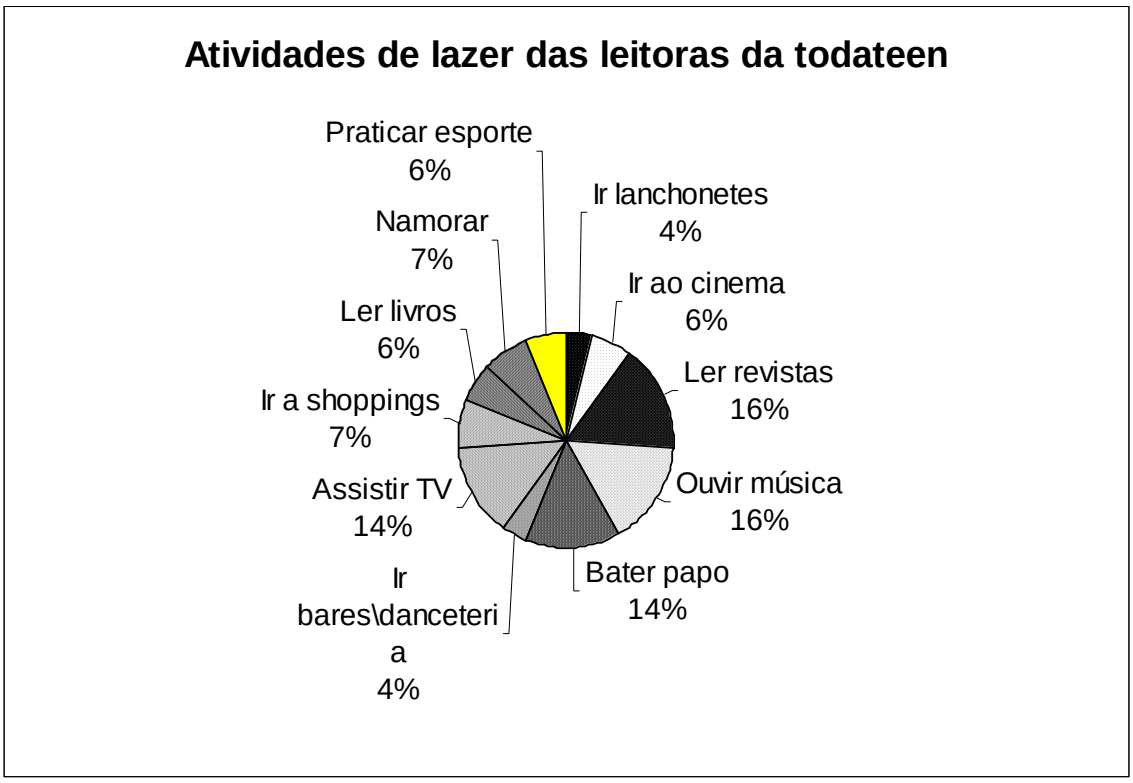

Figura 9- Atividades de lazer das leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa

Quando foi perguntado se a leitora gosta de sair, as leitoras que responderam que sim, citaram estes lugares e/ou situações:

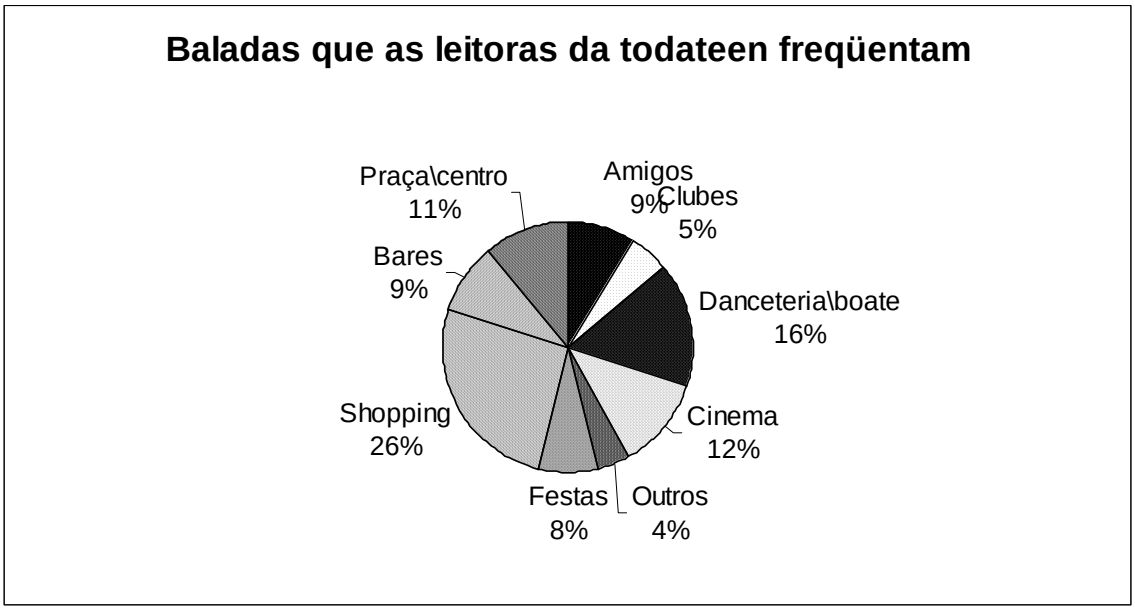

Figura 10- Principais baladas que as leitoras da revista todateen, que responderam a pesquisa, costumam freqüentar

Sobre o comportamento da leitora, podemos analisar que as leitoras freqüentam o shopping regularmente; vão a danceterias esporadicamente; raramente vão a bares, festas ou ao cinema.

A partir desses dados podemos inferir que os locais que as leitoras freqüentam são locais de relacionamentos bem pessoais, sempre estão entre amigas ou em grupo nos shoppings, o que, fazendo um paralelo, para a revista, é um ponto positivo, pois estando sempre em atividades coletivas, as informações que a revista apresenta se potencializa, tornando-a mais abrangente, como veremos nos dados que virão a respeito de quantas pessoas lêem a revista além da leitora que a compra.

E, para saírem, elas precisam de dinheiro. Em torno de 50% das entrevistadas ganham mesada em média de R$75 e gastam em:

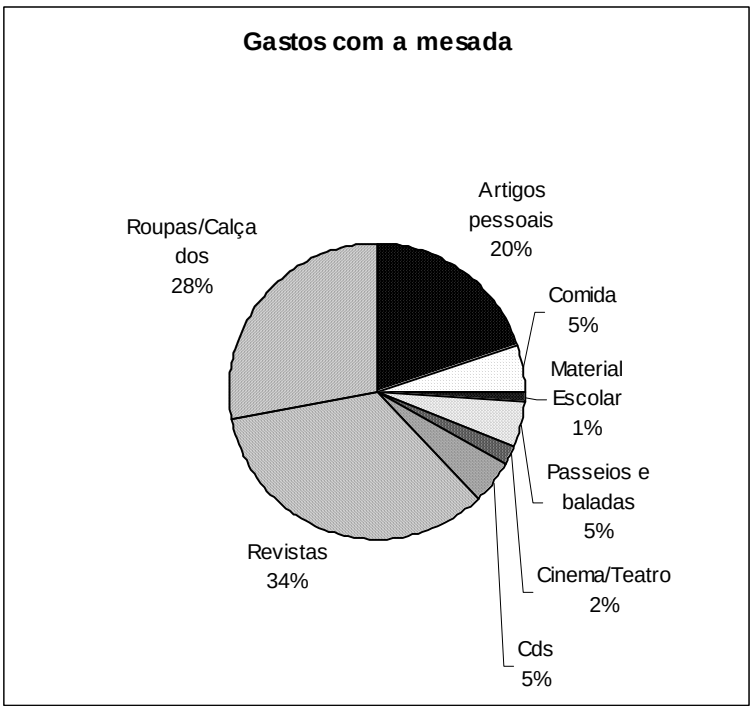

Figura 11 - Gastos das leitoras da revista todateen, que responderam a pesquisa, com a mesada

Os temas que mais aparecem nestes dados (lazer, e onde gasta seu dinheiro), estão relacionados com atividades que remetem aos assuntos tratados na revista, como namoro e amizade, e na tabela acima podemos ver que uma considerável parte das leitoras gasta seu dinheiro com revistas, sendo que a todateen é citada várias vezes. Isso nos mostra que a receptividade do produto é muito boa. Não podemos esquecer que as leitoras estão escrevendo direto para a revista, portanto a probabilidade delas citarem a revista com alguma intenção, como ganhar brindes, é maior.

3.2.1.1.7 Comportamento

Outra parte da análise do comportamento refere-se à opinião da leitora sobre assuntos como atitudes, sexo, desejos e problemas. Segue abaixo as tabelas com os dados da pesquisa.

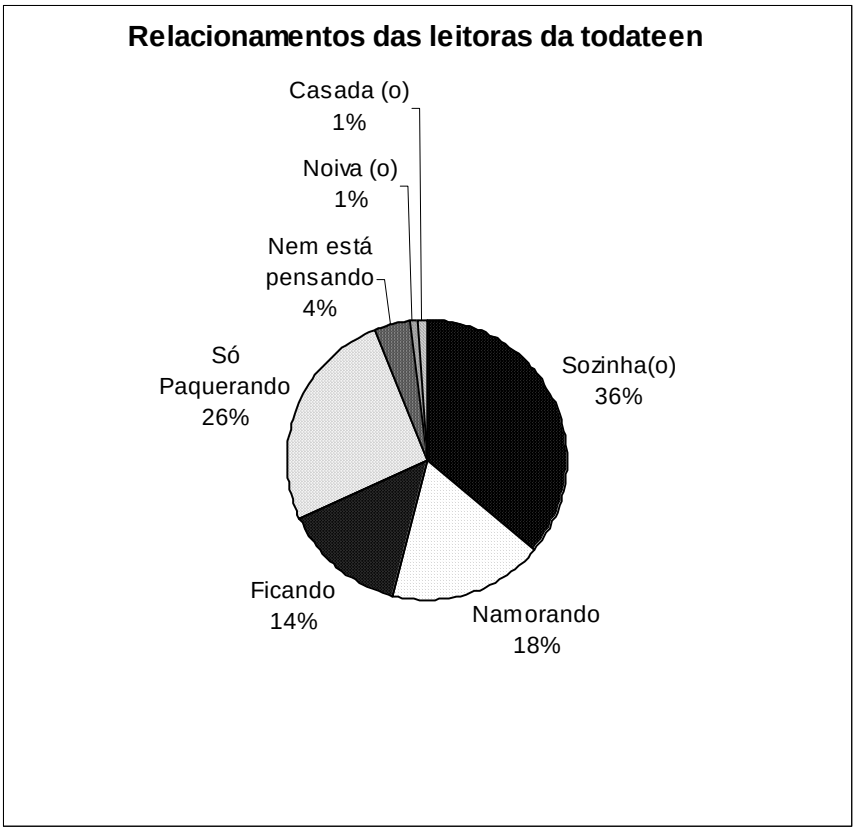

Figura 12- Tipos de relacionamentos das leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa

O gráfico acima mostra como está a vida sentimental da leitora. Sabemos que independente dela estar sozinha ou namorando, os assuntos como amor, sexo e dicas de moda e beleza perfazem o universo do target da revista. Estes dados sobre a vida sentimental podem servir como parâmetro para a incidência das formas como são tratados estes assuntos, lembrando que a forma como a leitora trata e enxerga determinados assuntos

varia de acordo com a idade, mas também com seu estado de relacionamento na "vida sentimental".

3.2.1.1.8 Sexualidade

Quanto foi questionado a idade certa para a garota ter sua primeira relação sexual, tivemos o seguinte resultado:

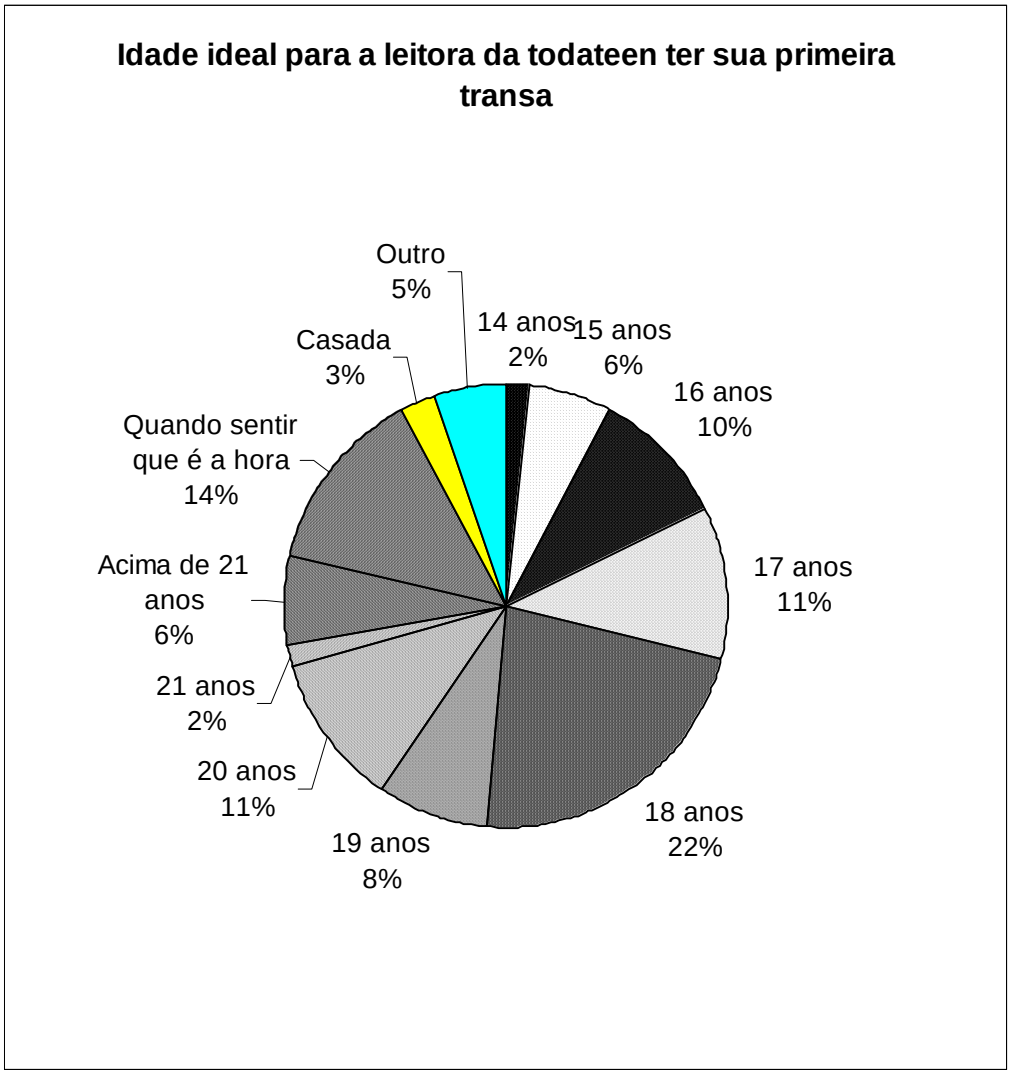

Figura 13 - Idade ideal para a primeira transa, segundo as leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa

Analisando o gráfico sobre a opinião da leitora a respeito da iniciação sexual de uma garota, percebemos que existe uma visão ampla dessa idade ideal, afinal, não há uma posição totalmente conservadora ou totalmente liberal (14% acreditam que o momento ideal é quando sentir que é a hora). Mesmo que 22% das leitoras achem que a idade para transar seja 18 anos, não é um dado que podemos fazer alguma observação mais profunda. Talvez esses dados nos passem uma visão de que as leitoras se preocupam com esse assunto e acreditam que é um acontecimento muito importante para elas, pois a forma como elas responderam a esta pergunta, em certos casos, demonstram que o que importa é a confiança da menina em relação ao momento em que se sentir preparada.

3.2.1.1.9 A Revista e a leitora

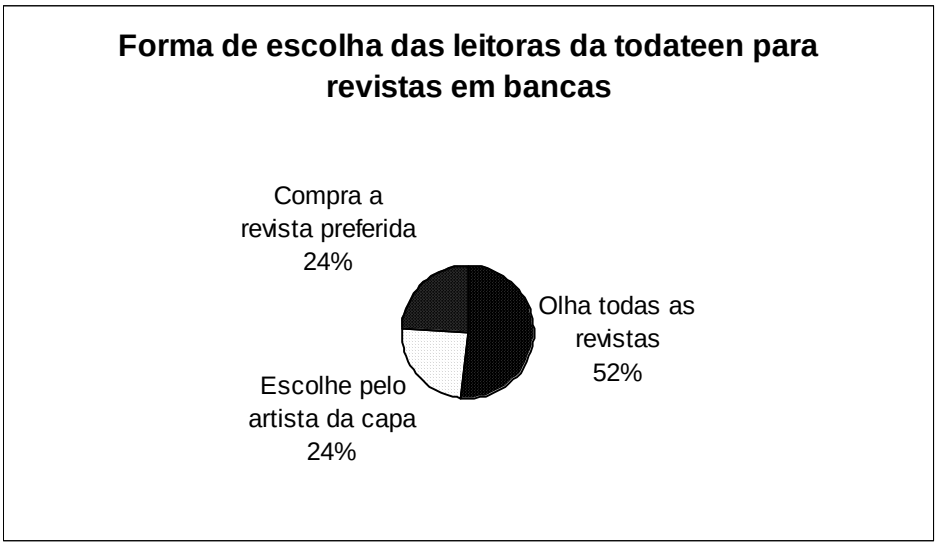

Figura 14 - Atitude das leitoras da revista todateen, que responderam a pesquisa, diante das revistas dentro das bancas

Quando está na banca, a maioria das leitoras costuma comprar a revista preferida. Mas as escolhas da compra pela capa e o ato da leitora olhar todas as revistas são significativas. Em relação à capa, a observação feita se concentra na atenção que a redação da revista tem que ter, sempre trabalhando de uma forma conjunta com as pesquisas realizadas sobre a revista, uma vez que estes dados influem diretamente na compra do produto. Já a compra da revista pela ***preferida*** é uma questão mesmo de identificação com o conteúdo do produto. Podemos ver melhor estes dados com os gráficos a seguir.

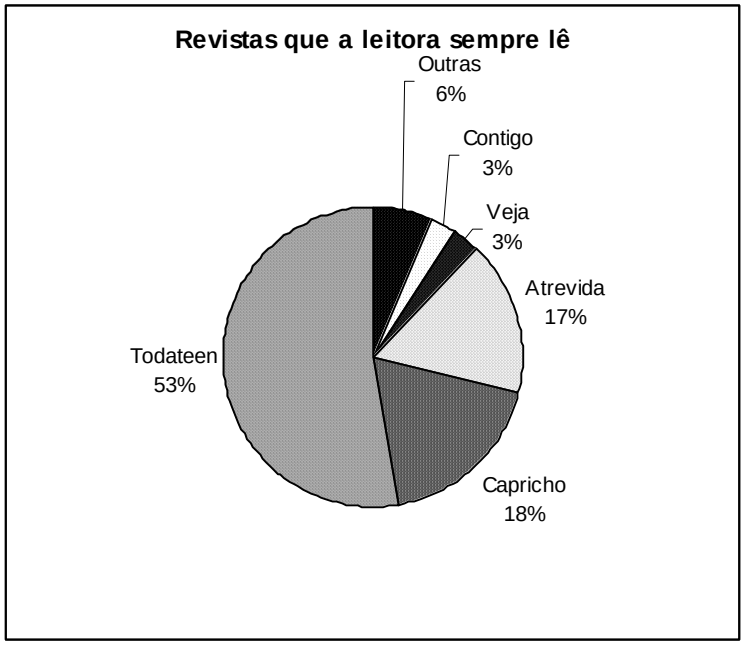

Figura 15 - Relação das revistas lidas pelas leitoras da revista todateen que responderam a pesquisa

53% das leitoras que responderam a pesquisa afirmaram que sempre lêem a revista todateen. A revista Capricho vem na seqüência de preferência, acompanhada pela revista Atrevida com 18% e 17% respectivamente. Em geral, alguns dados relacionados à

preferência das leitoras quando comparadas a todateen e outro produto, ou até mesmo assuntos sobre a revista em si, se torna meio duvidoso. Como já foi dito neste trabalho, as leitoras talvez fiquem inibidas em expor suas idéias, pois estão escrevendo diretamente para a revista. Mas podemos dizer que os dados nos mostram que a leitora da todateen também lê as concorrentes.

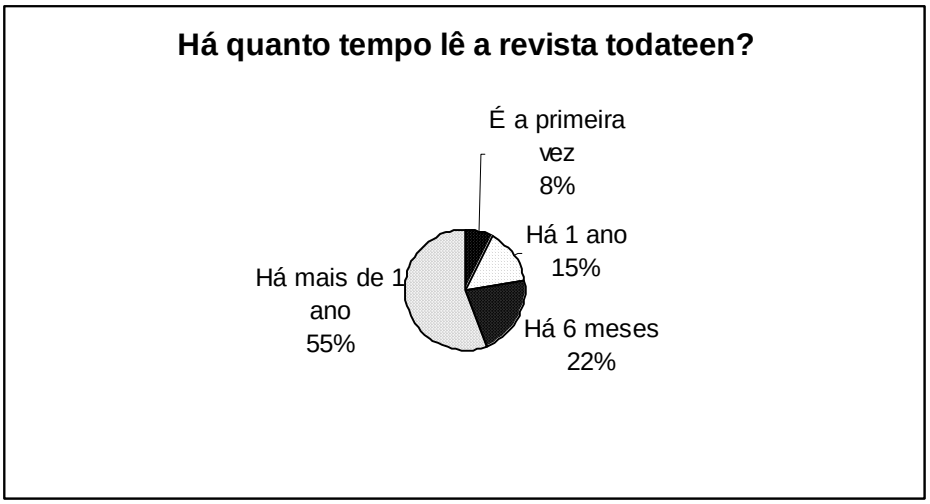

Figura 16 - Período de fidelidade a leitura da revista todateen, levantada através das respostas das leitoras que participaram da pesquisa

Os dados desse gráfico nos mostram que as leitoras são “fiéis” ao produto. Isso se dá pelo fato da identificação da leitora com a revista. Ou ela se identifica e continua comprando, ou ela não irá comprar mais se ela não sentir que a revista tem algo em comum, tanto em comportamento como em anseios.

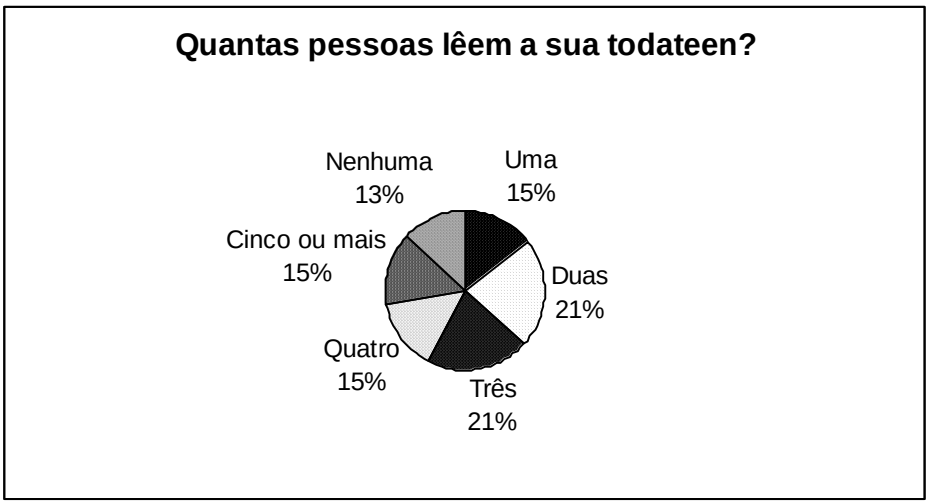

Figura 17 - Número de pessoas que lêem a revista, além da proprietária

A porcentagem de leitoras que emprestam sua revista para outras pessoas lerem é muito alta. Essa é uma característica das compradoras da revista, mas não podemos dizer que é uma característica peculiar do público *teen*, pois é bastante comum os produtos de comunicação impressos serem utilizados por mais de um receptor simultâneos.

3.3. SELEÇÃO DAS MATÉRIAS

A partir do corpus da pesquisa definido (publicações mensais da revista todateen no período de abril de 2001 a novembro de 2002), para a seleção de amostras utilizamos como critério o conceito já citado sobre matérias técnicas e tematização. Entendemos que as matérias que fogem ao tema sexualidade, abrangendo assuntos como saúde, e também aquelas em que utilizam um formato puramente técnico, ou seja, tratando da sexualidade

através de respostas de consultores (médicos ginecologista) sem textos de apoio elaborados pela redação, não deverão ser analisadas, pois se tornam pouco interessantes para este trabalho. Neste sentido, priorizamos as matérias em que retratam a sexualidade, com textos elaborados pela própria redação da revista. Além disso, foi importante selecionar um período de publicação em que a pesquisadora não trabalhava no veículo, para que não houvesse quaisquer interferências da pesquisadora em sua análise[7].

Vale citar que em todas as edições, os próprios editores da revista todateen (entrevistados durante este trabalho), disseram ser necessário conter uma matéria com o enfoque para a sexualidade adolescente. Por isso, temos uma matéria a ser analisada por edição da revista.

É importante observar nas capas dessas edições que a sexualidade não é destaque. Às vezes a matéria sobre o tema nem é chamada na capa, mas quando é, recebe um tratamento inferior em relação aos outros assuntos da revista. Em conversa com os redatores da revistas, foi explicado que na capa da todateen não é indicado colocar grandes chamadas de matérias de sexo porque são os pais que, na maioria das vezes, compram as revistas para suas filhas e essa chamadas, geralmente, afastam os pais da compra. Em entrevista com o setor de atendimento ao leitor da revista, foi explicado que já existiram reclamações de mães com os assuntos relacionados a sexo na revista. Um caso citado pela responsável do setor de atendimento ao leitor, Ieda Maria, foi o de uma mãe que ligou

---

[7] Vale dizer que a pesquisadora trabalhou na revista todateen, como repórter e redatora, no período de dezembro de 2002 (no início como estagiária) até dezembro de 2005. Por isso, consideramos importante definir o corpus da amostragem em um período anterior a entrada da pesquisadora na Editora Alto Astral, empresa que edita a revista todateen.

muito nervosa reclamando de uma matéria publicada sobre masturbação. Segundo a mãe, sua filha havia comprado a revista sem ela saber, com sua própria mesada, e quando ela folheou a revista encontrou essa matéria, que segundo a mãe só incentivaria a garota a praticar algo que nem conhece ainda.

É por esse e outros motivos que a análise desse material torna-se interessante e necessária. Indicamos, a seguir, as edições utilizadas para análise e a justificativa para aquelas que não fazem parte da amostragem.

Edições selecionadas no corpus da pesquisa, mas que não fizeram parte da amostra:

Figura 18 – Edição 66 / Título da matéria recusada para análise: Saúde Íntima / Subtítulo: você tem dúvidas sobre o seu corpo? Conheça alguns probleminhas que podem incomodá-la / Tema: SAÚDE / Páginas: 68 e 69 / Data da publicação: maio de 2001 / Texto: Eliane Calixto / Justificativa para exclusão da amostragem: A matéria tem o enfoque voltado para a saúde – menstruação – e não para a sexualidade. Além disso, seu conteúdo foi considerado puramente técnico.

Figura 19 - Edição 71 / Título da matéria recusada para análise: Consulta ao ginecologista? / Subtítulo: Isso é mais simples do que você imagina / Tema: SAÚDE / Páginas: 76 e 77 / Data da publicação: outubro de 2001 / Texto: Kamila Dantas / Justificativa para exclusão da amostragem: A matéria tem o enfoque voltado para a saúde – visita ao ginecologista – e não para a sexualidade. Além disso, seu conteúdo foi considerado puramente técnico, com informações sobre como a garota deve proceder ao marcar a primeira consulta médica.

Figura 20 - Edição 72 / Título da matéria recusada para análise: Você sabe tudo sobre sexo seguro? / Subtítulo: Confira se domina esse assunto superimportante / Tema: SAÚDE / Páginas: 62 e 63 / Data da publicação: novembro de 2001 / Texto: da redação / Justificativa para exclusão da amostragem: A matéria está elaborada no formato de teste (para a leitora assinalar: verdadeiro ou falso) e seu conteúdo foi considerado puramente técnico.

Figura 21 - Edição 74 / Título da matéria recusada para análise: Cuidado com o calor! / Subtítulo: Dicas legais e importantes para ficar com a saúde em dia / Tema: SAÚDE / Páginas: 78 e 79 / Data da publicação: janeiro de 2002 / Texto: Patrícia Sanches / Justificativa para exclusão da amostragem: A matéria tem enfoque exclusivo para a saúde. Fala sobre cuidados que a garota deve tomar ao ir à piscina, praia ou clube. Não se relaciona diretamente a sexualidade.

Figura 22 – Edição 75 / Título da matéria recusada para análise: Que encanação! / Subtítulo: Calma! Cada menina tem um ritmo próprio para se desenvolver / Tema: SAÚDE / Páginas: 62 e 63 / Data da publicação: fevereiro de 2002 / Texto: Patrícia Sanches / Justificativa para exclusão da amostragem: O conteúdo da matéria foi considerado puramente

técnico, com perguntas e respostas de um consultor/médico.

Figura 23 - Edição 77 / Título da matéria recusada para análise: O que você queria saber sobre sexo... / Subtítulo: ELAS perguntaram! / Tema: SEXO / Páginas: 76 e 77 / Data da publicação: abril de 2002 / Texto: Eliane Calixto / Justificativa para exclusão da amostragem: Não há textos produzidos pela redação falando da leitora e/ou com a leitora e seu conteúdo foi considerado puramente técnico.

Figura 24 - Edição 79 / Título da matéria recusada para análise: Menstruação em grilos! / Subtítulo: Tudo o que você precisa saber sobre o assunto / Tema: SAÚDE / Páginas: 68 e 69 / Data da publicação: junho de 2002 / Texto: Melanie Retz / Justificativa para exclusão da amostragem: A matéria tem enfoque voltado para a saúde – menstruação. Além disso, seu conteúdo foi considerado puramente técnico.

Edições selecionadas no corpus da pesquisa e que fizeram parte da amostragem:

Matéria 1 - Figura 25 - Edição 65 / Título da matéria analisada: Transei e me arrependi! / Subtítulo: É hora de passar essa história a limpo! / Tema: VIRGINDADE / Páginas: 52 e 53 / Data da publicação: abril de 2001 / Texto: Patrícia Sanches.

Teoricamente, ninguém deveria fazer o que não está a fim. Mas, na prática, as coisas nunca funcionam assim, tão certinhas. No sexo, também. Você pode transar sem estar pronta ou sem estar a fim. Depois, vem a dor de perceber que não deveria ter sido assim. Veja as enrascadas mais comuns em que muitas meninas se metem e pense duas vezes antes de entrar nelas.

"Ele forçou a barra!"

A Cristiane*, de 15 anos, conta que namorava um gatinho mais velho, que sempre a levava a lugares estranhos: *"Ele parava o carro em ruas escuras e queria me levar para o apartamento de uns amigos dele. Eu achava que ele gostava demais de mim e, por isso, queria mais intimidade. Mas a única coisa que passava pela cabeça dele era sexo"*. Resultado? A Cris transou por causa da pressão do cara, sem saber se o momento ideal era mesmo aquele. Essa situação é difícil, pois quando uma gatinha gosta de um garoto, passa a achar que ele é legal, que não tem defeitos, enfim... ela imagina que o gato seja diferente e, na realidade, não consegue enxergar o

arrependi!

É hora de passar essa história a limpo!

que ele é. Quando um gato força a barra para transar, mostra que não gosta da gatinha de verdade. Quem está apaixonado, quer proporcionar situações agradáveis para o outro e não se importa de esperar para ter mais intimidade: basta estar junto para ser feliz. É por isso que não adianta transar por medo de perder o menino por quem está apaixonada, porque se o gato só quer sexo, você vai perdê-lo do mesmo jeito. Se não estiver pronta, tenha a coragem de dizer não.

"A gente não usou camisinha"

Ana Paula*, de 15 anos, tinha um rolo de dois meses com o Alexandre*. Um dia, o desejo falou mais alto e eles transaram. Só que nem ele e nem ela tinham camisinha. A Ana acabou passando por maus bocados: *"No dia seguinte, quando caí na real, percebi que poderia ter engravidado de um cara que nem meu namorado era. Já pensou? Fiquei apavorada e tive medo de estar grávida até a minha menstruação descer"*. E esse não foi o único risco que a Ana correu: a aids, a sífilis e outras doenças sexualmente transmissíveis só podem ser evitadas com o uso do preservativo. *Camisinha, sempre!!!* E lembre-se de que a responsabilidade da prevenção não é só do homem, não! As meninas têm o dever de andar com camisinha na bolsa. Prepare-se, para não sofrer quando rolar a sua próxima transa, ok?

"Ele contou para todo mundo!"

Andréia*, 17 anos, namorava o Flávio*, há um mês, e já rolavam algumas intimidades quando ele propôs que transassem: *"Apesar de eu ter percebido que o garoto dava importância demais para os amigos, Flávio parecia ser superconfiável. Mas, quando cheguei na escola no dia seguinte à nossa primeira transa, descobri quem ele era de verdade"*. Todo mundo cochichava e ria da Andréia, porque o Flávio saiu contando para os amigos (e para quem mais quisesse ouvir) tudo o que havia rolado na transa dos dois. Esse problema é antigo! Alguns gatos costumam revelar as suas transas para os amigos para se sentirem mais homens. É claro, que isso não justifica a atitude deles mas, sabendo disso, lembre-se de que a transa só deve rolar com alguém em quem você confie. Se perceber algum indício de que o gatinho é imaturo, não transe. Assim, você não permite que ele exponha a sua privacidade para os outros.

"Minhas amigas riam de mim"

A Juliana*, de 16 anos, era a única da turma que ainda não havia transado: *"As minhas amigas começaram a namorar primeiro do que eu e tiravam o maior sarro da minha cara porque eu ainda era virgem"*, conta a gata. Um dia, ela ficou com um garoto na discoteca e as amigas sugeriram que ela *"resolvesse logo o problema da virgindade"*. Ju, que não agüentava mais a pressão das "amigas", transou com um carinha que mal conhecia e se sentiu péssima no dia seguinte. E então? Que amigas são essas que não respeitam a sua sensibilidade, a sua individualidade, o seu jeito próprio de encarar o mundo e decidir as coisas? Se a sua turma começar a fazer pressão, mostre que a sua virgindade é assunto seu e que você não admite piadinhas ou comentários sobre o assunto, e ponto final. Se elas deixarem você de lado, sorte sua! Vai ficar longe de pessoas que não se preocupam com o seu bem-estar.

Bola pra frente!

Se você transou e se arrependeu, não deve fazer disso o fim do mundo. Mesmo que esteja triste, a vida continua e você não pode deixar que essa encanação atrapalhe a escola, o relacionamento com a sua família, amigos...
Pense com carinho sobre a sua vida e o quanto ainda tem pra aprender e descobrir. Verá que está passando por uma fase deliciosa e que deixará muita saudade quando tudo isso acabar.

Texto: Patrícia Sanches
Consultoria: Maria Lúcia Bien (psicóloga e terapeuta sexual)

Matéria 1 / segunda parte

Matéria 2 - Figura 266 - Edição 67 / Título da matéria analisada: Ele quer uma prova de amor / Subtítulo: Fuja dessa cilada! Só você sabe o momento certo de partir para a transa / Tema: VIRGINDADE / Páginas: 40 e 41 / Data da publicação: junho de 2001 / Texto: Priscila Amaral.

va de amor"

nal. Se você está passando por isso, aprenda a ter jogo de cintura e dê um breque nas intenções do seu amado. Esperar a hora certa para transar vai ser muito melhor, você não acha? Respeite os seus próprios limites, gatinha.

Sempre apressadinho

A impaciência da maioria dos garotos pode dificultar o futuro do relacionamento. Forçar a barra, muitas vezes, só traz mágoas, decepções e muitos, muitos grilos. Então, quando o seu namorado começar a mostrar sinais de avanço como beijos de perder o fôlego, aqueles abraços bem apertados e a mãozinha boba que escorrega pelo seu corpo... dê um jeitinho de conversar com ele e, em hipótese alguma, tenha medo de não ceder por achar que pode acabar por perdê-lo. Um bom diálogo com o gato, com aquele jeitinho que só você tem para não magoá-lo, pode ser o tiro certo.

Explique como se sente quando ele tenta algo mais e diga que ainda é muito cedo para rolar mais intimidade entre vocês. Isso pode ser uma alternativa para o garoto compreendê-la e esperar o momento ideal para vocês se amarem e sentirem prazer juntos!

Sem resultado

Vocês já conversaram bastante sobre o sinal vermelho para o gato, usou todo o seu jogo de cintura para que ele aliviasse a barra e, mesmo assim, não adiantou, não é mesmo? Então, gatinha, será que é legal continuar esse namoro? Muitas vezes, quando o garoto percebe que a namorada não está a fim de transar e o tempo fechou para o lado dele, começa a fazer chantagens e a exigir uma prova de amor. Não vale a pena cair nessa conversa: pense primeiro em você e no que realmente deseja para não fazer coisas que não quer e acabar se arrependendo mais tarde.

A psicóloga Maria Lúcia Bien explica que "o amor não precisa de provas. Prova de amor é ouvir o outro com carinho, é provocar um sorriso gostoso... São os simples atos do dia a dia que dão a prova de amor". Lorena, 14 anos, conta que se sentiu muito mal quando percebeu que o namorado queria transar logo de cara, sem nem conhecê-la direito: "Conheci o Renato no clube e começamos a ficar. Nosso namoro estava bem no comecinho e ele era supercarinhoso comigo, mas acabei terminando tudo porque me assustei quando ele achou que já era hora de irmos pra cama", explica a garota. Para ela, foi terrível, pois o menino ainda saiu falando que ela era do tipo chata e careta.

Tudo rola naturalmente

É bem melhor e muito mais gostoso quando a vontade de trocar carinhos surge ao mesmo tempo para os dois. Ou então, quando o gato é sensível e tem bom senso para esperar o momento certo! O desejo de conhecer mais a outra pessoa vem naturalmente, a partir do momento que você se sente segura ao lado de quem ama. Não precisa ficar pensando no que as suas amigas vão falar a seu respeito, mesmo porque você não tem que ser igual a alguém.

Ser autêntica, mas feliz com o próprio coração, não é bem melhor? Por mais que vocês se gostem, não vale a pena arriscar a sua felicidade, se ainda não sabe bem o que quer. Deixe o tempo do seu coração falar mais alto e aprenda a respeitar e a ouvir os seus próprios desejos. Afinal, só você é capaz de saber a hora certa para viver as suas primeiras experiências, não é?

Domando a fera

- ✔ *Não adianta dar uma de donzela indignada para ver se o gatinho se toca. O melhor mesmo é conversar e expor o seu ponto de vista*
- ✔ *Se ele realmente é importante pra você, dê um breque no garoto com delicadeza, mas explique os motivos*
- ✔ *Procure ser firme e demonstre segurança sobre os seus desejos, sem se desesperar diante da situação*
- ✔ *Deixe bem claro que você está interessada, mas que precisa de um pouco mais de tempo para se preparar*
- ✔ *Não faça a bobeira de ceder só por medo de perder o gato. Pode ser uma armadilha sem volta*
- ✔ *Se ele entendê-lo, será ótimo, pois tudo o que rolar entre vocês será algo que os dois desejam*

Texto: Priscila Amaral
Consultoria: Maria Lúcia Bien, Psicóloga e Terapeuta Sexual

Matéria 2 / segunda parte

Matéria 3 - Figura 27 - Edição 68 / Título da matéria analisada: Falando de sexo... / Subtítulo: Derrube o “muro” que existe entre você e seus pais / Tema: SEXO / Páginas: 62 e 63 / Data da publicação: julho de 2001 / Texto: Eliane Calixto.

Falando de

Derrube o “muro” que existe entre você e seus pais

Que ótimo seria se todas as filhas e mães desse mundo trocassem confidências e pudessem conversar sobre tudo, especialmente sobre sexo, não é mesmo? Mas a gente sabe que nem sempre isso acontece. Ou por uma criação conservadora, ou por vergonha, muitas meninas não têm diálogo com os pais e acabam procurando por pessoas fora de casa para tirar as suas dúvidas e contar os seus segredos. Para entender melhor o porquê disso e tentar encontrar uma solução, ***todateen*** foi a fundo nessa questão...

A origem do problema

A psicóloga e terapeuta sexual Maria Lúcia Bien explica: *“O sexo foi, durante muito tempo, visto como algo feio, proibido. Os pais que tiveram a sua adolescência mais rígida ficam em conflito com as mudanças que ocorrem na adolescência de hoje e, por isso, se sentem perdidos, sem saber o que fazer”*. Para a sexóloga, o que acaba dando origem a esse problema também é o fato de muitos pais não conversarem sobre sexo entre si, ou seja, não há diálogo entre o casal (pai e mãe), o que pre-

O sexo através das gerações

Antigamente, mas não há tanto tempo assim, a sociedade detendo a imagem da mulher virgem e a família ensinava que a virgindade tinha de ser mantida até o casamento. Falar de sexo era um tabu e quem conversasse isso em público era mal visto. A mulher que transasse antes de se casar, chegava até a ser expulsa de casa, além de ser discriminada por todos. As coisas começaram a mudar a partir do final dos anos 60, início dos anos 70, com algumas transformações culturais. A criação da pílula anticoncepcional, a entrada das mulheres no mercado de trabalho e a emancipação feminina contribuíram muito. Hoje, assim como o homem, uma boa parcela de mulheres já usufrui do direito de escolher o melhor momento de perder a sua virgindade e de falar de sexo sem barreiras.

sexo...

judica ainda mais o relacionamento com os filhos.

Como iniciar o diálogo

Para Maria Lúcia Bien, cabe aos pais deixar um canal aberto para o diálogo desde a infância. *"É necessário que o sexo seja visto de uma forma natural, sem preconceitos, pois ele acompanha o indivíduo do nascimento à morte"*, diz ela. Mas se os pais não se abrem, é a adolescente que deve chegar até eles: *"Sempre que tiver algum problema com o corpo, como algum complexo, por exemplo, converse com os pais. Assim, já estará abrindo os canais para a comunicação. Aproveite todos os ganchos possíveis sempre que surgirem assuntos de sexo"*. Outra dica que Maria Lúcia dá é aproveitar quando a família toda estiver assistindo tevê e o assunto abordado na telinha for sexo: aproveite pra fazer perguntas e pedir a opinião da família. Ela também acrescenta: *"Deixe os seus pais tranqüilos dizendo a eles que receber informação não significa que você será uma pessoa promíscua. E lembre-se de que todo diálogo deve vir acompanhado de carinho e respeito"*.

Já tentou de tudo em casa?

Então, talvez essa seja a hora de procurar outra pessoa que esteja mais próxima de você, como uma irmã mais velha, uma tia ou até a professora da escola. Enfim, alguém mais experiente e de confiança, que possa fazer o papel de sua mãe. De qualquer maneira, afirma a psicóloga, o importante é não ficar com dúvidas na cabeça: *"Se a adolescente não tiver espaço para falar com alguém e tiver dificuldades com a sua sexualidade, com certeza terá problemas nos relacionamentos afetivos, podendo até passar a evitar o contato físico com as pessoas de uma forma geral"*. A falta de diálogo, segundo Maria Lúcia, também pode ter várias outras conseqüências: *"Isso costuma provocar uma baixa na auto-estima e pode chegar até a afetar os estudos e os relacionamentos sociais, com os amigos, por exemplo. Enfim, tudo aquilo que fica malresolvido acaba bloqueando o crescimento individual"*, concluí a psicóloga.

Foto: divulgação

Revelações da atriz Bárbara Borges

"Com 14 anos, tive o meu primeiro namorado e foi quando o assunto começou. Minha mãe fez questão de conversar comigo sobre sexo, me alertar para as coisas que, até então, eu não tinha conhecimento. Nunca fui de esconder nada dela e isso é muito legal. Mas nunca tive regras rígidas, como a obrigação de casar virgem. Acho que entre mãe e filha tem de existir conversa. Nós somos novas, temos curiosidades e queremos saber das coisas. Nossas mães têm mais experiência e bem querer por nós. Essa relação com a mãe, não há necessidade de mentir."

Texto: Eliane Calixto
Consultoria: Dra. Maria Lúcia Bien (psicóloga e terapeuta sexual)

Matéria 3 / segunda parte

Matéria 4 - Figura 28 - Edição 69 / Título da matéria analisada: Namoro sem transa? / Subtítulo: Só depende de vocês... / Tema: VIRGINDADE / Páginas: 62 e 63 / Data da publicação: agosto de 2001 / Texto: Priscila Amaral.

Namoro

Só depende d

Ninguém namora sem antes paquerar, dar muitos beijinhos, abraços e conhecer um pouco a outra pessoa, não é mesmo? Essa nova fase de descobertas na vida do casal é natural, evolui com o passar do tempo e pode ser muito gostosa. No começo, é só beijo na boca, muita conversa e bastante expectativa. Depois de um certo tempo, quando percebem que estão se curtindo de montão, começa a esquentar o clima. Aí, querem ter mais intimidade um com o outro, mas nesse meio tempo pintam várias dúvidas. O quê os pais vão falar do lance de vocês? Será que a primeira vez dói? E se pintar arrependimento depois? E ainda existe o problema de uma gravidez indesejada e das doenças sexualmente transmissíveis. Para tentar esclarecer as suas dúvidas sobre virgindade, a ***todateen*** mostra que é possível sim namorar sem ter relação sexual com o namorado.

Sem transa

Há muitas garotas que preferem manter a sua virgindade, independente do tempo que têm de esperar pela sua primeira vez. Umas preferem até se preservar para o casamento, seguindo o pensamento da geração de seus pais e avós. A psicóloga e sexóloga Maria Lúcia Bem explica que, hoje em dia, a menina

sem transa?

vocês...

pode levar um namoro sem ter relação sexual, assim como era no passado, mas não sem sexo. "*A sexualidade não envolve apenas a penetração (pênis e vagina), mas sim um envolvimento maior da sexualidade, como a troca de olhares, beijos, carícias, atenção e respeito, em que se tem muito prazer*", afirma Maria Lúcia. Nesse caso, os dois podem até chegar ao orgasmo, se houver muito estímulo sexual, mesmo sem acontecer a transa propriamente dita.

Masturbação

Antes de se decidir vai ou não transar com o namorado, a menina precisa conhecer o seu próprio corpo e a se informar melhor. E a masturbação pode ajudá-la nesse processo de autoconhecimento. Assim, além de ficar mais fácil de saber o que quer e qual é o momento ideal para iniciar a sua vida sexual, a garota entende mais sobre a sua intimidade. Mas essa decisão depende somente da garota e se ela se sentir bem.

"Sou virgem!"

Isso é o que dizem muitas garotas que têm namorado. Mas, você já pensou se essa decisão partiu delas mesmas? Às vezes, a educação dada pelos pais é radical em relação aos valores religiosos, morais e as meninas mantêm a virgindade por medo. Aquela coisa de que a mulher tem de se casar virgem também contribui para amedrontá-las. Ou, então, os pais fazem uma pressão forte, que causa conflitos na cabeça das adolescentes e as fazem ficar com receio de deixar de ser virgem. E será que elas se sentem bem assim? Bom, se for por vontade própria e por princípios da garota e do namorado, é legal continuar não tendo relação sexual, até que todas as dúvidas sumam da cabeça. Então, nunca deixe de falar o que pensa e tirar as suas dúvidas sobre sexo com a sua mãe ou com alguém em quem confie. E também procure sempre se informar sobre esse assunto tão delicado que é o sexo e tudo o que o envolve. Quanto mais informação tiver, mais segura estará sobre o que realmente deseja.

Muito diálogo!

No namoro, é legal que os dois tenham cumplicidade, respeito e sintonia. Dessa forma, a menina vai ter liberdade para expor o que pensa sobre sexo e, assim, eles podem decidir juntos se devem ou não transar. A sexóloga Maria Lúcia Bien diz: "Quando um respeita e compreende o outro, a relação fica harmoniosa e equilibrada. É no namoro que as pessoas se conhecem melhor, por isso a sintonia sexual é tão importante como a afetiva e devem caminhar de mãos dadas", *completa Maria Lúcia. Segundo ela, o relacionamento é ideal quando existe satisfação dos desejos dos dois. Por isso, não é legal impor os seus desejos ao gato. Ele pode não gostar disso e o namoro ir de mal a pior, não acha?*

Texto: Priscila Amaral
Consultoria: Dr. Maria Lúcia Bien (psicóloga)

PROMOÇÃO todateen 65 - Camiseta + CDs Carla Bueno

Aline dos S.Moreira, Ubatuba, SP • Amanda M. Fidelis, Guarulhos, SP • Amanda T. Turiot, Curitiba, PR • Ana J. Reuber, Novo Hamburgo, RS • Ana P. T. de Rezende, Cacoal, RO • Ariane P. dos Santos, Cacoal, RO • Bárbara R. da S. Lopes, São Pedro da Aldeia, RJ • Bruna de F. N. Portas, Águas de Lindóia, SP • Bruna E. N. Facco, Vera, PR • Caio C. B. Zanardo, São Bernardo do Campo, SP • Carine L. Klein, Montenegro, RS • Carla H. de M. Alves, Rio de Janeiro, RJ • Carolina S. Leão, Itaguará, MG • Cláudia M. Silva, Andradelândia, MG • Cristiane Schrinchwein, Brusque, SC • Daniela P. Fernandes, Barbuí, MG • Daniele C. Amorim, Itapura, SP • Débora Ferrari, Ipira, SC • Edina M. Mese, Pereira Barreto, SP Evilmaria R. Casmiro, Porto Nacional, TO • Gisele S. C. Batista, Porto Trombetas, PA • Ilana A. Lopes, Brasília, DF • Iveti Schultz, Varrancio Alves, RS • Izabel Boretti, Campo Grande, MS • Janaina R. P. da Silva, Paulista, PE • Jaqueline D. de Souza, Engenheiro Caldas, MG • Jaqueline F. Rocha, Pelotas, RS • Juliana Souza, Anápolis, GO • Juliele Neto, Fortaleza de Minas, MG • Kaiane V. de Queiroz, Acopiara, CE • Lidiane A. da Silva, Alto Rio Doce, MG • Lilith S. da Costa, São Gonçalo, RJ • Luana de S. Silva, Lagarto, SE • Maria Ap. Nogueira, Sinop, MT • Mariana M. A. Vitor, Rio de Janeiro, RJ • Natália de O. Tavares, Belo Horizonte, MG • Nilzete M. Laurentino, João Pessoa, PB • Patrícia de L. Luiz, Valinhos, SP • Rafaela C. Marcelino, Jaboatão dos Guararapes, PE • Rafaela P. de Freitas, São Bento, MA • Rebeca de M. Silva, São Paulo, SP • Renata dos Santos, São Paulo, SP • Rochelis S. Baldissera, Caxias do Sul, RS • Rosana Franco, São Paulo, SP • Sandra da S. Matias, Loanda, PR • Suely S. Goiana, Camocim, CE • Tatiana R. dos Santos, São Raimundo Nonato, PI • Thais A. M. Fontes, Januária, MG • Valéria S. Rodrigues, Petrolina, GO • Viviane S. Magalhães, Senador José Porfírio, PA

Matéria 4 / segunda parte

Matéria 5 - Figura 29 - Edição 70 / Título da matéria analisada: Virgem por opção / Subtítulo: Tudo o que passa pela cabeça de quem decide não transar! / Tema: VIRGINDADE / Páginas: 70 e 71 / Data da publicação: setembro de 2001 / Texto: Eliane Calixto.

Virgem por

A discussão é antiga, mas hoje em dia já não existe mais aquela obrigação (antigamente imposta pela família e pela sociedade) da garota se casar virgem. Muito pelo contrário, existem meninas que sofrem um outro tipo de pressão: da turma, principalmente das amigas mais próximas, que já tiveram sua primeira vez. A virgindade acaba sendo encarada como uma coisa do passado mas, na verdade, deveria ser vista como uma opção particular de cada um. E, então, como fugir da pressão e das piadas da turma? A ***todateen*** ajuda você!

Fuja da pressão

Decidir por si mesma é fundamental. E agir de uma maneira contrária aos seus princípios morais é arriscado, segundo a psicóloga Maria Lúcia Bien: *"Você corre o risco de ter a sua primeira transa com a pessoa errada, na hora errada e o encantamento da primeira vez, ao invés de deixar uma lembrança agradável, pode causar sofrimento e arrependimento"*. E esse é o tipo de coisa que pode se arrastar para o resto da vida de uma adolescente. *"Quando uma jovem se deixa influenciar, pode se tornar uma adulta insegura e insatisfeita. Por isso, é importante lutar pelos próprios ideais"*, afirma Maria Lúcia.

Garanta o respeito

O primeiro passo é deixar a insegurança de lado e demonstrar certeza do que você realmente quer. *"Para se ter o respeito dos outros, deve-se ter bem claro os seus objetivos de vida, uma vez que vivemos numa sociedade preconceituosa, que está sempre julgando as pessoas"*, diz a psicóloga. Fazendo aquilo que deseja, com certeza, se sentirá melhor. *"Desta maneira, a jovem evita complicações futuras que a impeçam de ser feliz. Virgindade deve ser encarada como maturidade, vivendo as necessidades e os desejos de cada um. A melhor forma de se sentir bem é fazendo aquilo que realmente a dê tranquilidade"*, conclui Maria Lúcia Bien.

Thais Fersoza Fala de virgindade

"Acho que cada um escolhe o que quer para si. Se eu escolhi ser virgem, isso é uma coisa minha, algo que só diz respeito a mim. Não estou querendo levantar nenhuma bandeira ou dizendo coisas do tipo: "Vamos ser virgens!". Nunca sofri pressão alguma, nem de namorado, nem de amigo. Acho que ser virgem ou deixar de ser é uma escolha individual. Cada um sabe aquilo que quer para si. Não interessa se o fulaninho vai falar, se o fulaninho vai gostar... Sempre me respeitaram. Também nunca tive problemas com amigos, de ficarem me induzindo a fazer algo que eu não queria ou achava que ainda não era a hora de fazer. Muito pelo contrário, a maioria das minhas amigas ainda é virgem."

Uma questão emocional

Perder a virgindade é muito mais do que romper o hímen (membrana que fica na entrada da vagina) e não é uma questão que envolve apenas um ato físico. *"Existe envolvimento emocional. Para a garota, romper o hímen significa um marco da vida sexual. E por ser mais romântica que o garoto, ela vive a relação de "corpo e alma" e, quando se frustra ou se decepciona, vive um grande sofrimento que pode influenciar os relacionamentos futuros. Primeiramente, quando a menina se sente usada pelo rapaz"*, explica a psicóloga. Por isso, é preciso pensar duas vezes e nunca decidir nada nos momentos em que estiver em dúvida.

Na visão dos meninos

"Para o rapaz, se a garota perder a virgindade no decorrer de um namoro prolongado e sério, tudo bem. Mas se ela resolver transar na fase do ficar, a menina pode ser considerada "galinha" e rotulada como uma jovem fácil, inconseqüente, do tipo que transa com qualquer garoto que aparecer", explica a psicóloga. Para evitar que isso aconteça, Maria Lúcia aconselha: *"É preciso buscar qualidade de vida sexual e também é fundamental se conhecer. Quem opta por se casar virgem não deve se sentir diferente das demais mas, ao contrário, demonstrar firmeza em suas convicções. Essa é uma escolha individual que merece respeito"*.

Tudo o que passa pela cabeça de quem decide não transar!

opção

Virgindade X Pureza

É preciso tomar cuidado para não confundir as bolas: antigamente, diziam que a mulher pura e inocente era aquela que se preservava para o marido, que se guardava virgem para a lua-de-mel, até o dia do casamento. Com o passar do tempo as pessoas perceberam que uma coisa não tinha nada a ver com a outra. Se você resolver perder a virgindade, não quer dizer que vai deixar de ser pura, no sentido real da palavra. Embora alguns dicionários classifiquem pureza como sinônimo de virgindade, isso vai mais da sua própria cabeça e acaba sendo um conceito. Pureza também pode significar transparência, sinceridade ou um modo mais romântico de encarar a vida... Então, se você for transparente consigo mesma e decidir que chegou a hora de transar, isso é o que importa! O resto são só rótulos e nomenclaturas... Lembre-se: se você está feliz com a decisão que tomou ou se ainda não se sente pronta para definir uma coisa tão importante, espere! Esteja contente com você mesma, pois é isso que vale.

Texto: Eliane Calixto
Consultoria: Drª Maria Lúcia Bien (psicóloga e terapeuta sexual)

Matéria 5 / segunda parte

Matéria 6 - Figura 30 - Edição 73 / Título da matéria analisada: Não sou mais virgem / Subtítulo: Isso é um problema? Veja como acabar com essa encanação / Tema: VIRGINDADE / Páginas: 66 e 67 / Data da publicação: dezembro de 2001 / Texto: Eliane Calixto.

"Não sou mais

Isso é um problema? Veja como acabar

Você já se sentiu pressionada pela família, amigos ou namorado para falar de um assunto que não a deixa muito à vontade, como a virgindade, por exemplo? Como costuma reagir numa situação dessas? Será que não ser mais virgem é uma vergonha pra você ou encara isso de maneira natural? Quando sua mãe toca no assunto, foge da conversa? E seu namorado, tem algum preconceito? E quando a garota transa e o pior de tudo é que depois se arrepende? Pois aprenda a lidar com essas diversas situações de uma maneira mais tranqüila, sem sofrer pressões de terceiros. Lembre-se de que a sua vida só interessa a você mesma.

O medo

O primeiro sentimento que aparece nessas horas é o medo. Medo de ser repreendida pelos pais, de ficar malfalada entre a galera, do futuro namorado não aceitar ficar com uma garota que não é mais virgem e outras coisas desse tipo... É um sentimento tido como normal nessa idade e atinge a maioria das adolescentes.

Então, não se sinta diferente por isso. O que você não pode é viver com esse medo para sempre. Liberte-se desse sentimento e a melhor forma de fazer isso é conversando com alguém. Pode ser uma amiga ou uma tia, uma professora ou uma médica (caso se sinta mais à vontade diante de uma figura feminina). E mais: ir ao ginecologista é uma atitude muito sábia!

Nada por obrigação

Agora, se acha que vai se sentir melhor ficando na sua, sem contar nada pra ninguém, esse é um direito inteiramente seu. A psicóloga Maria Lúcia Bien completa: *"Você não é obrigada a falar sobre sua sexualidade. Quando alguém perguntar sobre isso, diga que não quer falar sobre sua vida íntima. Mas se seus pais forem compreensivos, poderão até ajudá-la a entender melhor essa nova fase de sua vida. Lembre-se de que os pais sempre se preocupam com os filhos para que não cometam atos que tragam consequências desastrosas"*

Arrependimento

Segundo a psicóloga, é comum também muitas garotas perderem a virgindade em situação adversa, como, por exemplo, com a pessoa errada, no momento errado e, pior ainda, sem nenhuma prevenção. Isso pode acabar se transformando num trauma para a vida toda e a so-

Amadurecendo

Para a atriz Priscila Fantin o diálogo com os pais é mesmo fundamental: "Eles têm, no mínimo, 20 anos a mais de experiência de vida do que nós e, nessa hora, todo apoio é muito bem-vindo", confessa ela. E para evitar arrependimentos futuros, Priscila tem um conselho a dar: "Só transe quando você tiver plena certeza de que gosta mesmo daquela pessoa e de que há uma troca entre vocês. Tem de ter muita cumplicidade dos dois. O amor é a primeira coisa que envolve um casal, mas tem de ter outras coisas além disso, como o companheirismo, por exemplo", completa a atriz.

virgem"

com essa encanação

lução, nesse caso, diz ela: "*É analisar por que foi horrível e procurar não repetir os mesmos erros. Além do mais, o tempo se encarregará de ajudá-la, mas se isso a faz sentir tão mal, procure a ajuda de um profissional*", conclui.

Opiniões alheias

Se a sua maior preocupação é que a sua história caia na boca da galera e acabe ficando malfalada, saiba que isso só depende de você mesma. "*Você só vai ficar malfalada se tiver atitudes no dia-a-dia que demonstrem um comportamento vulgar e não porque perdeu a virgindade*", adverte a psicóloga. Portanto, apesar de essa ser uma questão que só interessa a você, se quiser evitar as fofocas, seja discreta e não dê motivos para falação. Já se a sua preocupação é quanto ao fato do seu namorado descobrir que não é mais virgem, Maria Lúcia Bien alerta: "*Se seu namorado brigar com você, ele demonstrará que é uma pessoa radical, pouco compreensiva e, com certeza, carregada de um machismo que poderá lhe criar problemas em outras situações.*"

Eliane Calixto
Consultoria: Drª. Maria Lúcia Bien (psicóloga e terapeuta sexual)

FOTO: FABIO CARVALHO

FOTO: HEBANEPE ILUSTRATIVA

Cuidados pessoais

Ir ao ginecologista é uma coisa que a gente deve fazer antes mesmo de perder a virgindade, mas depois, a visita ao médico deve ser feita com mais freqüência ainda. É que ele vai poder lhe dizer, por exemplo, quais os cuidados que deve ter com a sua higiene íntima e vai alertá-la para as formas de se prevenir de uma gravidez indesejada ou evitar as doenças sexualmente transmissíveis. Através do médico, você vai saber mais sobre o uso da camisinha e da pílula anticoncepcional, que devem ser suas parceiras inseparáveis na próxima vez que for transar.

Matéria 6 / segunda parte

Matéria 7 - Figura 31 - Edição 76 / Título da matéria analisada: Medo da 1ª. Vez / Subtítulo: Calma! A informação é a sua melhor amiga / Tema: VIRGINDADE / Páginas: 70 e 71 / Data da publicação: março de 2002 / Texto: Kamila Dantas.

da 1ª vez

Responsabilidade é muito importante

Infelizmente, a cada ano que passa, aumenta o número de garotas que iniciaram uma vida sexual inadequada e acabaram engravidando e até contraindo doenças sexualmente transmissíveis. A adolescência é uma fase incrível, de descobertas deliciosas, como os amassos com o gato, os beijos trocados e as carícias mais ousadas. Contudo, deixar-se levar pela emoção pode ser um risco danado. Garota esperta é aquela que se mostra responsável e que corre atrás das informações.

Veja se você sabia que...

... existem diversos tipos de himens, inclusive o complacente, que pode não se romper na hora da penetração na primeira vez;

... a garota pode engravidar durante a primeira transa e até mesmo durante a menstruação;

... antes mesmo de o menino ejacular, o pênis libera um líquido que pode engravidar e até transmitir doenças para a garota;

... a pílula anticoncepcional pode evitar uma gravidez indesejada, mas não uma Doença Sexualmente Transmissível. Só a camisinha protege contra as chamadas DSTs, inclusive a temida aids;

... durante a primeira penetração, a menina não precisa, necessariamente, sentir dor ou sangrar. Tudo isso vai depender do estado de excitação e também do tipo de hímen que ela possui.

E se as coisas não rolarem bem?

Ao decidir perder a virgindade, a garota deve estar ciente de que as primeiras vezes nem sempre são como nos filmes. Um certo medo e ansiedade estarão presentes e, por isso, é normal que a menina não sinta prazer algum. Mas, com o tempo, se sentirá mais segura e poderá desfrutar com mais calma e responsabilidade as delícias da vida adulta. Também não adianta ficar lamentando o que perdeu.

Conheça os métodos anticoncepcionais

Existem diversos métodos anticoncepcionais e só o ginecologista pode indicar a melhor opção para cada tipo de garota. Conheça alguns deles:

• **Pílula** - Hormônios que impedem o amadurecimento do óvulo. Podem ser tomados também em forma de injeção.

• **Tabelinha** - Consiste na abstinência sexual (leia-se "não transar") durante o período em que a garota está fértil. Esse método é muito arriscado, principalmente na adolescência, pois a garota pode não ter um ciclo menstrual regular, ou seja, certinho.

• **Coito interrompido** - Foi considerado por muito tempo um método anticoncepcional, mas esse método não é nada eficiente. Consiste na retirada do pênis da vagina antes que ocorra a ejaculação.

• **Camisinha** - Além de ajudar a prevenir a gravidez, ele é o ÚNICO método para evitar as DSTs, inclusive a aids. Mas para que ela seja mesmo eficiente, deve ser colocada da maneira correta.

Outras formas de prevenção

Existem outros métodos bastante usados: o DIU e o Diafragma, ambos implantados dentro do corpo da mulher. Mas os ginecologistas não os indicam para adolescentes ou para mulheres que nunca tenham engravidado.

Kamila Dantas
Consultoria: Dra. Carla Lambertini Bonjorno (ginecologista)

Matéria 7 / segunda parte

Matéria 8 - Figura 32 - Edição 78 / Título da matéria analisada: Eles pensam só naquilo? / Subtítulo: O que rola com os garotos quando o papo é sexo / Tema: SEXO / Páginas: 76 e 77 / Data da publicação: maio de 2002 / Texto: Melanie Retz.

O que rola com os garotos quando o papo é sexo

Eles só

CENSURADO

Apesar das meninas amadurecerem física e emocionalmente antes dos meninos e, em média, iniciarem a vida sexual primeiro, são eles que pensam em sexo o tempo todo! É claro que falar o "tempo todo" é exagero, mas eles pensam mais nesse assunto do que as garotas. Por que será?

Estímulo

Uma das razões é que os garotos têm um impulso sexual diferente do das meninas, por questões biológicas. A psicóloga Sandra Leal Calais explica que os rapazes se excitam só de olhar o objeto de desejo e, por isso, têm mais oportunidades para pensar em sexo: *"O homem vê uma mulher de costas e só com o gingado do quadril sente-se estimulado. A mulher é diferente, dificilmente se excita numa situação dessa, ela responde mais ao toque, por exemplo"*. Mas, além da biologia, grande parte desse pensamento fixo é cultural. Enquanto os meninos são induzidos desde cedo a pensarem sobre sexo, com as meninas o assunto é proibido.

Amor x sexo

"Sexo é uma coisa à parte, não precisa ter relação com o amor", afirma o estudante Vinícius. Por que as meninas são tão diferentes? Lá vem a

pensam naquilo?

biologia de novo: *"A mulher tem um óvulo por mês para amadurecer e o homem tem milhões de espermatozóides no mesmo período. Assim, a transa para o homem é mais instintiva, é a busca da perpetuação da espécie. Já para a mulher, o parceiro tem que ser bem escolhido, pois só um fecunda seu óvulo. Por isso, ela quer envolvimento e amor"*, explica Sandra. Além disso, a cultura também influencia: os garotos são estimulados a serem garanhões, enquanto as garotas são induzidas a se preservarem. Por isso, o homem consegue transar sem envolvimento mais facilmente do que a mulher, mas também pra ele, o sexo é melhor quando está amando. Agora, não é por isso também que o garoto deve sair transando por aí e depois vir com a desculpa de que estava seguindo seus instintos. Eles sabem se controlar muito bem quando querem, certo?

1ª vez

Só as meninas sentem ansiedade na primeira transa? Que nada, veja o que o Darwin, 17 anos, contou: *"A minha primeira vez foi com uma conhecida. Não senti medo ou insegurança, mas estava muito ansioso"*. Muitos meninos ficam tão ansiosos que não têm sucesso na primeira transa. A insegurança não é só feminina. E eles contam aos amigos sobre a transa? Amigos, amigos e transas à parte? Nem sempre. Vinícius, por exemplo *"Comentaria com os amigos mais íntimos sobre a transa"*. Mas se você pensa que todos eles saem espalhando pro mundo, está enganada. Darwin, Wellington e Marcelo guardariam pra eles a experiência.

Relacionamento

Os meninos agüentam um namoro sem sexo? Há divergências entre eles. Marcelo, 14 anos: *"Não agüentaria por muito tempo"*. Mas, felizmente, existem aqueles que esperariam a menina estar pronta para dividir esse momento com eles. É o caso de Wellington, 16 anos, que diz: *"Se a menina for gente boa, eu agüentaria"*. Já Darwin, acha que o melhor é abrir o jogo: *"Conversaria com ela abertamente"*.

Afeto

Já percebeu que menino não gosta de ficar melando? Pois é, as mulheres aprendem desde criança que o toque é uma coisa boa. Abraçar, beijar, acariciar, tudo é uma delícia. E os meninos? Com eles é diferente, ensina-se a terem um distanciamento, nada de ficar agarrado com os pais, beijando ou coisa parecida. Você e a sua amiga, por exemplo, costumam se abraçar e até dar um beijinho no rosto. Então, pense num menino fazendo o mesmo com o amigo. Logo iam começar a chamá-lo de maricas, boiola... Por isso, às vezes, as meninas acham que os garotos não são tão carinhosos quanto gostariam. *"Primeiro eles aprendem que devem ter um distanciamento, não demonstrar afeto e depois lhes cobram que sejam afetuosos, não é esquisito?"*, pergunta a psicóloga.

Virgindade

Sabe aquela história de que os meninos querem casar com uma garota virgem? Antes, os gatos achavam que só eles podiam transar e as meninas tinham que ficar na *"santa pureza"*. Que discriminação! Mas os nossos entrevistados não fazem questão que a menina seja virgem. E o que você acha que eles pensam de uma garota que oferece camisinha? Galinha? De jeito nenhum: *"É uma menina informada, que se preocupa com a saúde"*, comenta Darwin. *"Eu acho muito bom, porque previne doenças"*, diz Marcelo. *"Não tem problema nenhum, mostra que é uma moça prevenida"*, completa Vinícius. Viu como os meninos podem surpreender...

Texto: Melanie Retz
Consultoria: Sandra Leal Calais (psicóloga)

Matéria 8 / segunda parte

Matéria 9 - Figura 33 - Edição 80 / Título da matéria analisada: Enfim sós / Subtítulo: Vocês (finalmente) ficaram sozinhos. E agora? / Tema: SEXO / Páginas: 38 e 39 / Data da publicação: julho de 2002 / Texto: Kamila Dantas.

"Enfim sós"

Vocês (finalmente) ficaram sozinhos. E agora?

O namoro já está rolando há algum tempo, vocês se curtem muito e o que tanto esperavam acontecer: a oportunidade de ficarem sozinhos. Mas, ao invés de euforia, você sente medo e um frio na barriga: afinal, até onde ir?

Intimidade

Vocês convivem há um tempo, mas ficar sozinha com o gatinho é diferente: essas ocasiões são especiais, pois há a chance de conhecer melhor o seu namorado, suas idéias e, por que não, seu corpo. Como estão encantados um com o outro, é natural que surja uma atração irresistível.

Para Adriana, 15, e Gustavo, 17, que namoram há um ano, a primeira oportunidade de ficarem juntos foi cercada de ansiedade: *"Fiquei ansiosa e insegura, por não ter certeza se ele gostava realmente de mim. Mamãe curtindo o clima, não dá para saber até onde dizem estão..."*, disse Adriana.

Gustavo achou legal deixar a intimidade acontecer naturalmente: *"Acho que foi rolando, foi acontecendo... Não fiquei pensando, hoje quero ir mais até aqui, amanhã até ali"*. Os namorados aproveitam os momentos que ficam sozinhos para se divertirem: *"Gostamos de ver filme, estudar juntos, comer pizza, fazer pipoca, brigadeiro"*, relata Adriana.

Avançar o sinal?

Quando pinta um gatinho novo, você não sabe se pode confiar ou não. Fica sempre aquela dúvida: *"Será que ele está sendo sincero?"*. Observe nos olhos

do gato se ele está sendo legal com você. Além disso, não se esqueça de que você não está fazendo nenhum favor para ele: o prazer é seu também, só faça o que tiver vontade.

Os carinhos, os amassos e o sexo são fontes de prazer e troca de experiências. É importante ter certeza de que a sintonia existe no seu namoro para, então, permitir (ou não) que a intimidade aconteça.

O que vão pensar?

Além da insegurança em relação à própria situação, pinta o medo do que os outros podem falar. Danielle, 16, passou por essas encanações: *"Eu me preocupava com os vizinhos, se eles não veriam que eu estava levando um menino lá em casa, não queria que ninguém ficasse sabendo"*. Para Danielle, esses momentos são muito gostosos, já que pode curtir o gato sem interferências. Mas adverte: *"Acho que, dependendo do tempo do namoro, pode avançar um pouco. É preciso ter juízo e segurança"*. E se deixar rolar a intimidade, não se esqueça jamais da camisinha, hein?

Hora de curtir!

Ufa! Chegou o momento de celebrar a bendita hora que seus pais decidiram viajar: seja com beijos e amassos, ou apenas pedindo uma pizza e assistindo a um filme água com açúcar... Afinal, ficar com o gato é o máximo em qualquer situação!

Kamila Dantas

Para descontrair

O que fazer se você ficar com medo dos amassos com o gatinho:

- *Sugira que vocês cozinhem alguma coisa bem gostosa, afinal, sem os seus pais, nada mais justificável do que você testar os seus dotes culinários.*
- *Coloque uma música bem agitada, daquelas que tornam impossível que o clima romântico sobreviva...*
- *Finja que está indo ao banheiro e ligue para o "Relações Públicas" da turma. O pessoal vai chegar falando que descobriu que a casa estava vazia e que essa é uma ótima oportunidade para um agito!*
- *Se nenhuma dessas estratégias der certo, é hora de apelar: sair da cena do "crime". As alternativas são inúmeras: falar que está com enjôo e precisa ir agora na farmácia; contar que sua melhor amiga está deprimida e que você precisa dar uma força; inventar que seus tios vão a um jantar e contam com suas habilidades de babá para cuidar dos priminhos endiabrados; ou, na melhor das hipóteses, chame o gato para uma sorveteria e saia no lucro!*

Bastidores da Promoção *todateen*

Almoço com Dado Dolabella

Dar beijinhos nas pernas que o Dado Dolabella tem acima de uma das sobrancelhas era tudo o que Karina Souza da Costa, 17 anos, nossa leitora de Arujá (SP), queria na vida. E não é que a sortuda conseguiu? Ela ganhou a promoção e almoçou com o Dado na Churrascaria Porcão, de Ipanema, Rio de Janeiro (RJ). Além de ficar pertinho dele, com tudo o que tinha direito, ainda conheceu a Cidade Maravilhosa.

Como a Karina fez para ganhar? Ela gastou dois cadernos de 100 folhas, só escrevendo o porquê de gostar tanto do Dado. Só que ela não achou suficiente e saiu de turma em turma no colégio pedindo colaboração com mais folhas. Resultado: uma carta de 300 metros de comprimento. E tem mais: ainda bordou uma toalhinha especialmente para ele!

Dado autografou e escreveu coisas lindas na agenda de Karina, que ainda aproveitou para tirar muitas e muitas fotos. *"Amanhã, quando eu acordar, vou pensar que sonhei"*, declarou emocionada. Não sonhou não, Karina!

Reportagem: Fátima Telles

Matéria 9 / segunda parte

Matéria 10 – Figura 34 - Edição 81 / Título da matéria analisada: Sexo: prova de amor? / Subtítulo: Não caia nessa armadilha / Tema: VIRGINDADE / Páginas: 75 e 76 / Data da publicação: agosto de 2002 / Texto: Tereza Guedes.

Sexo: prova

Não caia nessa armadilha

Você adora curtir os momentos de intimidade com o seu gato, certo? Beijos de tirar o fôlego, abraços bem apertadinhos, uma mãozinha que escorrega de vez em quando... ops! O que fazer agora? É da natureza masculina ter pressa para chegar aos "finalmentes", mas você não tem que passar por cima dos seus sentimentos só para calar os hormônios que estão "gritando" dentro do mano. Se, na hora de levantar a plaquinha com o sinal vermelho, ele vier com aquele papinho de que transar é sinônimo de confiança, amor eterno e coisas assim, atenção: você está diante de uma cilada, gatinha!

Encurralada

Só você sabe o momento certo para dar adeus à sua virgindade. É preciso ter esse pensamento sempre em mente para não acabar se arrependendo

de amor?

mais tarde. Imagine o seguinte: você detesta lavar louça, mas se não fizer isso todos os dias, fica sem ganhar mesada. O que acontece? Os pobrezinhos dos pratos têm de encarar a sua cara feia, muita reclamação e o pior: eles estão adorando receber aquela água limpinha e a massagem de uma esponja. No entanto, não ficam felizes porque vêem o quanto isso é chato para quem está do outro lado.

Transar sob pressão é a mesma coisa. "*Eu amava o Paulinho, meu ex-namorado, e como o nosso caso estava meio que esfriando, resolvi fazer a vontade dele e transei sem estar a fim. Foi a pior coisa: eu não estava preparada e fiquei me sentindo usada depois. No final, acabamos o namoro e descobri que o sexo não é o suficiente para segurar um relacionamento*", conta a Débora, 14 anos. Para não cometer o mesmo erro que ela, pense bem antes de tomar a sua decisão!

Sem opinião

Muitas vezes, os garotos começam a fazer pressão sobre os amigos para saber quem ainda não transou e, aí, sobra pras namoradas, sabia? Se o seu gato sempre respeitou a sua opinião e, de uma hora para outra, passou a pressioná-la, chame-o para uma conversa franca e abra o jogo, perguntando o que está acontecendo. Se descobrir que esse é o problema, não tenha medo de dar um chega-pra-lá no menino e deixá-lo na geladeira por uns tempos. Afinal, sair com alguém que se deixa influenciar pelos outros pode acabar machucando o seu coração, gatinha. Vai que os colegas dele começam a implicar com você e o pressionam para terminar o romance? Não ia ser legal, certo?

Agora, se são as suas amigas que andam cobrando uma atitude da sua parte ou se você está se sentindo diferente só porque é a única virgem da galera, é melhor pensar bem antes de decidir o que fazer. Não se esqueça de que não é obrigada a ser igual a todo mundo e que ter opinião própria mostra a sua personalidade. "*Todo mundo da minha turma já tinha transado e viviam fazendo piada porque eu era a única virgem. Como o meu namorado também estava pressionando, acabei cedendo. Não me arrependi, mas se tivesse esperado, teria sido muito melhor*", fala Vanessa, 16 anos. Por isso, faça só o que tiver vontade, porque o corpo é seu!

"Não sei o que eu quero"

Às vezes, é difícil dar uma acalmada no garoto porque você está dividida e não tem certeza se não quer transar. Isso é normal e rola com todo mundo antes da primeira vez, mas não é desculpa para embarcar na chantagem do seu namorado e resolver sob pressão. Seja sincera e diga para o gato que está pensando na possibilidade, só que ainda não tomou a sua decisão. Peça a ele para esperar e fale que, quando achar que está pronta, irá abrir o jogo. Assim, ele não vai ficar cobrando uma atitude e, na hora certa, será muito mais legal. Transar pode ser uma aventura maravilhosa, mas para isso, a decisão tem que ser sua, sem cobranças ou chantagens, ok?

Sinal vermelho

Você já apelou para o diálogo, expôs o seu ponto de vista, disse tudo o que está sentindo e o menino continua fazendo marcação cerrada ou pior, chantagem? Se ele surgir com "*Só assim você vai mostrar que realmente me ama*", está na hora de pensar se vale a pena continuar esse namoro. É triste avaliar o final da relação, só que, quando não existe respeito por parte dele, é porque talvez não exista amor. Pode ser doloroso encarar isso, mas será que o gato não está pensando apenas em sexo? A única que pode descobrir a verdade é você: pese bem todas as atitudes dele e chegue a uma conclusão. Se o menino estiver querendo apenas curtir, saiba que transar para fazer a vontade dele não é garantia de continuar o namoro! "*Meu ex-namorado vivia me pressionando e, com medo de perdê-lo, acabei cedendo. Me sentia meio culpada e não conseguia curtir direito quando estávamos sozinhos. Um mês depois, ele conheceu outra garota e terminou comigo. Fiquei arrasada!*", entrega Melissa, 15 anos. Nesse assunto, o melhor caminho é seguir a voz do seu coração. E ponto final!

Tereza Guedes

Matéria 10 / segunda parte

Matéria 11 – Figura 35 - Edição 82 / Título da matéria analisada: Masturbação / Subtítulo: Perguntas e respostas sobre a tal... / Tema: SEXO / Páginas: 68 e 69 / Data da publicação: setembro de 2002 / Texto: da redação.

Perguntas e respostas sobre a tal...

1 ***O que é masturbação? E como se pratica?***
Lívia, 11 anos
É o ato de acariciar os próprios órgãos genitais para obter prazer através do toque nas regiões eróticas do corpo. É comum utilizar o dedo, em movimentos curtos e circulares, para estimular o clitóris (uma pequena elevação que fica na parte de cima da vulva).

2 ***Qual a sensação que a masturbação proporciona?***
Jéssica, 14 anos
Gera uma sensação de grande prazer que chega ao seu ponto máximo com o orgasmo: ocorrem contrações e espasmos musculares, o coração acelera e uma onda de calor percorre todo o corpo. Após o clímax, os músculos relaxam.

3 ***Quanto tempo costuma durar o orgasmo feminino?***
Clara, 16 anos
Tem duração curta e depende de cada pessoa, mas na mulher é maior do que no homem. Em pouquíssimos casos, chega a durar 2 minutos.

4 ***A vagina fica inchada ou deformada com a masturbação?***
Micheli, 13 anos
Pode ficar inchada se o atrito for grande (depois ela volta ao seu tamanho normal), mas, deformada, não.

5 ***Me masturbo até 4 vezes por dia. Tenho algum problema?***
Tatiana, 14 anos

MASTURBAÇÃO

Não. Cada pessoa tem um ritmo próprio. Se lhe dá prazer e você não deixa de fazer outras coisas por causa disso, não há nenhum problema.

6 ***Minha menstruação é toda desregulada. Será que é por causa da masturbação?***
Lívia, 15 anos
Não. Na adolescência, os ciclos são, normalmente, irregulares.

7 ***Quando me masturbo, sinto uma coisa boa, como se fosse uma cãimbra sem dor e depois começo a tremer. O que acontece?***
Fernanda, 13 anos
Possivelmente, teve um orgasmo.

8 ***Para me masturbar, acaricio o clitóris, mas se coloco o dedo dentro da vagina, não sinto prazer e, às vezes, sinto dor. Por quê?***
Flávia, 14 anos
Porque o clitóris é mais sensível do que a vagina e ela precisa estar lubrificada para que a penetração não incomode e seja prazerosa.

9 ***Eu posso me masturbar durante a menstruação?***
Bruna, 14 anos
Não há nada que impeça a masturbação no período menstrual.

10 ***A masturbação pode ajudar a ter uma vida sexual mais prazerosa no futuro? Por quê?***
Anna, 17 anos
Sim, pois ela permite que a pessoa conheça melhor o próprio corpo, descobrindo quais são as carícias e os locais que mais lhe dão prazer.

11 ***Ela faz nascerem espinhas no rosto ou pêlos nas mãos? Ou faz crescerem os seios e a vagina?***
Cláudia, 15 anos
Não!!! Essas idéias fazem parte de uma crença antiga, quando se considerava o ato de se masturbar como vergonhoso e perigoso. Hoje, esses mitos já foram desmentidos.

12 ***A masturbação impede o desejo sexual?***
Letícia, 17 anos
Não. Ela estimula a fantasia sexual, que é importante para ter o orgasmo, e pode ser feita com o parceiro.

13 ***Se eu me acostumar a me masturbar, posso não sentir tanto prazer quando for transar?***
Danila, 15 anos
Não, mas seu parceiro tem que saber estimulá-la nos locais certos e você pode ensiná-lo.

14 ***A masturbação causa algum problema de saúde?***
Larissa, 13 anos
Não, mas é preciso tomar cuidado com objetos que são introduzidos na vagina, pois eles podem causar lesão na mucosa e transmitir bactérias.

15 ***Alguém pode notar que eu acabei de me masturbar?***
Miriane, 14 anos
Não. Esse ato não deixa nenhum sinal aparente.

16 ***Quando me masturbo, fico com um tipo de corrimento. Isso é normal?***
Marcella, 12 anos
Sim. Isso é o muco e serve para lubrificar a vagina.

17 ***Masturbação pode tirar a virgindade da garota?***
Fran, 13 anos
O hímen pode ser rompido se você introduzir na vagina objetos com diâmetro maior que 2cm ou pelo menos dois dedos.

18 ***A masturbação pode ser ruim em alguma situação?***
Andréia, 13 anos
Quando a pessoa passa a maior parte do tempo se masturbando, deixando de fazer outras coisas por causa disso, a masturbação é considerada excessiva. Algumas meninas podem achar mais fácil ficar se masturbando do que sair e conhecer pessoas. Nesse caso, o ideal é procurar uma orientação.

19 ***É normal sentir culpa depois de se masturbar? O que fazer, então?***
Gisele, 15 anos
Isso não é saudável, pois gera um conflito na pessoa: ela tem o prazer momentâneo, mas sente-se mal depois e se arrepende. Geralmente, esse sentimento surge quando a garota não tem certeza se a masturbação é uma coisa legal.

Consultoria: Dr. Alberto Segalla Jr. (ginecologista)

Matéria 11 / segunda parte

Matéria 27 - Figura 36 - Edição 83 / Título da matéria analisada: SEXO: Depois da primeira vez / Subtítulo: Como essa experiência muda a sua vida? / Tema: SEXO / Páginas: 76 e 77 / Data/publicação.: outubro/ 2002 / Texto: Ângela Moraes.

Sexo: DEPOIS

Como essa experiência muda a sua vida?

Antes de ter a primeira relação sexual, certamente, um milhão de dúvidas passam pela sua cabeça até tomar a sua decisão. No entanto, a importância maior da primeira transa não é só o momento em si. Ela marca, antes de tudo, o início de uma vida sexual. Você já parou para pensar em como a sua vida vai mudar a partir disso?

Cuidando de si mesma

A primeira e mais importante mudança deve acontecer dentro da sua cabeça. Se você se acha madura para iniciar a sua vida sexual, deve também assumir as responsabilidades que ela traz, como usar camisinha sempre (sempre, sempre, sempre mesmo!!!) para evitar Doenças Sexualmente Transmissíveis (como a aids, entre outras) ou correr o risco de se tornar uma jovem mãe (e filho custa muito dinheiro, diga-se de passagem!). Tomar uma atitude responsável diante do seu corpo é algo que, daqui pra frente, vai depender exclusivamente de você, pois, caso não se cuide muito bem, será você mesma quem vai pagar o pato. Pense nisso!

Todo dia é dia?

Tudo bem que a primeira vez já rolou, mas, só por causa disso, todo dia é dia de transar? De jeito nenhum! Se você não estiver a fim de que aconteça de novo por um tempo, tem todo o direito de dizer não. Afinal, o sexo é uma vivência muito gostosa quando ambos estão envolvidos, excitados e tudo acontece naturalmente. Por isso, nada de pressão: você saiu com o gato para passear e ele já quer sexo? Deixe bem claro que só vai repetir a experiência quando estiver a fim!

Ele não era namorado

Se a primeira vez aconteceu e o garoto não era seu namorado, não significa que agora você vai ter que transar com todos os rapazes com quem se relacionar. Afinal, ele não sabe se você ainda é virgem ou não e, mesmo que soubesse, não faria diferença. O que importa é você se sentir bem. Se estiver a fim de conhecer melhor a pessoa antes de deixar acontecer sua segunda vez, não tenha receio; apague o fogo do gato e faça-o respeitar a sua vontade! Aliás, essa regra vale até para antes do primeiro beijo com alguém diferente: conheça-o para ver se o lance vale a pena.

A 1ª vez não foi legal

Muitas vezes, acreditamos que a primeira experiência sexual vai ser algo extraordinário, super-mega-romântica e cheia de purpurinas cintilantes caindo do céu. É claro que, na vida real, não funciona assim: o garoto pode ficar morrendo de medo de não fazer as coisas direito e acabar não sendo muito romântico, você pode ficar tensa e não sentir o tal orgasmo que tanto falam, enfim, é supernormal que a primeira vez não seja lá aquele mar de rosas. Aí, você pergunta: a segunda vez também vai ser esquisita desse jeito? Provavelmente não, mas também pode não ser maravilhosa. Sexo se aprende aos poucos, ao longo de toda a vida. Mesmo que a primeira experiência não tenha sido muito boa, não significa que você não vai sentir o prazer que um contato tão próximo com alguém proporciona. É tudo uma questão de tempo, prática, afinidade e confiança na pessoa que está com você. Só isso!

A segunda vez dói?

Na primeira vez, a dorzinha acontece porque lá um membrana (hímen) que está sendo rompida e também porque a vagina nunca dilatou tanto para receber um corpo estranho. Mas o que realmente atrapalha é o medo e a ansiedade desse momento, fazendo com que a musculatura fique toda contraída. Na segunda vez (ou em todas as outras), se a menina estiver tão nervosa e tensa quanto na primeira, poderá sentir dor, sim. Agora, se estiver bem relaxada e lubrificada, confiante no par e fazendo sexo com muito carinho, não deve sentir dor, a menos que tenha alguma infecção. Porque sexo é, além de tudo,

Matéria 12 / segunda parte

Matéria 13 - Figura 37 - Edição 84 / Título da matéria analisada: Jovens mães / Subtítulo: A gravidez chegou (muito) antes da hora / Tema: GRAVIDEZ / Páginas: 68 e 69 / Data da publicação: novembro de 2002 / Texto: Tereza Guedes.

Jovens

A gravidez chegou (muito) antes da hora

Acordar no meio da noite é muito chato, não é? Imagine, então, se for pra trocar fralda, esquentar mamadeira, fazer chazinho, embalar o neném... Um bebezinho pode ser a coisa mais fofa do mundo, mas só se aparecer na vida da pessoa no tempo certo. Mas, mesmo sabendo de tudo isso muitas garotas acham que não vão ficar grávidas antes da hora e acabam marcando bobeira.

Camisinha

Quando junta a paixão, a gente costuma esquecer todo o resto e parece até que começa a viver em outro mundo, fica sonhando acordada com o gato e, aí, é fácil esquecer tudo o que já aprendeu sobre a prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) como a aids, por exemplo, e da importância de usar camisinha em todas as transas. Afinal, não dá pra imaginar que aquele garoto tão fofo e perfeito possa ter algum problema, não é? Só que, infelizmente, a vida real é muito diferente dos contos de fada e a camisinha não serve só para evitar doenças. Ela é a forma mais segura (e prática) de prevenir uma gravidez não planejada, que pode mudar totalmente a vida de qualquer adolescente. Além de ser fácil de usar (as embalagens vêm com instruções), dá para comprar no supermercado, na farmácia ou em lojas de conveniência. Só que tem gato que não gosta da idéia, nesse caso, a menina é quem deve se cuidar e dar um cartão vermelho pra ele.

Situação de emergência

O que acontece quando a camisinha estoura? Já existem as pílulas de emergência, mais conhecidas como pílulas do dia seguinte. Com uma alta dose de hormônio, elas evitam a gravidez, mas podem provocar enjôos e dores de cabeça, entre outros sintomas desagradáveis. Só que, para ser eficiente, ela precisa ser tomada até 72 horas depois da trânsa (quanto mais cedo, melhor!) e a segunda pílula, depois de 12 horas.

E o preconceito?

Muitas garotas têm vergonha de exigir o uso do preservativo por causa do preconceito. *"Quando eu comecei a transar com o meu namorado, sabia que era preciso usar a camisinha, mas ficava sem jeito de tocar no assunto. Pensava que ele ia achar que eu era uma garota 'experiente' e, no fundo, não acreditava que pudesse acontecer alguma coisa. Até que a minha melhor amiga me contou que estava grávida! Fiquei tão chocada que criei coragem para conversar com o Fábio. Afinal, percebi que poderia ter sido comigo. E, tive outra surpresa porque descobri que falar sobre o assunto foi muito mais fácil do que eu imaginava e ele até gostou da minha iniciativa!"*, conta Stela, 16 anos. Se a garota já tem intimidade suficiente para começar a transar, também tem intimidade para conversar sobre isso, certo? Então, precisa ficar esperta e não pode deixar de se prevenir!

Confiando na sorte

Sabe aquela história de achar que isso só vai acontecer com os outros? Pois é, a maioria das meninas que engravidaram também acreditavam que isso só aconteceu com os outros. *"Eu conhecia os métodos anticoncepcionais, sabia tudo o que deveria ser feito para evitar a gravidez. Mas nunca pensei que fosse ficar grávida! Como já namorava com o Sandro há dois anos, não usava camisinha sempre e também não tomava pílula. E, que a minha menstruação sempre foi regulada e não costumava ir dias férteis. Nem passou pela minha cabeça que o cido podesse ir*

Consulta obrigatória

Dá vontade de ficar adiando, fingir que não é importante... mas não tem jeito: visitar o ginecologista é obrigatório! Ele (pode ser uma médica também) é a pessoa mais indicada para tirar todas as suas dúvidas e receitar o anticoncepcional mais adequado para o seu caso. As pílulas anticoncepcionais são diferentes umas das outras e podem causar reações desagradáveis dependendo da garota, por isso, só o médico pode dizer qual é a certa para o seu organismo. Mas não é só quem já está transando que precisa visitar o médico. Se a garota perceber alguma coisa diferente no corpo dela ou quiser tirar dúvidas também pode procurar ajuda.

mães

Tabelinha furada

Muitas garotas usam o método da tabelinha para calcular em quais dias não estão férteis. No entanto, esse método não funciona bem para adolescentes, já que o ciclo muitas vezes é irregular, variando o dia da ovulação. Não vale a pena arriscar!

FOTO: MANOEL CARVALHO

desregular naquele mês! E o pior é que a gente tinha uma camisinha no dia, mas o clima esquentou e nem pensamos em usá-la! Quando descobri que estava grávida, só pensava em como ia dar essa notícia para os meus pais. Eles ficaram muito chateados e levaram uns dias para voltar a falar comigo, mas depois superaram a decepção. Os pais dele também ficaram chateados e obrigaram o Sandro a arrumar um emprego para pagar as contas do médico e os exames. Minha vida virou de cabeça para baixo, saí da escola e nem sei quando vou poder voltar a estudar. Só sei de uma coisa: se pudesse voltar atrás, faria tudo diferente." A história da Bárbara, 17 anos, é muito parecida com a da maioria das meninas que engravida sem querer. E o número de adolescentes grávidas no Brasil é impressionante: 99,4% das garotas sabiam sobre a camisinha! E cerca de 40% das meninas que ficaram grávidas na adolescência voltaram a engravidar porque acreditavam que não ia acontecer novamente... Dá para perceber que não é por falta de informação que tantos bebês nascem todos os anos. E como ninguém quer fazer parte dessas estatísticas, nem deixar de se divertir e sair com a galera ou o gato, o caminho mais seguro é a prevenção. Confiar na sorte ou achar que isso só acontece com os outros é a maior furada. E olha que filho é para a vida inteira!

Tereza Guedes

Matéria 13 / segunda parte

Com isso, temos que dentre as vinte edições selecionadas para análise (corpus do trabalho), definimos treze para fazer parte da amostragem, que serão observadas sob o olhar da análise de conteúdo, no intuito de identificar os traços de sexualidade ali existentes e sua significação.

Já podemos observar que a revista todateen, ao tratar de sexualidade, muitas vezes prefere tomar o caminho da saúde, no intuito de apenas informar as leitoras sobre os cuidados que a adolescente deve ter com as mudanças que estão ocorrendo no seu corpo, tais como: primeira menstruação, saúde íntima, cuidados na piscina e primeira consulta ao ginecologista. Percebemos que essas matérias estão formuladas de forma direta, com consultoria de especialistas (ginecologistas e dermatologistas) e não possuem uma grande carga de texto elaborado pela redação. Apesar de se relacionarem com a sexualidade, afinal, falam das mudanças físicas que as jovens estão ansiosas para conhecer e ficarem mais atraentes, seu enfoque é totalmente voltado para a saúde.

No próximo capítulo olharemos com cuidado para as matérias publicadas nas edições da revista definidas dentro da amostragem para análise, identificando, assim, de que forma a temática da sexualidade é tratada.

4. ANÁLISE DAS MATÉRIAS

Categorias de Amostragem

Através da leitura detalhada das 13 matérias selecionadas para a amostragem, elegemos três categorias:

1) Matérias em que o desejo sexual e o moral estão explicitamente divididos no texto. Estão nesta categoria 5 matérias:

Matéria 1 (edição 65, publicada em abril de 2001)

Matéria 5 (edição 70, publicada em setembro de 2001)

Matéria 7 (edição 76, publicada em março de 2002)

Matéria 8 (edição 78, publicada em maio de 2002)

Matéria 12 (edição 83, publicada em outubro de 2002)

2) Matérias em que o desejo sexual é preponderante no texto, ou seja, a relação sexual é incentivada. Estão nesta categoria 4 matérias:

Matéria 4 (edição 69, publicada em agosto de 2001)

Matéria 6 (edição 73, publicada em dezembro de 2001)

Matéria 9 (edição 80, publicada em julho de 2002)

Matéria 11 (edição 82, publicada em setembro de 2002)

3) Matérias em que o desejo moral é preponderante na matéria, ou seja, os desejos sexuais são reprimidos. Estão nesta categoria 4 matérias:

Matéria 2 (edição 67, publicada em junho de 2001)

Matéria 3 (edição 68, publicada em julho de 2001)

Matéria 10 (edição 81, publicada em agosto de 2002)

Matéria 13 (edição 84, publicada em novembro de 2002)

Em termos de freqüência ficam explícitos, já na divisão de categorias relacionadas ao conteúdo de desejo moral ou de desejo sexual, a forma equilibrada em que se colocam os desejos contraditórios do ser humano. Podemos contabilizar que existem 5 matérias, dentro do universo de 13 amostras, ou seja, 38,46% do conteúdo que se encaixa na Categoria 1 em que os desejos sexuais e morais se equivalem na mesma freqüência, sem fortes tendências que as pendam para um nem para o outro lado. Das 8 matérias restantes, exatamente 4, 30,76% destas, tem como destaque um conteúdo repressor, ressaltando os desejos morais com frases que, de certa forma, reprimem os desejos sexuais da leitora e incitam que as normas sociais e morais sejam mantidas se encaixando, assim, na Categoria 3. E, ao mesmo tempo, as outras 4, também 30,76%, se encaixam na Categoria 2, com conteúdo contrário ao da Categoria 3, com frases que incitam os desejos sexuais da leitora.

Nesta contagem fica clara a divisão do texto que se preocupa em atender a demanda do ser humano divido. Ao mesmo tempo em que o texto reprime, ele também incentiva o

ato sexual. Não é possível simplesmente reprimir os desejos sexuais da leitora. É preciso também dar margem para que suas pulsões sejam realizadas. Além, é claro, de atender a demanda social que a leitora necessita.

4.1. ANÁLISE DE CONTEÚDO QUALITATIVA

Segundo Badin (1996), toda análise de texto começa pela organização completa do vocabulário utilizado, o que chamamos de análise léxica. O léxico é, por definição, segundo Bardin, a lista de todas as formas gráficas utilizadas. Assim, a análise léxica é o estudo científico do vocabulário, com aplicações de métodos estatísticos para a sua descrição.

A evolução da análise acontece partindo-se da visão geral do texto para os dados mais específicos, sejam eles palavras ou expressões, os quais são analisados na seqüência, também com vistas ao universo total de informações. O tratamento dos dados é objetivo, mas a leitura subjetiva também é realizada, tendo-se, assim, acesso a um processo de leitura mais rápido, automatizado.

A partir do corpo do texto evolui-se para analisar as palavras e expressões, que fazem parte da análise léxica. Ao fazer isso, parte-se de um nível que pode ser chamado de macro-estatístico para o micro-estatístico. Em uma análise léxica, normalmente, são feitas aproximações ou agrupamentos que permitem apresentar os critérios mais freqüentemente citados. Segundo Bardin (1977) descobrir as razões de tal objeto de estudo significa passar da indecisão para a riqueza da leitura, e isso pode ser feito com o uso da técnica qualitativa.

Desta forma, não somente pode-se contar com uma leitura do texto, o que por si só já nos diz muita coisa, mas também com a identificação das opiniões expressas nas entrelinhas destes mesmos textos. Se em uma leitura espontânea já se podem identificar idéias, o que se poderia dizer de uma leitura e categorização mais atenta no sentido de observar e descobrir conteúdos ali ditos de forma indireta ou até mesmo obscura, permitindo descobrir significados e elementos suscetíveis não identificados a priori? É esse o nosso intuito nesta análise e, por isso, optamos pelo método qualitativo, deixando a análise estatística talvez para um próximo trabalho.

4.2. ANÁLISE DOS TEXTOS

Categoria 1: Conteúdo que apresenta um conflito entre a realização dos desejos morais e sexuais. Os desejos contraditórios são apresentados de forma equilibrada mostrando, assim, o conflito existente e a tentativa de se atingir os dois sentimentos - **Matérias:** 1, 5, 7, 8 e 12

Matéria 1, edição 65, publicada em abril/2001

Título: *Transei e me arrependi!*

Subtítulo: *É hora de passar essa história a limpo!*

O título sugere a presença de um conflito entre os desejos sexuais e morais: “Transei”, ou seja, os desejos sexuais foram realizados, e, em seguida, “me arrependi”, isto é, o desejo moral se manifestou. O arrependimento por ter cedido aos desejos, impulsionada pela pulsão sexual, aparece no final da frase. Mesmo sabendo que numa frase o termo final tem um peso maior em virtude da ênfase, encontramos, já na abertura da matéria, o conflito do ser humano citado por Freud em seu texto “O Mal estar da civilização”, afinal, para viver em sociedade é preciso uma reestruturação dinâmica de nossas pulsões a fim de minimizar os conflitos gerados pelo "princípio do prazer" (instintos pulsionais) em permanente oposição ao "princípio da realidade".

No início da matéria, temos um trecho selecionado que abre caminho para a possibilidade da realização dos desejos sexuais da leitora: “Você pode transar”, mesmo sem que ela tenha certeza se quer ou pode perder sua virgindade ou não, dúvida esta que a maioria das leitoras possui, pois, na adolescência o jovem está passando por uma nova fase da sexualidade em que a atração (objeto de amor) se transfere da mãe (ou pai) para um(a) namorada(o), por exemplo, a partir da resolução do complexo de Édipo. A leitora está entrando em contato, também através da revista, com as normas sociais relacionadas a sua sexualidade neste momento da vida em que existe a escolha de um substituto adequado para o objeto de amor. E é assim que, por medo do pai, a criança "desiste" da mãe, trocando-a pela riqueza do mundo social e cultural (este processo também ocorre com as meninas, porém sendo invertidas as figuras de desejo – pai e mãe). E, ao direcionar seus desejos para o “mundo a sua volta”, é preciso enquadrar-se frente às regras sociais e culturais que não permitem determinadas atitudes ligadas à sexualidade.

Sabemos que a cultura é um conjunto de elementos materiais e não-materiais, crenças, normas, valores e atitudes que são adotados por determinada sociedade para regular e facilitar as ações dos seus membros, e, portanto, é preciso reprimir atos ligados à sexualidade que não são moralmente permitidos. Existem regras sociais que determinam a idade e o momento ideal para que uma garota perca sua virgindade e possa ter práticas sexuais socialmente aceitáveis, o que, muitas vezes não corresponde à idade e ao momento que a leitora vive. Mas isso não significa que ela não tenha desejos sexuais. É preciso, portanto, reprimi-los para que essa pulsão não traga prejuízos à sua vida social, gerando assim o "mal estar" descrito por Freud.

Voltando ao texto, percebemos que a frase, na seqüência, afirma que transar ou não é uma alternativa e, a primeira (e falsa) impressão que temos é de que ela pode escolher. Não há aqui nenhuma proibição imediata à realização de seus desejos sexuais: *"Você pode transar sem estar pronta"*.

Mas, em seguida, já é apresentada a conseqüência negativa para a garota que resolve realizar seus desejos sexuais e transar sem estar pronta: "*Depois, vem a dor de perceber que não deveria ter sido assim. Veja as enrascadas mais comuns"*.

Em todas as interpretações é importante levar em conta a idade da leitora (o público alvo da revista é de garotas com idade entre 13 e 19 anos) e, portanto, pesar as normas estabelecidas pela sociedade e reforçadas pela revista em relação a sua sexualidade nesse momento da vida em que socialmente (com raras exceções), ainda é prematuro se ter uma vida sexual ativa, ou seja, ela ainda não "está pronta", como cita o texto. É por isso que, junto ao sentimento de culpa por ter cedido aos desejos e o arrependimento ("a dor") por ter

se decepcionado, o texto traz uma adjetivação negativa destacada de “enrascada” para o namoro que inclui uma relação sexual.

Na descrição de uma situação que a leitora supostamente também vive - recurso utilizado pela revista para exemplificar uma circunstância comum entre as garotas, editando relatos de experiências de leitoras levantadas através de entrevistas e cartas enviadas para a redação - a mensagem que se transmite através da frase é positiva pois ela, de certa forma, dá abertura para a realização do desejo de estar sozinha, *“em lugares escuros e apartamentos de amigos”* com a pessoa que gosta, o que traz a tona a informação de que, nessa situação, podem acontecer mais intimidades entre o casal: *“Ele parava o carro em ruas escuras e queria me levar para o apartamento de uns amigos dele. Eu achava que ele gostava demais de mim e, por isso, queria mais intimidade”*. Temos nesse momento uma fuga da realidade, afinal, o casal está sozinho em lugares escondidos onde não há pessoas que possam julgá-los conforme as normas sociais estabelecidas. É uma forma de se realizar os desejos sem ser reprimida. É a situação mais confortável que a leitora pode ter diante das regras culturalmente estabelecidas que não permitem a realização de seus desejos sexuais.

Ao mesmo tempo, podemos observar no trecho “*Eu achava que ele gostava demais de mim e, por isso, queria mais intimidade”,* a transferência da culpa para o parceiro, afinal, a garota supostamente também queria ter mais intimidades com o garoto por quem nutria alguns sentimentos e era correspondida (“*ele gostava demais de mim*”). Mas a pessoa que no texto, declaradamente, queria tem mais intimidade era o garoto (“*por isso, queria mais intimidade”)* e não a leitora. Assim, a culpa pelo desejo sexual é totalmente transferida para o parceiro, isentando a garota de quaisquer atitudes nesse sentido, o que também conforta a leitora.

E, na seqüência, o texto traz um alerta moral. O trecho mostra para a leitora que o tipo de namorado que insiste em transar é porque não gosta dela de verdade: *"Quando o gato força a barra para transar, mostra que não gosta da gatinha de verdade. Quem está apaixonado de verdade, quer proporcionar situações agradáveis para o outro e não se importa de esperar para ter mais intimidade: basta estar junto para ser feliz"*. Neste momento o papel moralizador da revista é retomado para que a leitora perceba que ainda é cedo para ter intimidades com o namorado, e defende: "*basta estar junto para ser feliz"*.

Contrapondo a afirmação moralizadora e balanceando os desejos expressos no texto, na continuidade da matéria uma frase é inserida com a intenção de mostrar que o desejo pode "falar mais alto". Trata-se de uma espécie de permissão aos desejos sexuais: "*Um dia, o desejo falou mais alto e eles transaram"*. Com essa frase, mesmo que não esteja declarado que a garota possa transar com seu namorado (não é essa a mensagem transmitida no trecho), é permitido que a garota imagine a cena descrita e tenha, ao menos em seus pensamentos, a realização do desejo sexual que tanto a instiga. É claro que não se trata de uma permissão direta para a realização do ato, mas é uma forma de se abrir uma possibilidade para que a garota sonhe com a realização do mesmo, pois, na experiência da leitora citada na matéria, o desejo sexual pôde "falar mais alto" do que o desejo moral.

Mas, seguindo a lógica com a qual o texto é "costurado" ou construído, sempre contraponto os desejos sexuais e morais, o próximo trecho já traz um alerta para que a leitora não se sinta pressionada pelos amigos e mantenha a sua virgindade, pois o arrependimento pode ser grande: *"As minhas amigas começaram a namorar primeiro do que eu e tiravam o maior sarro da minha cara porque eu ainda era virgem (...). Ju, que não agüentava mais a pressão das amigas, transou com um carinha que mal conhecia e se*

sentiu péssima no dia seguinte". Encontramos na frase a repressão para a garota que se deixa levar pela influência das amigas que já tiveram sua primeira transa, afinal, a história selecionada mostra que a conseqüência pelo ato é negativa ("*transou com um carinha que mal conhecia e se sentiu péssima no dia seguinte")*.

É interessante notar também que, além do discurso de que não se deve deixar influenciar por outras pessoas (e é claro que neste grupo de pessoas não estão incluídos a revista e a família), o fato do "carinha" com a qual a leitora citada teve uma relação sexual não ser seu namorado também tem grande importância para o seu arrependimento. Reforçando as normas sociais, a revista aponta para a regra de que não é permitido se ter relações sexuais com qualquer pessoa, ou seja, não se pode deixar o desejo sexual "falar mais alto" desobedecendo ao que é moralmente estipulado pela sociedade - que é preciso existir um relacionamento anterior com o parceiro para que outras intimidades aconteçam.

E, na mesma linha de aconselhar a leitora a não perder sua virgindade, reprimindo seus desejos sexuais, o texto traz uma mensagem para que ela se mantenha firme: *"Que amigas são essas que não respeitam a sua sensibilidade, a sua individualidade, o seu jeito próprio de encarar o mundo e decidir as coisas? (...). Mostre que sua virgindade é assunto seu!"*. Mais uma vez a revista defende que a garota não se deixe influenciar pelas amigas, principalmente se estas são "liberais", isto é, se já tiveram sua primeira transa. Partindo para o discurso de que é importante respeitar a sua própria individualidade e sensibilidade. E o texto pressupõe que a leitora não tem vontade de perder sua virgindade, diferentemente de suas amigas que provavelmente têm a mesma idade que ela e vivem no mesmo ambiente social, o que se torna, de certa forma, contraditório. Partindo, assim, da constatação de que o jeito da leitora de encarar as coisas é diferente do jeito das garotas com a qual ela convive

e que já tiveram sua primeira transa, o texto insiste para que ela mantenha-se virgem. E retira, dessa forma explicitamente, toda a responsabilidade e apoio da revista para a realização dos desejos sexuais da leitora.

É importante deixar claro que toda a análise de conteúdo realizada nesse trabalho (tanto nesta primeira matéria quanto nas outras doze que estão na seqüência) privilegia a posição da revista analisada (revista todateen) e não a opinião das leitoras, as quais não tivemos contato nesta pesquisa. Todas as interpretações têm como base o texto impresso, utilizado como amostragem desta pesquisa. Por isso, é importante salientar também que os trechos transcritos na análise e que se tratam de citações de leitoras (histórias e relatos enviado para a redação através de cartas) são considerados como a própria visão da revista sobre o tema, afinal, as citações foram selecionadas pela redação da revista para ilustrar as matérias. Partimos do princípio de que a revista recebe mensalmente milhares de cartinhas de suas leitoras (geralmente contando as mais diversas experiências) e que depende da escolha do redator para a publicação de um ou outro exemplo de histórias vividas pelas garotas, o que já caracteriza uma escolha da forma com que o tema será tratado na matéria da revista e, portanto, demonstra a opinião da revista.

Nesta primeira matéria temos, então, esse balanceamento dos desejos sexuais e morais, com o intuito de fazer com que a leitora não perca a sua virginidade por pressão das amigas ou do próprio namorado (existem muitos argumentos que defendem a virgindade da leitora) mas, ao mesmo tempo, durante a leitura da matéria encontre algumas "brechas" para a visualização da satisfação de suas pulsões sexuais, seja se imaginando no lugar de uma leitora que enviou sua cartinha contando sua experiência sexual ou apoiando-se em argumentos da própria matéria para perder sua virgindade, como perceber que é normal,

algumas vezes *"o desejo falar mais alto"* e até transferir a culpa do desejo (ou da transa) para o namorado, por exemplo, afinal a revista defende a idéia que é sempre "*o gato que força a barra para transar"*.

Matéria 5, edição 70, publicada em setembro/2001

Título: *Virgem por opção*

Subtítulo: *Tudo o que passa pela cabeça de quem decide não transar!*

O título sugere que a revista está defendendo a suposta opção de virgindade da leitora, porém, o subtítulo pretende explicar o que "passa pela cabeça de quem decide não transar!". A acentuação (exclamação final) é importante na frase, para interpretarmos que o fato de uma garota resolver não transar é algo estranho para a revista e, por isso, ela se propõe a explicar os motivos dessa opção de virgindade, na matéria.

O primeiro trecho destacado do texto abaixo traz a mensagem de que a virgindade, apesar de sempre ser um tabu, hoje é vista como algo antigo, ultrapassado: *"A discussão é antiga, mas hoje em dia já não existe mais aquela obrigação (antigamente imposta pela família e pela sociedade) da garota se casar virgem"*.

Com esse trecho, o texto incentiva a leitora a perder a virgindade, pois sabemos que essa frase *"hoje em dia não existe mais a obrigação da garota casar virgem"* é bastante liberal. A opinião da revista é que esse "tabu" deva ser quebrado, ou seja, o incentivo é para que a leitora não deixe de ter sua primeira transa por medo dessa "*obrigação de se casar virgem"* que hoje, segundo ela, não existe mais.

E, seguindo a linha de incentivo ao sexo, mostra que a cobrança atualmente é contrária e que a realidade é que as garotas não se importam mais com a virgindade: *"Muito pelo contrário, existem meninas que sofrem um outro tipo de pressão: da turma, principalmente das amigas mais próximas que já tiveram a sua primeira vez"*.

Mas logo retorna ao discurso moral de que a garota não deve se deixar levar pela turma (que incita a leitora a ter sua primeira transa), inclusive a revista se propõe a ajudá-la a fugir da pressão dos amigos e explica que a virgindade não deve ser vista como uma coisa do passado, mas sim como uma opção: *"A virgindade acaba sendo encarada como uma coisa do passado, mas, na verdade, deveria ser vista como uma opção particular de cada um. E, então, como fugir da pressão e das piadas da turma? A todateen ajuda você! (...) Agir de uma maneira contrária aos seus princípios é arriscado"*.

Na seqüência de argumentos para que a leitora não transe, vem um alerta na voz de especialista (psicóloga) que tem um poder maior de persuasão dentro da matéria, por se tratar de uma profissional da área. Mais uma vez, assim como as experiências de leitoras transcritas nas matérias, interpretamos que a fala da psicóloga entrevistada reflete a opinião da revista, afinal, foi selecionada e publicada pela redação: *"Você corre o risco de ter a sua primeira transa com a pessoa errada, na hora errada e o encantamento da primeira vez, ao invés de deixar uma lembrança agradável, pode causar sofrimento e arrependimento"*.

Mas, no último trecho da matéria, existe uma série de argumentos para proteger a garota que decidiu perder a virgindade e, portanto, passa a incentivar a prática sexual. O texto final é todo a favor da realização dos desejos sexuais: *"É preciso tomar cuidado para não confundir as bolas: antigamente diziam que a mulher pura e inocente era aquela que se preservava para o marido, que se guardava virgem para a lua-de-mel, até o dia do*

casamento. Com o passar do tempo, as pessoas percebem que uma coisa não tem nada a ver com a outra. Se você resolver perder a virgindade, não quer dizer que vai deixar de ser pura, no sentido real da palavra. Pureza também pode significar transparência, sinceridade ou um modo mais romântico de encarar a vida".

Sabemos que afirmar que pureza não significa necessariamente ser virgem e que há outras formas de ser pura, como ser sincera ou romântica, faz com que a leitora não se sinta intimidada a perder sua virgindade, afinal, este fato é amenizado pela revista. Existe aí uma mensagem de apoio e consolo para a leitora que decidiu transar ou já teve sua primeira transa.

E a matéria é finalizada explicando para a leitora que ela não deve se preocupar com rótulos, mas sim ser sincera consigo mesma, pois só dessa forma será feliz, realizando seus desejos e assumindo-os: *"Então, se você for transparente consigo mesma e decidir que chegou a hora de transar, isso é o que importa! O resto são só rótulos e nomenclaturas. Esteja contente com si mesma, pois isso é o que vale"*. Trata-se de um incentivo para que a leitora não tenha medo de perder sua virgindade e possa, assim, realizar seus desejos sexuais.

Assim, nesta matéria percebemos que, apesar dos argumentos pesarem mais a favor da realização dos desejos sexuais, reforçando diversas vezes que virgindade é coisa do passado, existe a forte presença moralizadora de trechos em que a revista se propõe a ajudar a garota virgem a se defender da turma que está a pressionando para ter sua primeira transa. Ou seja, a contradição entre os desejos sexuais e morais está presente em toda a matéria, fazendo com que a leitora possa encontrar argumentos para a decisão que preferir: ela pode resolver transar porque essa "história de virgindade" é algo ultrapassado ou então resolver

permanecer virgem por mais um tempo (até mesmo até o casamento) porque teve uma educação mais conservadora e acredita que deve preservar sua opinião própria, sem se deixar influenciar (como diz na matéria) por amigas mais liberais.

Matéria 7, edição 76, publicada em março/2002

Título: *Medo da primeira vez*

Subtítulo: *Calma, a informação é a sua melhor amiga*

O título apresenta o "medo da primeira vez" como algo negativo, um sentimento ruim, de muita ansiedade que a leitora vive nessa fase da adolescência, como já foi explicado na análise da Matéria 1.

Já no subtítulo, a revista se propõe a amenizar esse medo através das informações que a matéria trará. Assim, notamos que existe um estímulo para que a leitora obtenha essas informações necessárias e sinta-se, portanto, preparada para a primeira transa (perca o medo da primeira vez). Não é um incentivo direto para a perda da virgindade, mas é uma forma de orientar a leitora para não temer essa primeira experiência.

Já na primeira parte da matéria, encontramos um incentivo à primeira transa pois a frase destacada abaixo, em resumo, diz que virgindade é coisa do passado: *"Era uma vez, um tempo muito distante, quando a virgindade era uma questão de honra para as mulheres"*.

E afirma, em seguida, que nos dias atuais a virgindade deixou de ser uma obrigação: *"Ser ou não ser virgem virou apenas uma opção"*. Esta frase confirma a intenção da

revista de dizer para a leitora que ela está livre para escolher se quer ou não se manter virgem, pois, segundo o texto, essa opção não trará as conseqüências que se tinha no passado, porque hoje virgindade não é mais uma questão de honra para as mulheres.

Porém, o incentivo ao sexo é rapidamente abandonado e retoma-se a posição mais moralizadora da revista, o que pode ser observado através do trecho abaixo que considera que a garota está despreparada para a primeira transa se ela ainda tiver alguma dúvida a respeito, o que, geralmente, ocorre com a maioria das leitoras nesta primeira fase[8] da adolescência: *"O fato de você estar em dúvida se é a hora certa ou não de transar, já mostra que não está preparada para a primeira vez"*.

A frase acima sugere que a garota que ainda não tem certeza de sua decisão (de perder a virgindade) não deve transar, pois não está preparada. Percebemos neste trecho o caráter educacional e moralizador da revista, porque ela orienta a leitora a esperar o momento em que estará se sentindo preparada para perder sua virgindade, o que pressupõe o conhecimento de algumas informações sobre sexo, além, é claro, de uma idade mais avançada.

Na mesma linha moralizadora, o texto abaixo traz um conselho para que a garota não ceda às pressões do parceiro, finalizando com uma advertência para que ela não se sinta pressionada nem mesmo pelos amigos a ter a sua primeira transa: *"Não aceite nenhum tipo de pressão, seja do seu namorado (aquela coisa de ´prova de amor´ é a maior furada) ou*

[8] Definimos, segundo Escovar (2002), como primeira fase da adolescência o período que vai, aproximadamente, dos 13 aos 14 anos, que é quando a garota, geralmente, ainda não teve sua primeira transa e, muitas vezes, nunca beijou ou namorou um garoto. Como segunda fase está o momento, entre 15 e 17 anos, em que a garota já namora e já teve seu primeiro beijo, mas algumas ainda não tiveram a primeira transa. E a terceira fase, a que vai dos 17 anos em diante que é quando a maioria das garotas inicia a vida sexual.

amigos (não vale a pena transar só porque todas as suas amigas já transaram!)”. Isso porque não aceitar nenhum tipo de pressão, nesse contexto, significa não ser influenciada a perder a virgindade. A revista, apesar de também ser amiga da leitora, aconselha a garota para que ela se influencie por namorados ou amigos e, em suma, não transe.

Dessa forma, percebemos a divisão do texto que ora defende que a leitora não deve se preocupar com a virgindade pois isso é coisa do passado, podendo assim realizar seus desejos sexuais, e ora, tomando-se de um discurso bem mais conservador, explica para a leitora que ela não deve ceder as pressões de pessoas que queiram persuadi-la a perder sua virgindade e utiliza também o argumento de que, se a leitora ainda tiver dúvidas sobre essa decisão, que o melhor a fazer é não transar pois essa dúvida já demonstra que a garota não está preparada. Ou seja, sem tomar partido, o texto consegue contemplar os dois lados da contradição do ser humano que vive as voltas dessa divisão de seus desejos.

Matéria 8, edição 78, publicada em maio/2002

Título: *Eles só pensam naquilo?*

Subtítulo: *O que rola com os garotos quando o papo é sexo*

O título é atraente, pois a matéria se propõe a mostrar como os garotos encaram a sexualidade, sobre o que falam e quais são os seus medos. A atração pela matéria se dá porque a garota está ansiosa para ter sua primeira transa e se preocupa com o que o menino pensa e espera desse momento.

Na abertura da matéria, na voz de uma especialista (psicóloga) vem uma explicação biológica para o fato dos meninos pensarem mais em sexo e, portanto, terem o "direito" de fazê-lo sem preconceitos ou preocupações parecidas com as das garotas: *"Os rapazes se excitam só de olhar o objeto de desejo e, por isso, têm mais oportunidades para pensar em sexo: o homem vê uma mulher de costas e só com o gingado do quadril sente-se estimulado. A mulher é diferente, dificilmente se excita numa situação dessa, ela responde mais ao toque, por exemplo (...). A mulher tem um óvulo por mês para amadurecer e o homem tem milhões de espermatozóides no mesmo período. Assim, a transa para o homem é mais instintiva, é a busca da perpetuação da espécie. Já para a mulher, o parceiro tem que ser bem escolhido, pois só um fecunda seu óvulo. Por isso, ela quer envolvimento e amor"*.

Apesar da explicação biológica, o que temos é uma posição conservadora e moralizadora da revista que afirma que o menino é diferente da menina quando o assunto é sexo e, portanto, tem mais regalias. Na verdade, a revista pretende alertar a leitora para o fato de que socialmente é estabelecida uma liberdade sexual maior aos meninos do que às meninas. E, portanto, ela deve se enquadrar.

E segue, na mesma linha moralizadora, explicando que a garota não fala muito sobre sexo (ou, ao menos, não deveria falar): *"Enquanto os meninos são induzidos desde cedo a pensarem em sexo, com as meninas o assunto é proibido"*. Mas sabemos que essa não é a realidade que temos hoje entre os adolescentes. Tanto meninos quanto meninas ficam ansiosos e curiosos para descobrir como é uma transa, afinal, os hormônios e a sexualidade estão presentes em ambos os sexos. O que ocorre é apenas cultural, ou seja,

socialmente as meninas são mais protegidas e reprimidas sexualmente do que os meninos, o que é reforçado, neste trecho, pela revista.

Já buscando o outro lado do sentimento, que são os desejos sexuais, afinal, a leitora tem que se atrair pela revista e não identificá-la como uma reprodução de tudo aquilo que ela ouve na escola ou dos pais em casa (reprimindo seus desejos), o texto traz uma informação que a incentiva a vencer um de seus medos na hora de perder a virgindade, relacionada à atitude do parceiro. A informação é a de que a leitora não precisa ter medo de uma relação sexual com o garoto escolhido, afinal, não são todos que contam para os amigos as intimidades, o que elas temem muito socialmente: *"Eles contam aos amigos sobre a transa? Nem sempre. Se você pensa que todos eles saem espalhando para o mundo, está enganada"*. Essa frase sugere que a leitora confie no namorado e, desta forma, se sinta mais tranqüila e decidida a ter sua primeira transa.

Mas, voltando à linha de que a virgindade deve ser mantida e que o bom namorado é aquele que não pressiona a garota a transar, o texto abaixo traz até o depoimento de um garoto que não é exemplo e que pressionaria a namorada, mas finaliza o trecho dizendo que, felizmente, a maioria dos entrevistados aguardaria o tempo que a garota quisesse para ter a primeira relação sexual. A idéia do texto, agora, é dizer para a garota que ela não precisa transar ou, ao menos, não precisa ter pressa para que isso aconteça: *"Os meninos agüentam um namoro sem sexo? Há divergências entre eles. Marcelo, 14 anos: não agüentaria por muito tempo. Mas, felizmente, existem aqueles que esperariam a menina estar pronta para dividir esse momento com eles"*.

E retornando novamente ao incentivo ao sexo, o trecho abaixo encerra a matéria dizendo que a virgindade das meninas é coisa do passado e que, hoje, ser ou não ser virgem

não importa tanto aos garotos: *"Sabe aquela história de que os meninos querem casar com uma garota virgem? Antes, os gatos achavam que só eles podiam transar e as meninas tinham que ficar na santa pureza. Que discriminação! Mas nossos entrevistados não fazem questão que a menina seja virgem"*.

Assim, contrariando todos os tabus sobre virgindade que são mantidos por alguns pais até hoje, a revista, com um texto liberal, convence a leitora de que ela não deve se preservar virgem para agradar seu namorado, afinal, segundo a matéria, os entrevistados (meninos) não fazem mais questão de que a menina seja virgem.

De forma geral, apesar da matéria possuir vários trechos conservadores, trazendo uma longa explicação biológica para o fato dos meninos se interessarem mais por sexo do que as meninas, apresentar na seqüência um discurso conservador de que a garota deve escolher bem o garoto com quem quer ter relações sexuais (diferentemente dos meninos que têm pulsões sexuais que desejam a perpetuação da espécie) e defender ainda que o bom namorado é aquele que espera o tempo necessário para a garota decidir se quer ou não perder a virgindade (o que pode levar bastante tempo), há também espaço para a realização dos desejos sexuais da leitora. Em diversos trechos, por exemplo, percebemos a reafirmação da idéia de que os meninos hoje em dia não levam mais em conta se a garota é virgem ou não e até a afirmação de que a maioria deles guarda segredo de suas intimidades com as meninas, informações que incentivam a garota a transar com seu namorado. Mais uma vez, existe essa preocupação do texto em apresentar tanto os desejos sexuais quanto os morais do ser humano.

Matéria 12, edição 83, publicada em outubro/2002

Título: *Sexo: Depois da primeira vez*

Subtítulo: *Como essa experiência muda a sua vida*

O título sugere um incentivo ao sexo, afinal, o tema da matéria é justamente o que acontece depois da primeira vez, direcionando, assim, o texto para a garota que não é mais virgem e transmitindo, para a leitora que ainda é virgem, a idéia de que já ter perdido a virgindade é algo normal. No subtítulo a intenção é entender o que muda depois que a garota não é mais virgem, o que, a princípio, pode se tanto positivo quanto negativo. Mas, ao lermos o início da matéria, já notamos que as conseqüências enumeradas pela revista são negativas.

Percebemos no texto que a advertência para que a garota não transe, vem através da apresentação de algumas más conseqüências: *"Se você se acha madura para iniciar a sua vida sexual, deve também assumir as responsabilidades que ela traz, como usar camisinha sempre ou correr o risco de se tornar uma jovem mãe"*. O risco de se tornar uma jovem mãe talvez seja a conseqüência que mais amedronta as leitoras, afinal, elas não querem correr o risco de assumir uma responsabilidade tão grande nessa idade.

Em contrapartida, na parte seguinte da matéria, encontramos um trecho que traz um incentivo à transa, explicando que o prazer vem com o tempo e que o sexo é algo bom: *"Sexo se aprende aos poucos, ao longo da vida. Mesmo que a primeira experiência não tenha sido muito boa, não significa que você não vai sentir o prazer que um contato tão próximo com alguém proporciona. É tudo uma questão de tempo, prática, afinidade e confiança na pessoa que está com você. Só isso!"*. Este trecho faz com que a leitora que já

teve a sua primeira vez e não gostou muito, se sinta estimulada a tentar novamente. Dizer que sexo se aprende aos poucos é uma forma positiva de incentivo também para a leitora que está iniciando sua vida sexual. Não notamos uma repressão ao sexo, mas sim um conselho para que ela não tenha medo de transar e sentir prazer.

Também mostrando o lado positivo e prazeroso do sexo, o texto traz uma explicação para que a garota tenha prazer nas próximas transas: *"Na segunda vez (ou em todas as outras) se a menina estiver tão nervosa e tensa quanto na primeira, poderá sentir dor, sim. Agora, se estiver bem relaxada e lubrificada, confiante no par e fazendo sexo com muito carinho, não deve sentir dor, a menos que tenha alguma infecção. Porque sexo é, além de tudo, uma troca de energia, carícias, segredos e sentimentos, enfim, um momento de prazer".*

O conselho para que a leitora fique mais relaxada e tenha, assim, mais prazer durante a transa é um incentivo, para as leitoras que já tiveram sua primeira vez, e uma dica, para aquelas que ainda são virgens não temerem a primeira transa.

O "depois da primeira vez", então, é apresentado sob dois aspectos: como ter uma segunda transa mais prazerosa e como lidar com as mudanças que essa atitude traz, como uma gravidez indesejada e outras responsabilidades. Verificamos, assim, que o fato da revista explicar de forma educativa que a segunda transa (ou todas as próximas) pode ser melhor, incentiva a garota que já teve sua primeira vez e faz com que a garota que ainda é virgem sinta-se curiosa a experimentar e já bem informada para não sentir dor durante a relação sexual, o que incentiva as leitoras a realizarem seus desejos sexuais. Em contrapartida, o alerta para que a garota assuma novas responsabilidades depois de perder a virgindade e esteja preparada até mesmo para arcar com uma gravidez indesejada, faz com

que as leitoras fiquem com medo de experimentar. Ou seja, o texto contempla os dois lados, preenche seu papel de conselheira e amiga e, ao mesmo tempo, alerta moralmente a leitora para as conseqüências negativas que o início da vida sexual pode trazer.

Categoria 2: Conteúdo que, preponderantemente, incentiva os desejos sexuais da leitora - **Matérias:** 4, 6, 9 e 11

Matéria 4 – edição 69, publicada em agosto/2001.

Título: *Namoro sem transa?*

Subtítulo: *Só depende de vocês...*

No título já percebemos a carga que podemos chamar até de preconceituosa em relação a relacionamentos em que não existe transa. Se existe uma questão, uma dúvida exposta através do título, é porque está pressuposto, pela revista, que o mais comum é que o namoro esteja aberto para o relacionamento sexual.

Já o subtítulo ameniza a intenção do título, consolando a leitora, afinal, ele possibilita que ela escolha se quer ou não transar com seu namorado, porque esta decisão só depende do casal. Passa a ser uma opção e não alguma coisa imposta, porém sabemos que o peso do título nas matérias sempre carrega um destaque maior sobre o tema proposto pelo texto e, portanto, podemos interpretar que a mensagem inicial é uma crítica aos namoros em que não há transa.

Na abertura da matéria, há uma explicação para a vontade "natural" de se ter relações sexuais com o namorado, o que protege ou defende a leitora que também tem essa vontade de realizar seus desejos sexuais. Ocorre, assim, uma identificação do público alvo: *"Depois de um certo tempo, quando percebem que estão se curtindo de montão, começa a esquentar o clima. Aí, querem ter mais intimidade um com o outro"*. Ou seja, não é só com a leitora que acontece isso, mas também com outras garotas. A revista afirma que "*quando estão se curtindo de montão*", ou seja, quando estão realmente se gostando, os casais sentem essa necessidade de realizar alguns desejos sexuais, o que faz com que a garota não se culpe por isso.

Na seqüência, o texto, de certa forma, ironiza a virgindade, dizendo que se preservar para o casamento é algo muito antigo, antiquado, coisa que apenas os pais e avós conservavam e que estão, portanto, fora de moda: *"Umas preferem até se preservar para o casamento, seguindo o pensamento da geração dos seus pais e avós"*. É uma das ferramentas de atração da leitora, revistas adolescentes trazerem dicas de como a leitora deve fazer para estar na moda, não cometer gafes, etc. Por isso, neste trecho fica clara a intenção de persuadir a leitora a ser "moderninha", o que significa não ser da geração e seus pais e avós e, portanto, não se sentir obrigada a preservar sua virgindade até o dia do seu casamento. O texto, portanto, tem um caráter bastante liberal neste trecho da matéria.

Podemos considerar também que a afirmação abaixo, de certa forma, incentiva a garota a ter a sua primeira relação sexual, afinal, a informação vinda de uma especialista é de que, mesmo que a leitora não tenha praticado a penetração sexual, apenas o contato físico e os carinhos que envolvem um namoro já pré-dizem que existiu sexo na relação. Assim, a garota não deve evitar a penetração, que é o ato que definitivamente sela a perda

da virgindade, pois o sexo em si já está, teoricamente, sendo praticado: *"A psicóloga e socióloga, Maria Lucia Bien, explica que, hoje em dia, a menina pode levar um namoro sem ter relação sexual, assim como era no passado, mas não sem sexo. A sexualidade não envolve apenas a penetração (pênis e vagina), mas sim um envolvimento maior da sexualidade, como a troca de olhares, beijos, carícias, atenção e respeito, em que se tem muito prazer"*. Interpretamos essa informação como um incentivo à transa porque muitas garotas que já tiveram a sua primeira vez se utilizam desse argumento para justificar que de nada adianta a garota simplesmente não ter deixado que ocorresse a penetração sexual se já trocou outras carícias íntimas com o namorado. Ou seja, não há mais "virgindade" nas garotas que apenas não tiveram a penetração sexual, o que incita as garotas que ainda não tiveram essa experiência a pensar que nada vai mudar depois da transa, pois o sexo, de forma geral já foi praticado. Outro fator importante a se considerar na fala da psicóloga é que ela, ao explicar que a menina pode levar um namoro sem ter relação sexual, mas não sem sexo, compara isso a algo do passado, o que, novamente, traz a impressão de que é algo fora de moda.

Ainda com a intenção de se estimular o desenvolvimento da sexualidade da leitora, incluindo até mesmo aquelas que temem o ato sexual, a masturbação é apresentada como uma forma de início ao descobrimento do prazer, de forma educativa, e da "felicidade sexual", sem tabus: *"A masturbação pode ajudá-la nesse processo de autoconhecimento"*. A revista, dessa forma, incentiva a masturbação, o que algumas vezes contraria a posição dos pais das leitoras. A redação da todateen afirma que já existiram alguns episódios em que mães de leitoras ligaram para a Central de Atendimento ao Leitor da revista para reclamar de matérias que falavam de masturbação. O argumento das mães era de que suas

filhas nem sabiam o que a palavra masturbação significava e, a lerem a matéria sobre o assunto na revista, estariam sendo induzidas à prática que é visivelmente desaprovada pelos pais.

No trecho selecionado abaixo, encontramos um questionamento sobre as garotas que preservam a virgindade mesmo namorando. Percebemos que essa atitude é, sutilmente, criticada pelo texto, pois a possibilidade de resposta apresentada pela matéria ao questionamento sobre essa manutenção da virgindade é o "medo" da garota fazer algo que os pais não aprovam, o que, pela revista, é visto como algo "tolo", afinal a idéia que se transmite é que nenhuma garota deve fazer o que seus pais acham que é certo quando o assunto é virgindade porque eles estão desatualizados, são "caretas": *"`Sou Virgem`. Isso é o que dizem muitas garotas que têm namorado. Mas, você já pensou se esta decisão partiu delas mesmas? Às vezes, a educação dada pelos pais é radical em relação ao valores religiosos, morais e a menina mantém a virgindade por medo."* Neste caso, o desprestígio ao que os pais pensam sobre virgindade, segundo a revista, deve se dar porque eles, às vezes, educam seus filhos de forma muito radical no que diz respeito a valores morais e religiosos. É uma forma da revista convencer suas leitoras de que virgindade é uma coisa do passado. O discurso da revista contra o pensamento retrógrado dos pais também se apóia no fato de que a adolescência é comumente vista como uma fase de rebeldia contra a autoridade dos pais e pessoas mais velhas, justificada pela fase de mudanças de papéis sociais pela qual a leitora está passando. Neste caso, a revista defende que a própria leitora é que deve decidir se quer ou não se manter virgem e não os pais, pois é hora de assumir uma vida própria.

> "O adolescente percebe que cresceu e não há mais retorno àqueles tempos de criança, nas quais se sentia mais protegido. Ele deve assumir uma vida própria, autônoma e independente. Por isso, as intervenções dos pais, nesse momento, parecem autoritárias, pois ele terá de assumir a sua nova condição" [Santos, 2004, p. 75]

Dando continuidade a crítica declarada à virgindade imposta pelos pais, o texto questiona se a garota se sente bem obedecendo as "regras" da família e finaliza o trecho abrindo a possibilidade para que a garota mantenha sua virgindade até que tenha todas as informações a respeito da sexualidade, o que deve ser resolvido com a leitura da própria revista. Ou seja, a sugestão é a de que esse "problema" seja solucionado de forma rápida: *"E será que elas se sentem bem assim?" (obedecendo aos desejos dos pais) (...) Bom, se for por vontade própria e por princípios da garota e do namorado, é legal continuar não tendo relação sexual, até que todas as dúvidas sumam da cabeça. (...) Então, nunca deixe de falar o que pensa e tirar suas dúvidas sobre sexo com sua mãe ou com alguém em quem confie"*.

E, para finalizar a matéria, na voz da especialista há um último incentivo à realização dos desejos sexuais, como condição para que exista a felicidade do casal. Temos destaque para o conselho de que a garota deva pensar também nos desejos do garoto. Ou seja, um incentivo para que ela realize os desejos do namorado, caso contrário, poderá magoá-lo. E, dessa forma, o texto defende também que a garota se permita a experimenta o sexo, sugerido como uma forma de realizar o desejo que está somente no garoto, retirando assim qualquer parcela de culpa que a leitora possa ter neste ato, o que é muito importante para que ela não se sinta responsável pela decisão: "*O relacionamento é ideal quando existe satisfação dos desejos dos dois. Por isso, não é legal impor os seus desejos ao gato"*.

Não impor seus desejos ao gato significa pesar também à vontade dele que é, na maioria das vezes, ter uma relação sexual.

Portanto, interpretamos que esta matéria pretende atrair a leitora através da "permissão" da realização de seus desejos sexuais e, para isso, encontra formas de incentivar a perda da virgindade e a superação das repressões sexuais, principalmente, a dos pais. Assim, ela defende que ter desejos sexuais é algo normal entre as meninas, que se preservar virgem até o casamento é algo ultrapassado, que as trocas de carícias e intimidades, mesmo que não aconteça a penetração, já são consideradas como sexo, que a masturbação pode ajudar, que a decisão de transar deve partir da própria garota e não dos pais (ou da educação rígida que foi passada) e que o relacionamento ideal é aquele em que os desejos dos dois são realizados.

Matéria 6 - edição 73, publicada em dezembro/2001.

Título: *Não sou mais virgem*

Subtítulo: *Isso é um problema? Veja como acabar com essa encanação*

O título sugere que não ser virgem não é um problema, afinal, até promete ensinar para a leitora algumas formas de se acabar com essa encanação, lendo a matéria. É um convite à realização dos desejos sexuais, sem culpa: *"Aprenda a lidar com essas diversas situações (situações relacionadas aos questionamentos dos pais e amigos sobre a perda da virgindade) de uma maneira mais tranqüila, sem sofrer pressões de terceiros. Lembre-se de que a vida só interessa a você mesma".*

O trecho acima traz a afirmação de que a garota não deve preocupar-se com o que a família, amigos e sociedade, de forma geral, pensem sobre sua virgindade. Sabemos que o texto é incisivo, justamente, por tratar de uma contradição na vida das adolescentes, afinal, nessa fase de insegurança, o que mais conta é justamente sua aparência e posição social. Ela não quer ser mal vista por ninguém e faz exatamente o contrário do que o texto propõe, fica o tempo todo preocupada com o que os outros vão achar dela.

Continuando nessa linha de raciocínio para convencer a leitora a não se preocupar com o que os outros vão falar sobre a sua perda de virgindade, a matéria propõe que a garota acabe com esse "medo": *"O primeiro sentimento que aparece nessas horas é o medo. Medo de ser repreendida pelos pais, de ficar malfalada entre a galera, do futuro namorado não aceitar ficar com uma garota que não é mais virgem e outras coisas desse tipo (...). Você não pode viver com esse medo para sempre"*.

Diante de uma tarefa tão árdua como esta (fazer com que a leitora não se preocupe com o que os outros vão pensar dela), o texto sugere uma alternativa que é não contar para ninguém que perdeu a virgindade: *"Você não é obrigada a falar sobre a sua sexualidade"*.

E completa defendendo que, se a garota acabar contando que perdeu a virgindade, mesmo assim não ficará malfalada entre os amigos, pois, segundo o texto, isso só vai acontecer se ela tiver outras atitudes: *"Você só vai ficar malfalada se tiver atitudes no dia-a-dia que demonstrem um comportamento vulgar e não porque perdeu a virgindade"*. A intenção do texto é convencer a leitora de que perder a virgindade não é tão ruim assim e que outros fatores relacionados ao seu comportamento é que podem fazer com que ela fique mal falada e não a perda da virgindade. É uma permissão à realização da transa,

defendendo a idéia de que ela não precisa se preocupar com o que a sociedade vai pensar dessa atitude.

E, para finalizar a matéria, o texto traz outro argumento que incentiva a realização dos desejos sexuais da leitora. O trecho abaixo explica que, se o futuro namorado não aceitá-la porque ela não é mais virgem, isso é uma demonstração de machismo e garotos machistas não merecem créditos. Ou seja, ela pode perder sua virgindade sim porque os garotos não se importam mais com isso e, se por acaso, a garota conhecer um menino que ainda se importa com o fato da garota ser virgem, este deve ser desprezado por ser machista. Portanto, não há porque manter a virgindade por medo de não conseguir um namorado: *"Se seu namorado brigar com você, ele demonstrará que é uma pessoa radical, pouco compreensiva e, com certeza, carregada de um machismo que poderá lhe criar problemas em outras situações"*. É a defesa da realização dos desejos sexuais, contrariando as normas sociais e convencendo a leitora de que essa norma não deve ser mais mantida, pois apenas homens machistas, e por isso desinteressantes, a conservam.

Com os argumentos de que os meninos não ligam para a virgindade e aqueles que se importam com isso são machistas, que é preciso vencer o medo dos pais ficarem sabendo que perdeu a virgindade, que para ficar malfalada a leitora precisa ter atitudes no dia-a-dia que demonstrem um comportamento vulgar e não a perda da virgindade e até mesmo incitando a garota a mentir sobre sua virgindade, pois ninguém é *"é obrigada a falar sobre a sua sexualidade"*, o texto demonstra seu caráter liberal, defensor dos desejos sexuais e contra qualquer tipo de repressão sexual, o que, certamente, agrada a leitora.

Matéria 9 – edição 80, publicada em julho/2002.

Título: *Enfim sós*

Subtítulo: *Vocês (finalmente) ficaram sozinhos. E agora?*

O título sugere a vontade de ficar a sós com o namorado. A expressão “enfim”, denota que é algo que ela gostaria de fazer há um bom tempo. Já no subtítulo observamos o questionamento que busca uma resposta à questão central: explicar o que ela deve fazer nesta situação de maior intimidade com o namorado, pois estarão sozinhos. Podemos interpretar, a partir do trecho *“vocês (finalmente) ficaram sozinhos”* que este é um desejo da leitora (e também do namorado) que há um bom tempo aguardavam. Ficarem sozinhos não se trata de algo negativo, pois neste caso não haveria tanta ansiedade e expectativa demonstrada pelas palavras “*finalmente*” e “*enfim*”. Trata-se de um momento desejado em que o casal poderá ter mais intimidade pois estarão longe dos pais, dentro de casa, ou seja, longe também dos colegas, vizinhos e conhecidos. É a situação ideal para se realizar os desejos sexuais que, há tempos, estão borbulhando na garota e esbarrando nos seus próprios desejos morais que não permitem sua realização. Veremos então, como a matéria desenvolve essa situação tão atraente para a leitora.

Logo no início do texto, encontramos um alerta para que a menina não reprima seus desejos, afinal, não é só o garoto quem sentirá prazer: *“Não se esqueça de que você não está fazendo nenhum favor para ele (namorado): o prazer é seu também”*. É uma forma de convencê-la de que, se decidir ceder aos desejos sexuais, também será bom para ela e não apenas para o garoto.

Na seqüência, encontramos uma explicação para a garota não se culpar pelos desejos que possui: *"Os carinhos, amassos e o sexo são fontes de prazer e troca de experiências"*. Assim, carinhos, amassos e sexo não são condenados, pois se tratam apenas de troca de experiências que trazem prazer, coisas consideradas comuns na vida da garota, defende a revista.

Em seguida, o texto traz mais um incentivo para a garota que deseja ter a experiência sexual na oportunidade em que estiver a sós com par, justificando que isso é permitido em determinados tipos de namoro: *"Dependendo do tempo do namoro, pode avançar um pouco (...). E se rolar a intimidade, não se esqueça jamais a camisinha!"*.

O aviso do uso da camisinha denota, de forma sutil, que pode ocorrer a penetração durante a relação sexual que foi denominada "intimidade", é necessário apenas que o casal use um preservativo. A permissão de avançar um pouco, dependendo do tempo de namoro, faz com que as leitoras que já têm um relacionamento mais duradouro interpretem que podem sim ter mais intimidades.

No fim do texto, existe um trecho que certa forma satiriza a garota que vai desperdiçar a oportunidade (tão desejada) de estar a sós com o namorado assistindo apenas a um filme "água com açúcar". Ou seja, vai realizar algo tolo, pois não vai assistir a um filme legal, interessante ou divertido, trata-se de algo sem graça, "água com açúcar". Ao mesmo tempo, interpretamos que aproveitar o momento em que o casal estará sozinho para trocar beijos e dar alguns amassos é uma sugestão positiva da revista: *"Ufa! Chegou o momento de celebrar a bendita hora que seus pais decidiram viajar: seja com beijos e amassos, ou apenas pedindo uma pizza e assistindo a um filme água com açúcar..."*. É claro que a revista aceita essa possibilidade de apenas assistir a um filme água com açúcar e

comer uma pizza, mas a palavra "*apenas*" demonstra que isso é pouco perto das possibilidades que existem para se realizar numa oportunidade como essa, como os sugeridos beijos e amassos, pois isso é o que atrai a leitora: a realização de seus desejos sexuais.

Assim como o desprezado filminho água com açúcar, o texto traz argumentos para que a leitora aproveite o momento a sós com o namorado e realize seus desejos sexuais até então reprimidos. Para isso, a matéria utiliza-se das afirmações de que o prazer não vai ser só do namorado, mas dela também, que os carinhos, amassos e o sexo são fontes de prazer e troca de experiências e não há nada de errado nisso e até aconselha que, dependendo do tempo do namoro, o casal pode avançar um pouco, lembrando apenas que, nesse caso, é preciso usar a camisinha. Ou seja, é um conjunto de incentivos para a realização dos prazeres sexuais com um texto bastante liberal que pretende corresponder aos desejos da leitora.

Matéria 11 – edição 82, publicada em setembro/2002.

Título: *Perguntas e respostas sobre a tal MASTURBAÇÃO*

Subtítulo: não há

O título resumido chama muito a atenção das leitoras, pois anuncia que a matéria vai tratar de um tema que é de grande curiosidade das adolescentes: a masturbação. De certa forma, o tema carrega uma carga de incentivo à vida sexual da leitora pois, apesar de ainda ser um tabu para muitas garotas, a masturbação é a forma utilizada pela revista para

fazer com que ela conheça seu corpo e aprenda a como chegar ao prazer para, depois, ter uma relação sexual com o parceiro de forma mais prazerosa.

O texto é todo construído a partir de perguntas e respostas assinadas por um especialista, afinal o assunto é muito delicado para ser tratado em forma de conselhos ou relatos como nas outras matérias. Dentre as principais questões e respostas publicadas, selecionamos:

"PERGUNTA: O que é masturbação? Como se pratica? RESPOSTA: É o ato de acariciar os próprios órgãos sexuais para obter prazer através do toque nas regiões eróticas do corpo".

"PERGUNTA: A masturbação pode ajudar a ter uma vida sexual mais prazerosa no futuro? Por que? RESPOSTA: Sim, pois ela permite que a pessoa conheça melhor o próprio corpo, descobrindo quais são as características e os locais que mais lhe dão prazer".

O tabu "masturbação" é tratado com naturalidade e, inclusive, a prática é estimulada para que a leitora descubra os locais que lhe proporcionam maior prazer. Isso faz com que percebamos que o texto dessa matéria é bastante liberal.

Na seqüência, inclusive, o tabu é citado e derrubado, pois é explicado que as famosas conseqüências da masturbação são apenas mitos. Devemos destacar a resposta que diz que a masturbação era algo vergonhoso e perigoso no passado e hoje esses mitos foram todos desmentidos: *"PERGUNTA: Ela faz nascerem espinhas no rosto ou pêlos nas mãos? Ou faz crescer os seios e a vagina? RESPOSTA: Não!!! Essas idéias fazem parte de uma*

crença antiga, quando se considerava o ato de se masturbar como vergonhoso e perigoso. Hoje esses mitos já foram desmentidos”.

Vale lembrar que:

> “O mundo exterior elabora através da experiência de viver junto, através do convívio, são elaborados os modos de obter satisfação de necessidades vitais, e os padrões de comportamento se estabelecem. Antes porém do estabelecimento dos padrões de comportamento, uma forma muito mais primitiva e inconsciente de solucionar o conflito entre necessidade e satisfação é institucionalizada naquilo que conceituamos como mitos.” [Melo, 1975, p. 55]

Em uma das questões, o sentimento de culpa é levantado. Na resposta, o especialista tenta explicar à garota que ela não deve se arrepender do ato de se masturbar, afinal, esse sentimento só acontece quando a garota não tem certeza que a masturbação é legal, sendo que todo o texto afirma que se trata de uma prática positiva: *“PERGUNTA: É normal sentir culpa depois de se masturbar? O que fazer, então? RESPOSTA: Isso não é saudável, pois gera um conflito na pessoa: ela tem o prazer momentâneo, mas sente-se mal depois e se arrepende. Geralmente, esse sentimento surge quando a garota não tem certeza se a masturbação é uma coisa legal”*.

Devemos destacar que esta matéria fala abertamente sobre a masturbação, um tema de grande discussão na redação da revista, afinal, algumas mães que compram a todateen para suas filhas não aprovam esse tipo de assunto, justificando que falar sobre masturbação incita as leitoras a praticá-la, o que deve, segundo as mães, acontecer de forma natural ou (para as mães mais conservadoras) nem mesmo acontecer. Portanto, a revista abordar esse tema significa que está querendo mesmo atrair a leitora que se interessa por todos os temas

relacionados ao sexo, independente do que as mães vão pensar se pegarem a revista para ler também. Pesquisas internas da revistas demonstram, inclusive, que as matérias de sexo são as mais lidas e procuradas pelas leitoras. Além de ser um assunto que interessa a todos, as adolescentes, de forma especial, querem entender como funciona o sexo e como ela deve agir diante deste conflito que se estabelece entre os desejos sexuais e morais.

Assim, interpretamos que nesta matéria pesam tanto o fato educacional de ensinar a leitora a lidar com o próprio corpo como o incentivo ao desenvolvimento da sexualidade da leitora que verá a masturbação como uma atitude comum e não como algo proibido. Ou seja, o caráter de incentivo ao sexo prevalece através da publicação de um texto bastante liberal.

Categoria 3: Conteúdo, preponderantemente, repressor aos desejos sexuais. Imposição dos desejos morais. - **Matérias**: 2, 3, 10 e 13.

Matéria 2, edição 67, publicada em junho/2001

Título: *Ele quer uma prova de amor*

Subtítulo: *Fuja dessa cilada! Só você sabe o momento certo de partir para a transa*

Logo no título e no subtítulo da matéria, podemos perceber que a revista apresenta a situação e, imediatamente, incentiva a garota a não realizar seus desejos sexuais, alegando que a vontade sexual só vêm do parceiro (sexo masculino) e que ela (sexo feminino) precisa adiar a primeira transa, para pensar melhor se realmente está preparada para viver

essa experiência, o que não corresponde com a realidade, pois as meninas também têm desejos sexuais.

Segundo o texto, ainda, como veremos na matéria, os meninos só pensam em sexo, diferentemente das garotas. Portanto elas (as leitoras) devem reprimir seus desejos, afinal, só o garoto é que nessa fase da adolescência pensa em sexo. Percebemos, então, um texto bastante conservador e, ao mesmo tempo, contraditório, pois, se é defendido que a menina não tem desejos sexuais, não seria preciso reprimi-los. Porém, ao contrário disso, o texto pede para que a leitora aguarde o momento ideal de realizar seus desejos sexuais e, enquanto isso, freie os desejos do namorado.

O texto julga os meninos que "*só pensam naquilo*", dizendo que "*os garotos têm essa vontade sem nem mesmo conhecer a garota direito*". Ou seja, algo irracional para as meninas que precisam conhecer o garoto para só depois ter vontade de praticar ações mais íntimas com ele: *"Logo que muitos meninos ficam com uma gatinha em quem estavam de olho já começam a pensar naquilo, mesmo não a conhecendo direito"*.

A seqüência do texto já traz a indicação para a atitude que a garota deve tomar, que é ser contra a realização do ato sexual e aguardar o momento ideal para a sua primeira transa: *"No caso das garotas antes de ter um contato mais íntimo elas querem namorar, viver momentos românticos, conversar sobre diversos assuntos, curtir o relacionamento, conhecer bem o gato (...)"*.

O texto traz uma espécie de ameaça pela qual, segundo a revista, algumas garotas passam. Afinal, é incitado e, portanto, pressuposto que a menina não deve querer transar e, assim, o garoto é quem faz chantagens para que a relação sexual ocorra: "*Mas, pressionadas pelos namorados para viver momentos de maior intimidade, elas ficam diante*

de uma chantagem emocional”. Sabemos que isso não é verdadeiro, pois a menina também tem desejos sexuais, além dos morais e, portanto, não é só o menino que quer ter mais intimidade. Para defender e, ao mesmo tempo, persuadir a leitora à não querer transar, o texto diz que elas ficam em uma situação de chantagem emocional e o menino é visto como um “monstro ameaçador” que quer obrigá-la a fazer algo que ela não deseja.

Na mesma linha moralizadora, o texto avisa às leitoras que estão, na realidade, passando por essa situação de “conflito” entre seus desejos sexuais e morais, que é preciso muito “jogo de cintura” para controlar seus impulsos e adiar a realização dos desejos. Ou seja, o texto incita a leitora a controlar seus impulsos. E, se é necessário controlar algo, é porque existe algo: o desejo sexual. Porém o trecho sugere que ela, com muito jogo de cintura, não deixe que o garoto “avance o sinal”: *“Se você está passando por isso, aprenda a ter jogo de cintura e dê um breque nas intenções do seu amado”*.

Trata-se de um conselho da revista para que a garota espere a conhecida “hora certa” para ter sua primeira relação sexual. Fica claro nessa passagem do texto que existem barreiras contrárias, internas e externas, à qual a garota vai precisar de muito “jogo de cintura” para conseguir superar e aguardar chegar ao “momento certo” para a primeira transa: *“Esperar a hora certa para transar vai ser muito melhor você não acha? Respeite os seus próprios limites gatinha”*.

A revista considera que apenas o garoto tem a vontade de “avançar” nas intimidades e, por isso, convence a leitora a agir dessa forma, reprimindo assim seus desejos sexuais e brecando o garoto. Por isso eles são vistos como os “apressadinhos” que provocam desconforto nas meninas. Neste trecho fica clara a reafirmação moral de que as meninas não devem ceder ao sexo e não devem possuir as mesmas vontades sexuais que os meninos:

“Sempre apressadinho: A impaciência da maioria dos garotos pode dificultar o futuro relacionamento. Forçar a barra, muitas vezes, só traz mágoas, decepções e muitos grilos”.

A matéria dá dicas para que a garota identifique quando o garoto está querendo avançar o sinal e determina que, em hipótese nenhuma, ela ceda a tentação sexual: *“Então, quando o seu namorado começar a mostrar sinais de avanço, como beijos de perder o fôlego, aqueles abraços apertados e a mãozinha boba que escorrega pelo seu corpo, dê um jeitinho de conversar com ele e, em hipótese alguma, tenha medo de não ceder por achar que pode acabar por perdê-lo”*.

Mas como afastar o garoto e seus próprios desejos sem magoar seu parceiro? Para isso a revista também traz um conselho: conversar com jeitinho e explicar que você ainda não está preparada. Ou seja, é pressuposto que a garota não esteja preparada para a transa e por isso ela deve explicar ao menino que não quer transar: *“Um bom diálogo com o gato, com aquele jeitinho que só você tem para não magoá-lo, pode ser o tiro certo. Explique como se sente quando ele tenta algo mais e diga que ainda é muito cedo para rolar mais intimidade entre vocês. Isso pode ser uma alternativa para o garoto compreendê-la e esperar o momento ideal para vocês se amarem e sentirem prazer junto”*.

E se o garoto insistir, fuja dele! Essa é a mensagem para a garota que não consegue frear os desejos sexuais, no caso defendido pela revista como apenas desejos do garoto: *“Sem resultado: vocês já conversaram bastante sobre o sinal vermelho para o gato. Usou todo o seu jogo de cintura para que ele aliviasse a barra e, mesmo assim, não adiantou não é mesmo? Então, gatinha, será que é legal continuar esse namoro? Muitas vezes quando o garoto percebe que a namorada não está a fim de transar e o tempo fechou para o lado dele começa a fazer chantagens e a exigir uma prova de amor. Não vale a pena cair nessa*

conversa. Pense primeiro em você e no que realmente deseja para não fazer coisas que não quer e acabar se arrependendo mais tarde”.

Em seguida, a citação de uma consultora, sublinha a explicação de que o amor não está relacionado ao sexo: *“A psicóloga Maria Lúcia Bien explica que o amor não precisa de provas. Prova de amor é ouvir o outro com carinho é provocar um sorriso gostoso. São os simples atos do dia-a-dia que dão a prova de amor"*. Assim, a revista defende que a leitora que ama não precisa, necessariamente, ter uma relação sexual com o namorado, pois há outras formas de se provar o amor.

Abaixo, algumas atitudes de uma leitora que enviou uma cartinha para a redação contando sua experiência, que a revista considera exemplar e, por isso, publicou: *“Lorena, 14 anos, conta que se sentiu muito mal quando percebeu que o namorado queria transar logo de cara sem nem conhecê-la direito. Conheci o Renato no clube e começamos a ficar. Nosso namoro estava bem no comecinho e ele era supercarinhoso comigo. Mas acabei terminando tudo porque me assustei quando ele achou que já era hora de irmos pra cama, explica a garota. Para ela foi terrível pois o menino ainda saiu falando que ela era do tipo chata e careta”*.

No trecho abaixo, foi aconselhado que se ignore a opinião das amigas, afinal a revista sabe que a turma, geralmente, tem muita importância para a garota. Com o discurso de que é preciso ser autêntica para não ser infeliz com seu próprio corpo, o texto defende que, independente do que suas amigas já tenham feito ou não em relação a atividades sexuais, você não deve ceder a tentação: *“Não precisa ficar pensando no que as suas amigas vão falar a seu respeito mesmo porque você não tem que ser igual a alguém. Ser autêntica, mas feliz com o próprio coração, não é bem melhor? Porque, por mais que*

vocês se gostem, não vale a pena arriscar a sua felicidade se ainda não sabe bem o que quer".

Para finalizar a matéria, o texto sugere que a leitora imponha sua vontade (partindo do pressuposto que a vontade da leitora é realmente não transar), ou seja, diga "não" ao sexo diretamente e não ceda as pressões do namorado: "*Não adianta dar uma de donzela indignada para ver se o gatinho se toca. O melhor mesmo é conversar e expor o seu ponto de vista. Se ele realmente é importante pra você, dê um breque no garoto com delicadeza. Mas explique os motivos, procure ser firme e demonstre segurança sobre os seus desejos, sem se desesperar diante da situação. Deixe bem claro que você está interessada, mas que precisa de um pouco mais de tempo para se preparar. Não faça a bobeira de ceder só por medo de perder o gato. Pode ser uma armadilha sem volta"*.

O texto da matéria é bastante conservador e faz com que a leitora, assim como diz o título, fuja da "cilada" de perder a virgindade por causa da pressão do namorado. Mas o que mais no chama a atenção é que, além dos argumentos de que a garota deve ter jogo de cintura para frear os desejos do namorado, o texto faz com que a leitora acredite que a sua própria vontade é não transar. Independentemente da opinião que a leitora possa ter em relação a virgindade, em todas as situações é pré-concebido que ela não queira transar e que seu maior problema é convencer o namorado disso. Portanto, a intenção da matéria é claramente reprimir os desejos sexuais da leitora.

Matéria 3, edição 68, publicada em julho/2001

Título: *Falando de sexo*

Subtítulo: *Derrube o muro que existe entre você e seus pais*

No título e subtítulo da matéria percebemos que a intenção do texto é defender a tese de que as adolescentes devem falar de sexo com seus pais. Porém, ao contrário do que poderíamos concluir previamente, essa iniciativa de diálogo aberto não demonstra o caráter liberal da matéria (incentivo ao sexo), mas sim uma forma de controle dos pais, para que eles possam orientar suas filhas a não transar na adolescência e acompanhem o desenvolvimento sexual delas bem de perto, como veremos na análise da matéria.

De forma sutil, notamos a intenção de controle que a revista deseja que os pais tenham sobre as garotas e, portanto, incentiva esse diálogo aberto dentro da família: *"Que ótimo seria se todas as filhas e mães desse mundo trocassem confidências e pudessem conversar sobre tudo especialmente sobre sexo não é mesmo?"*. A revista se posiciona dessa forma porque sabe que suas leitoras raramente falam de sexo com os pais, confidência feita diariamente através das cartas enviadas para a redação. A intenção da revista, a partir desse fato, é fazer com que essa comunicação ocorra para que a garota seja orientada também pela família (além da orientação dada pela própria revista). Trata-se do papel social da todateen que quer ajudar a leitora e, ao mesmo tempo, protegê-la, fazendo com que os pais possam interferir nas questões relacionadas ao sexo. Assim, há na matéria a sugestão de realização de um desejo moral: contar aos pais o que está acontecendo e, portanto, obedecer (ou, ao menos, receber conselhos, geralmente, moralizadores) ao que eles julgam ser correto quando o assunto é sexo.

O recado no trecho abaixo é para que a garota se abra com sua mãe ou pai, ao invés de procurar conselhos fora de casa: *"Mas a gente sabe que nem sempre isso acontece* (fica

subentendido que seria ótimo que isso acontecesse). *Ou por uma criação conservadora ou por vergonha, muitas meninas não têm diálogo com os pais e acabam procurando por pessoas fora de casa para tirar as suas dúvidas e contar os seus segredos"*. Sabendo que os pais são mais conservadores, a intenção da revista é fazer com que a leitora não busque informações fora de casa com pessoas, possivelmente, mais liberais.

Um adjetivo utilizado nesta matéria nos chamou a atenção: "promíscua". Na passagem em que a palavra é utilizada podemos interpretar o seu sentido: "*Deixe seus pais tranqüilos dizendo a eles que receber informação não significa que você será uma pessoa promíscua"*. Observamos, assim, que a palavra "promíscua" é utilizada para definir a menina que, por ser informada sobre sexo, conseqüentemente, pratica atos sexuais (não podemos definir exatamente quais atos apenas com as palavras que temos no texto) e, portanto, passa a impressão que atos sexuais estão relacionados a algo negativo, promíscuo, o que nem sempre é verdade. O texto sugere que a garota convença, então, seus pais que, apesar de ter informações sobre sexo, ela não irá praticar atos sexuais.

Com destaque dentro da matéria, em um boxe com foto e contorno demarcado, um trecho da entrevista feita com a atriz Bárbara Borges (ídolo e, portanto, exemplo a ser seguido pelas leitoras) mostra que a revista sublinha o fato de que a garota deve contar tudo aos seus pais: "*Nunca fui de esconder nada dela (sua mãe) e isso é muito legal"*.

O exemplo da atriz deve persuadir a leitora a não esconder nada de seus pais e, assim, a revista consegue fazer com que os desejos morais da leitora, sobressaiam sobre os sexuais. Neste caso, é mais importante manter os pais informados e obedecer aos seus conselhos do que realizar atos sexuais que tragam prazer (correndo o risco, inclusive, no contexto desta matéria, de ser promíscua).

Assim, a matéria não reprime diretamente os desejos da leitora, faz apenas com que ela conte tudo (dúvidas e experiências ligadas a sexualidade) aos pais (que são em sua maioria conservadores) e, assim, privilegie os desejos morais.

Matéria 10, edição 81, publicada em agosto/2002

Título: *Sexo: Prova de amor?*

Subtítulo: *Não caia nessa armadilha*

Tanto o título quanto o subtítulo já abrem a matéria transmitindo a idéia de que sexo não é prova de amor e que, portanto, não deve ser praticado para se conquistar o namorado que está exigindo essa prova. É uma alerta sobre uma possível "armadilha" de se transar para conquistar o namorado. A intenção é convencer a leitora a não transar nessa situação.

Na seqüência o texto traz uma afirmação de que apenas os meninos sentem vontade de transar, afinal, essa atitude sexual está na natureza masculina, argumenta a matéria: *"É da natureza masculina ter pressa para chegar aos 'finalmentes`, mas você não tem que passar por cima dos seus sentimentos só para calar os hormônios que estão gritando dentro do menino"*. Assim, a menina, já que não possui os hormônios sexuais masculinos citados, deve conter o namorado e não atender aos seus pedidos, ignorando-se, assim, os hormônios femininos que a leitora possui e que também fazem com que ela tenha vontade de realizar seus desejos sexuais. Novamente encontramos um texto conservador que defende a idéia de que apenas os garotos têm desejos sexuais.

E, quando o relato que se coloca é o de uma garota que já não é mais virgem, as citações são de arrependimento: *"Eu amava o Paulinho, meu ex-namorado, e como o nosso caso estava meio que esfriando, resolvi fazer a vontade dele e transei... Foi a pior coisa"*. A revista, neste trecho, defende a idéia de que a garota que se entrega aos desejos sexuais acaba se arrependendo e, portanto, a prática não é recomendada. Neste exemplo, a garota é vista como que obrigada a fazer algo que não gostaria (o que sabemos não ser tão verdade assim, pois, se ela amava o namorado, certamente tinha vontade de avançar nas intimidades) e acaba se arrependendo. O fato da garota se sentir pressionada a fazer algo que teoricamente não quer, faz com que a leitora se sinta protegida do sentimento de culpa de desejar aquilo. É como se a responsabilidade fosse apenas do garoto e, portanto, ela se arrepende não por ter cedido aos seus próprios desejos sexuais mas sim por ter cedido aos desejos do namorado.

Em relação as amigas que, no caso, são interpretadas como diferentes da leitora, pois já tiveram sua primeira relação sexual, a matéria incita a garota a não se influenciar: *"Se você está se sentindo diferente só porque é a única virgem da galera, é melhor pensar bem antes de decidir o que fazer. Não se esqueça de que não é obrigada a ser igual a todo mundo e que ter opinião própria mostra a sua personalidade"*. Mostrar sua personalidade neste trecho significa não se influenciar e manter a virgindade, independente do que suas amigas já tenham feito ou não.

E, quando o garoto insiste em iniciar a vida sexual, a dica do texto para a leitora é que ela termine o relacionamento: *"Você já apelou para o diálogo, expôs o seu ponto de vista, disse tudo o que está sentindo e o menino continua fazendo marcação cerrada ou pior, chantagem? Se ele surgiu com 'só assim você vai mostrar que realmente me ama`,*

está na hora de pensar se vale a pena continuar esse namoro. É triste avaliar o final da relação só que, quando não existe respeito por parte dele, é porque talvez não exista amor". Novamente utilizando-se de um texto conservador, a revista incita a leitora a terminar o relacionamento se o namorado insistir em ter mais intimidades. É uma forma de solucionar o problema da garota sem que ela corra o risco de perder a virgindade, desprezando os sentimentos que estão envolvidos no namoro ou outros fatores que possam pesar nessa decisão, a única preocupação da revista é convencer a leitora de que ela não deve transar com o menino sob essa condição.

E, para finalizar a matéria, a revista traz um depoimento de arrependimento de uma garota que cedeu aos desejos do namorado para evitar que ele terminasse com ela (mais uma vez o desejo é visto apenas como do menino): "*Meu ex-namorado vivia me pressionando e, com medo de perdê-lo, acabei cedendo. Me sentia meio culpada e não conseguia curtir direito quando estávamos sozinhos. Um mês depois, ele conheceu outra garota e terminou comigo. Fiquei arrasada!"*. Mais uma vez, a intenção do texto é alertar a garota para o fato de que sexo não prende namorado e, ao mesmo tempo, induzir a leitora a adiar o momento da primeira transa para quando ela tiver certeza do que quer e não por pressão de outras pessoas.

Em todos os momentos do texto, que é bastante conservador, o desejo sexual da própria leitora é ignorado e apenas o menino tem essa vontade de ter mais intimidades, colaborando para a indução da leitora ao fato de que ela não deve ter desejos sexuais e, se tiver, reprimi-los. Além disso, a matéria usa os argumentos de que a garota que se entrega aos desejos sexuais acaba se arrependendo e que ela não precisa ser igual a todo mundo, ou seja, mesmo que as amigas já não sejam mais virgens, ela deve mostrar a sua própria

personalidade e manter sua virgindade, reafirmando assim, o caráter moralizador da matéria.

Matéria 13, edição 84, publicada em novembro/2002

Título: *Jovens mães*

Subtítulo: *A gravidez chegou (muito) antes da hora*

O título e subtítulo já denunciam que a gravidez chegou muito antes da hora que é estabelecida socialmente hoje para se gerar uma criança. O alerta da matéria é para que as garotas não corram o risco de engravidar antes do momento ideal e, para isso, é preciso reprimir os desejos sexuais da leitora ou, em último caso, incentivar o uso da camisinha, conforme veremos nos trechos selecionados.

O primeiro argumento encontrado pelo texto, para persuadir a leitora a não ter sua vida sexual iniciada, foi mostrar as coisas ruins que uma gravidez pode trazer para a vida dela: *"Acordar no meio da noite é muito chato, não é? Imagine então se for para trocar fralda, esquentar mamadeira, fazer chazinho, embalar o nenê... Um bebezinho pode ser a coisa mais fofa do mundo, mas só se aparecer na vida da pessoa no tempo certo"*. A intenção da revista é amedrontar a garota que quer iniciar a sua vida sexual, mostrando uma séria conseqüência que é ficar grávida e assumir a responsabilidade de cuidar de um filho.

E o alerta para aquelas leitoras que acreditam que com elas isso nunca vai acontecer vem na seqüência: *"Muitas garotas acham que não vão ficar grávidas antes da hora e acabam marcando bobeira"*. Nenhuma garota nessa idade, ao transar, imagina que vai ficar

grávida, porque não deseja isso, e é justamente neste ponto que a revista argumenta. Ela diz que muitas garotas que acreditavam que não iam ficar grávidas, marcaram bobeira e acabaram engravidando. Ou seja, a leitora corre esse risco quando resolve iniciar sua vida sexual e, portanto, isso não é recomendado pela revista.

Continuando na linha de "amedrontamento" da leitora para que ela não inicie sua vida sexual (ao menos não sem antes conhecer todos os métodos anticoncepcionais existentes e esteja realmente preparada para perder sua virgindade), o texto é forte e mostra que a vida das adolescentes (que elas sempre imaginam como um conto de fadas) não é tão romântica assim: *"Só que, infelizmente, a vida real é muito diferente dos contos de fadas e a camisinha não serve só para evitar doenças. Ela é a forma mais segura (e prática) de se prevenir uma gravidez não planejada, que pode mudar totalmente a vida de qualquer adolescente"*.

Neste momento, percebemos também a forte carga educativa, além de moralizadora, da matéria. A intenção da revista é ensinar para a leitora que existem vários métodos anticoncepcionais, alguns seguros e outros nem tanto, que ela deve estar atenta na hora de ter uma relação sexual e que a visita ao médico ginecologista é indispensável. Aí vão alguns exemplos:

"*Tabelinha furada: Muitas garotas usam o método da tabelinha para calcular em quais dias não estão férteis. No entanto, esse método não funciona bem para adolescentes, já que o ciclo muitas vezes é irregular, variando o dia da ovulação. Não vale a pena arriscar!*",

"*Situação de emergência: O que acontece quando a camisinha estoura? Já existem as pílulas de emergência, mais conhecidas como pílulas do dia seguinte. Com uma alta dose de hormônio, elas evitam a gravidez, mas podem provocar enjôos e dores de cabeça, entre*

outros sintomas desagradáveis. Só que, para ser eficiente, ela precisa ser tomada até 72 horas depois da transa (quanto mais cedo melhor!) e a segunda pílula, depois de 12 horas",

"Consulta obrigatória: Dá vontade de ficar adiando, fingir que não é importante... mas não tem jeito: visitar o ginecologista é obrigatório! Ele (pode ser médica também) é a pessoa mais indicada para tirar todas as suas dúvidas e receitar o anticoncepcional mais adequado para o seu caso. As pílulas anticoncepcionais são diferentes umas das outras e podem causar reações desagradáveis dependendo da garota, por isso, só o médico pode dizer qual é a certa para o seu organismo. Mas não é só quem já está transando que precisa visitar o médico. Se a garota perceber alguma coisa diferente no corpo dela ou quiser tirar dúvidas, também pode procurar ajuda".

É importante ressaltar que esses tipos de informações não agradam as leitoras, apesar de ser de extrema importância estarem presentes na revista. As garotas acreditam que essas informações já estão nos livros da escola, em campanhas sobre saúde, etc e que a revista deve ter o papel de falar sobre os assuntos que elas não encontram em outro lugar. Porém, não devemos desprezar que além das informações "técnicas" existe a intenção da revista de orientar a leitora a não correr o risco de engravidar durante a adolescência e até inibi-la de iniciar sua vida sexual a partir da apresentação de tão sérias conseqüências e responsabilidade que o início da vida sexual exige, como ir ao ginecologista e utilizar um método anticoncepcional. Isso porque muitas garotas não contam aos pais que já tiveram sua primeira transa e, por isso, é complicado convencê-los de que precisa visitar um médico ou que precisa de dinheiro para comprar um medicamento, por exemplo. São barreiras apresentadas que convencem a leitora a não iniciar sua vida sexual tão cedo.

Agora, quando a garota já tem uma vida sexual ativa (e não há mais como reprimir esse desejo), a dica da matéria é para que ela use sempre o preservativo (voltando ao caráter educativo da revista), afinal, uma gravidez, como alerta o início da matéria, pode mudar radicalmente a vida da leitora. Dessa forma encontramos mais exemplos de más conseqüências que ameaçam a garota que quer iniciar sua vida sexual e corre o risco de engravidar, como parar de estudar e outros arrependimentos: *"Ela (a camisinha) é a forma mais segura e prática de se prevenir uma gravidez não planejada que pode mudar totalmente a vida de qualquer adolescente", "Minha vida virou de cabeça para baixo, saí da escola e nem sei quando vou poder voltar a estudar. Só sei de uma coisa: se pudesse voltar atrás, faria tudo diferente"*.

O depoimento acima, de uma garota que engravidou durante a adolescência, finaliza a matéria, e deixa o recado principal: o arrependimento por ter atendido aos desejos sexuais, sem as informações e prevenções necessárias para o início da vida sexual.

Assim, a matéria se caracteriza pelo seu caráter conservador e até mesmo repressor mas, principalmente, educativo, pois os argumentos utilizados para que a garota se proteja e até mesmo não tenha relações sexuais na adolescência são todos para se evitar uma gravidez indesejada ou até doenças sexualmente transmissíveis. É claro que as situações apresentadas demonstram o arrependimento de meninas que engravidaram e isso faz com que a leitora tenha medo de perder a virgindade, mas não há uma repressão direta aos desejos sexuais, há apenas um alerta e informações que pretendem evitar que essa situações indesejadas, como uma gravidez, ocorram.

4.3. CONTRIBUIÇÕES PARA A ANÁLISE

Duas características nos textos analisados merecem destaque: o tom de aconselhamento e o uso de relatos como recursos estilísticos.

Sabemos que as informações veiculadas em revistas femininas e, em especial, aquelas direcionadas ao público adolescente, têm um peso muito forte de aconselhamento e de formação, conforme salienta Buitoni:

> A presença do conselho, o tom coloquial, o discurso persuasivo, as dicas, tudo conduz ao convencimento. A revista se coloca no papel de amiga da leitora e, então, acaba sendo um instrumento pedagógico, e um instrumento pedagógico importante que às vezes é a única fonte acessível de informação sobre sexo.[Buitoni, 1990, p. 99]

Portanto, retomando o papel da revista para tratar do assunto sexo, diante de uma sociedade em que ainda é muito difícil o diálogo aberto sobre o tema com a família, a maioria dos textos possui um conteúdo que lembra o conselho da melhor amiga. São dicas, informações e até sugestões para que a leitora se sinta menos insegura em relação a sua sexualidade.

Outro fator importante é a questão dos relatos. Para se tratar de um assunto ao qual, na maioria das vezes, é preciso contar uma experiência boa ou ruim em relação ao sexo, a revista todateen utiliza diversas histórias de leitoras, que são enviadas diariamente para a redação, para exemplificar as situações vividas por uma garota com a mesma idade do público alvo. O fato de a revista selecionar algumas experiências vividas por leitoras e publicar parte das cartas nas matérias, já demonstra que há, de alguma forma, uma

intencionalidade da redação, afinal, a escolha justifica, geralmente, o ponto de vista defendido na matéria.

Assim, os relatos têm grande importância na matéria, pois fazem com que as leitoras se identifiquem com as experiências vividas por garotas da sua mesma idade. Porém, para a nossa análise, são interpretadas como um recurso estilístico da redação para falar de temas e exemplificar situações que desejam nas matérias. Portanto, as citações escolhidas demonstram exatamente o que a redação quer "contar para a sua leitora" (seja aprovando ou desaprovando as atitudes relatadas) e não exatamente uma forma da leitora participar da matéria de forma ativa, por exemplo, porque, inclusive, quando o assunto é sexo as leitoras que contam suas histórias de vida não são identificadas (usa-se apenas o primeiro nome ou apelido).

4.3.1. O papel do amigo (a) (s)

Quando analisamos os trechos em que a palavra "amigo" e seus derivados (amiga, amigos, amigas, turma) aparecem no texto, percebemos que esse termo tem grande importância para a leitora. O amigo, segundo o dicionário, é aquele ligado à outra pessoa por amizade ou afeição, camarada, simpatizante, amásio; como adjetivo é o apreciador, favorável, caro. O amigo é identificado como alguém para quem ela deve satisfações sociais, ou seja, alguém de quem ela quer saber a opinião[9], alguém com quem ela pode

[9] No trecho da Matéria 1: "Ju, que não agüentava mais a pressão das amigas, transou", fica clara a importância dada à opinião das amigas pela leitora.

contar. E o papel da revista para ela é a de sua melhor amiga. Assim, ela acredita que todos os conselhos ali publicados vêm de alguém que se preocupa com ela, alguém que só quer o seu bem e alguém a quem ela não quer decepcionar. O termo é o elo que influencia e, de certa forma até reprime, os desejos das leitoras.

Fica explícita, em todos os textos em que o termo “amigo” aparece, a importância da opinião das amigas para a leitora. Ela chega a tomar atitudes ligadas a sexualidade, como a iniciação sexual, sem nem mesmo ter certeza do que queria, só para agradar as colegas. A adolescente quer se sentir igual ao grupo a que pertence e, se as amigas já têm determinadas experiências, ela se sente pressionada a ter também. Em algumas frases observadas nas matérias, fica implícita a vontade da menina de também ter um namorado apenas para se sentir aceita pelo grupo e não porque realmente sente a necessidade de ter uma companhia. Quando surge uma oportunidade para que ela “entre para a turma”, que é, por exemplo, quando ela conhece um garoto e, já que “não agüentava mais a pressão das amigas”, resolve transar com ele e perder sua virgindade, ela realiza um desejo social (acompanhar as amigas) e, claro, um desejo sexual (seguir suas pulsões). Mas, ao mesmo tempo, vem a culpa pela decisão que tomou. De qualquer forma, é a amiga quem interessa nessa relação. É o que as amigas vão pensar que pesa na decisão da leitora.

4.3.2. Amenizando o sentimento de culpa

Em algumas frases, percebemos que há um sentimento de culpa nos relatos da leitora (histórias citadas), quando ela perde a virgindade ou quando se masturba como, por

exemplo, na pergunta e respostas inserida na matéria 11: *"PERGUNTA: É normal sentir culpa depois de se masturbar? O que fazer, então? RESPOSTA: Isso não é saudável, pois gera um conflito na pessoa: ela tem o prazer momentâneo, mas sente-se mal depois e se arrepende. Geralmente, esse sentimento surge quando a garota não tem certeza se a masturbação é uma coisa legal"*.

Nesses momentos os textos defendem a idéia de que esse arrependimento é normal até que ela obtenha todas as informações necessárias sobre a sexualidade, ressaltando assim a importância da educação sexual para a leitora, como no subtítulo da Matéria 7: "*Calma, a informação é a sua melhor amiga"*. Na seqüência da apresentação do sentimento de culpa, as matérias pedem para que a leitora não deixe que essa "encanação" atrapalhe os outros relacionamentos dela na escola, família e círculo de amigos. Ou seja, apesar do texto avisar que a garota pode se arrepender se perder a virgindade nessa fase da adolescência, já exige da leitora que ela não deixe que isso atrapalhe a sua vida social.

Não é para ela fazer o mesmo que as meninas das histórias descritas no texto fizeram mas, se a leitora já cometeu o erro (coisa que não pode ser remediada), o melhor é que ela tente não ficar muito "preocupada" com isso, afinal, o sexo é algo muito natural para o ser humano. O maior problema, na verdade, está justamente na forma com que a pessoa encara a atividade sexual diante da sociedade e, por isso, mesmo que já tenha tido sua primeira relação, a mensagem é para que ela evite fazer com que isso atrapalhe seus vínculos sociais.

Mas, em alguns momentos, as matérias trazem um certo conforto para aquelas leitoras que "já erraram", que cederam ao desejo. "*Bola pra frente!*" (texto inserido do Box final da Matéria 1) é o mesmo que dizer: tome cuidado com suas próximas experiências,

afinal, não é porque você já perdeu a virgindade que poderá ter uma vida sexual ativa normalmente, sem problemas sociais por causa disso. Porém, também não é para ficar encanada. Transar é algo natural e você ainda tem a vida toda pela frente para realizar seus desejos sexuais e também morais, mesmo que estes sejam contraditórios, pois eles, de certa forma, podem ser realizados de um jeito que não a deixe tão arrependida (sentimento de culpa), como propõe o título e subtítulo da Matéria 6: *Não sou mais virgem*: *Isso é um problema? Veja como acabar com essa encanação"*.

E é isso o que a revista pretende ao citar a opção de que a garota simplesmente não conte a ninguém que perdeu a virgindade, como verificamos no texto inserido na Matéria 6: *"Você não é obrigada a falar sobre a sua sexualidade"*. E oferece outra alternativa ao sentimento de culpa, se por acaso as pessoas já saberem que ela perdeu a virgindade: *"Você só vai ficar malfalada se tiver atitudes no dia-a-dia que demonstrem um comportamento vulgar e não porque perdeu a virgindade"* (Texto inserido na Matéria 6). Assim, a garota poderá ficar mais tranqüila, afinal, não é porque não é mais virgem que poderá ficar malfalada e sim pelos comportamentos que ela tomar em público.

4.3.3. O significado de transar

Tanto o substantivo transa como o verbo transar podem trazer várias inferências. Dentre elas está o significado dessa palavra forte e, de certa forma, utilizada com um sentido novo para a sociedade. Até pouco tempo atrás, transar era o mesmo que: fazer transa a respeito de algo, combinar, ajustar, pactuar, maquinar e até mesmo tramar, no

sentido de transação, uma espécie de acordo. Mas hoje a palavra é amplamente utilizada com o significado da prática sexual.

Por trás desse significado está o entendimento do sinônimo para o ato sexual que não leva a mesma carga de preconceitos sociais que a palavra "sexo". Talvez seja uma forma moderna de se tratar o sexo, sem implicar compromisso, como fazer amor, ou formalidades como ter uma "relação" sexual. E o termo foi bem aceito pelos adolescentes, pois até mesmo em títulos e subtítulos o termo é amplamente utilizado, conforme os exemplos: "***Transei** e me arrependi!"* (Título da Matéria 1), "*Fuja dessa cilada! Só você sabe o momento certo de partir para a **transa**"* (Subtítulo da Matéria 2), "*Namoro sem **transa**?"* (Título da Matéria 4) e "*Tudo o que passa pela cabeça de quem decide não **transar**!"* (Subtítulo da Matéria 5).

Nada melhor do que uma acepção sem preconceitos para lidar com um desejo tão natural e, algumas vezes, incontrolável. É certo que é dever da sociedade reprimir qualquer desejo que vá contra as suas normas explícitas, mas a transa pode ser vista como uma forma "ligth" de realização do desejo. Assim como a palavra "ficar" se tornou para os jovens uma atitude mais leve de realização de seus desejos sexuais, sem a necessidade de compromissos como o namoro e até o noivado. As jovens "ficam" com os meninos em um dia (o que pode naturalmente implicar uma transa, além de beijos e trocas de carinho) e não têm nenhuma obrigação de falar com o garoto no dia seguinte, e vice-versa. Não existe um compromisso instituído no moderno ato de "ficar". Do mesmo modo, a transa é uma forma tranqüila de se falar de algo tão pesado moralmente: o sexo.

Mas, ao mesmo tempo em que socialmente a palavra transa pode proporcionar uma diminuição do sentimento de culpa dos jovens, uma forma de amenizar o ato em si, ela traz

um sentimento de realização completa. Transar não implica sentimentos e, portanto, reflete as pulsões sexuais “primitivas” do ser humano. Assim como os animais transam, o homem transa. Os animais não fazem amor ou têm um relacionamento sexual, eles simplesmente transam, sem pensar em conseqüências sociais. São os desejos sociais e sexuais, numa só palavra do texto, andando lado a lado, completando o quadro de desejos contraditórios do leitor.

4.3.4. Ser humano dividido, ações contraditórias no texto

Segundo Bardin (1977), a organização das frases pode revelar certas características de um discurso ou apontar confirmações de certas hipóteses formuladas. Para isso deve-se ir além da análise léxica, iniciando a análise temática do conteúdo.

O que chama a atenção nos discursos colocados nas cinco matérias selecionadas na Categoria 1 é que as frases e idéias de texto respeitam a seguinte ordem: primeiro é citado algo de certa forma positivo, que traz um sentimento bom, trata-se de um desejo sexual que a leitora certamente possuí, como “*ficar com um garoto*”, “*transar*”, “*deixar o desejo falar mais alto*”, etc. Mas, em seqüência, e muitas vezes até mesmo dentro da mesma frase, aparece o caráter negativo da ação, ou seja, a repressão e o arrependimento da garota por ter realizado tal ato, o que pode ser notado em frases do tipo “se sentiu péssima no dia seguinte”. Ou na ordem inversa.

É interessante notar que não é necessário separar as contradições do ser humano, dividido justamente entre esses dois desejos: sexual e moral, em frases distintas. Na citação

"A Cristiane, 15 anos, conta que namorava um gatinho mais velho, que sempre a levava a lugares estranhos" (texto da Matéria 1) podemos analisar essa questão mais amplamente.

No início da frase fica claro o caráter positivo de realização do desejo da leitora que é justamente namorar e ter um relacionamento com alguém mais velho, ou seja, uma pessoa que possa lhe proporcionar novas experiências, inclusive relacionadas ao prazer sexual. E, no final da mesma frase, encontramos o "alerta" de que namorar um homem mais velho não é tão legal assim, afinal ele a leva a lugares "estranhos". O adjetivo "estranho" foi utilizado para demonstrar um lugar ruim e não um lugar diferente, interessante ou prazeroso. Nesse momento já conseguimos visualizar uma forma de repressão, de alerta para que as garotas tomem cuidado com os garotos mais velhos, uma preocupação geralmente transmitida pelos pais e familiares, que temem uma gravidez indesejada e a iniciação precoce da prática sexual da adolescente (educação sexual).

Na tabela abaixo podemos visualizar a divisão de desejos contraditórios em outras três frases retiradas da Matéria 1:

Desejos sexuais	Desejos morais
Ana Paula tinha um rolo de dois meses... Um dia o desejo falou mais alto e eles transaram.	*Só que nem ele, nem ela tinham camisinha.*
Andréia namorava há um mês e já rolavam algumas intimidades quando ele propôs que transassem	*No dia seguinte todo mundo cochichava e ria de Andréia porque ele saiu contando para os amigos tudo o que havia rolado na*

propôs que transassem	*transa dos dois*
Um dia Juliana ficou com um garoto na discoteca e as amigas sugeriram que ela perdesse finalmente a virgindade	*Ju transou com o carinha que mal conhecia e se sentiu péssima no dia seguinte*

Fica clara a divisão de sentimentos nas frases. Primeiramente foram apresentados os prazeres sexuais, como “desejos”, “intimidades” e “perder **finalmente** a virgindade” mas, logo na seqüência, as conseqüências e alertas para que a leitora não seja precipitada e leve em conta também os prejuízos morais que a realização desses desejos implicam.

Já nas categorias 2 e 3, o posicionamento da revista a favor e contra o sexo é identificado através das matérias que ora se caracterizam por um caráter conservador, ora por textos liberais. Assim, percebemos que a revista reveza seu posicionamento, fazendo com que a leitora, de forma geral, tenha os dois desejos, sexuais e morais, contemplados.

4.3.5. A repressão do indivíduo civilizado

Quando falamos em desejos morais, podemos encontrar outro importante aspecto nessa relação entre os instintos (id) e a cultura adquirida (superego): a repressão internalizada. Na maioria dos trechos em que a garota (que simboliza a leitora) vive situações sexuais frustrantes ou perigosas, existe sempre a preocupação em se inserir um “desculpa” para que ela se “defenda” de tal situação ou responda por tal ato e não se responsabilize por ele. O texto consegue realizar esse papel “amenizador” trazendo a

informação de que a culpa foi do namorado mais velho ou das amigas mais experientes que as influenciaram. Temos como exemplo a citação da Matéria 1: *“A Cris transou por causa da pressão do cara”* .

Existe dentro do próprio texto um “apoio” para que a leitora não se sinta mal ou entenda a mensagem como uma bronca ou retaliação, afinal ela não pode ser mal tratada, visto que é a “cliente” da revista. O texto direcionado ao público alvo deve ser carinhosamente construído para que a leitora se atraia por ele e não tenha nenhum tipo de repulsão, ao contrário, a intenção é que se torne uma leitora fiel ao produto. As histórias citadas no texto são apenas exemplos de situações que ela deve aprender a lidar, mas que, em hipótese alguma, ela (mesmo que estivesse vivendo aquela situação) teria culpa por ter desejado aquilo. Trata-se da construção de uma espécie de repressão sexual interna, afinal, a sociedade não aprova que a leitora tenha seus desejos sexuais declarados e, muito menos, realizados. Alguns exemplos de “proteção” para que os desejos da leitora não fiquem explícitos: no trecho da Matéria 7 - *“Não aceite nenhum tipo de pressão, seja do seu namorado (aquela coisa de ´prova de amor´ é a maior furada) ou amigos (não vale a pena transar só porque todas as suas amigas já transaram!)”*, e nos trechos da Matéria 1: *"...a única coisa que passava na cabeça dele era sexo...", "...ele propôs que transassem...".* Ou seja, a culpa é imediatamente transferida para o parceiro ou para as amigas que pressionaram a leitora a fazer algo que ela não queria e, assim, ela se permite realizar seu desejo sexual de forma disfarçada e sem “encanações”.

4.3.6. Pedagógico e conservador

A apresentação de histórias de meninas que tiveram experiências relacionadas ao sexo é utilizada como um recurso da matéria para se explicar e demonstrar o conflito da sexualidade e a iniciação das práticas sexuais. Se por um lado, o desejo sexual e a afetividade são vivenciados por algumas leitoras (que enviaram seus relatos através de cartas para a redação), onde a sensualidade, emoções físicas e prazeres são bastante explorados, por outro, as histórias não deixam de apontar para os riscos implicados nessas experiências.

A matéria é montada sempre pensando em mostrar o desejo, apresentar supostas leitoras vivenciando a sexualidade, porém, alertar em seguida para os riscos que essas experiências acarretam. Percebemos, então, que mesmo utilizando recursos para a atrair a atenção da leitora (falando dos seus desejos sexuais) o texto nunca deixa de lado o caráter educativo. Se uma história conta a realização de prazeres de uma garota, em seguida é exibida outra história em que um garota engravidou ou chateou-se porque o namorado saiu contando suas intimidades para toda a turma. Trata-se de uma estratégia de advertência contra os riscos implicados nas práticas sexuais.

E, muitas vezes, percebemos que o texto é utilizado como recurso puramente pedagógico, para instruir a leitora a respeito da prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis ou uma gravidez indesejada.

Portanto, além de refletir de forma clara sobre a realidade dos jovens, que envolve o conflito existente no ser humano divido entre seus desejos instintuais e morais, a intenção do texto também é educar a leitora para o sexo.

Salientamos aqui a contribuição do jornalismo na saúde e formação dos adolescentes, através dessas matérias. Em alguns casos, as matérias preenchem lacunas do serviço público e de um atendimento médico ainda insuficiente e de acesso limitado ao adolescente, que não têm o próprio dinheiro, nem detém autonomia para usar as carteirinhas do convênio médico ou para vencer os obstáculos para atendimento no postos e hospitais gratuitos. E muito mais do que isso: este é o território das dificuldades de conseguir um confidente ao mesmo tempo bem-informado e amigável, dos conflitos e crises próprios do período da adolescência (mas também das vergonhas e temores que nos tomam a todos ao tratar de assuntos íntimos, sobretudo em sua face problematizada e pessoal), dos limites da educação sexual em sala de aula (às vezes na ausência dela) e das discussões em grupo e da tentativa confusa de se saber, sozinho, valorizar sentimentos e conhecimentos científico. Razões, enfim, não faltam para demonstrar como as matérias educativas sobre sexo, ao falar sobre sexualidade, saúde e comportamento, têm um papel importantíssimo e valioso.

Assim, ao exercer seu papel de informar, acaba também assumindo a função de formadora e educadora, o que muitas vezes leva a redação a assumir um papel mais conservador e repressor em suas matérias.

Porém, a revista toma diversos cuidados para não se tornar desinteressante para as leitoras. Isso porque respostas muito técnicas correm o risco de serem chatas ou de truncarem a comunicação, além de transmitirem a impressão para a leitora de que se trata

de um material escolar. O tom professoral e a simples repetição de enunciados, como “use camisinha”, podem cansar a adolescente, pois não indicam caminhos, apenas repetem “regras”. É mais interessante, a título de exemplo, neste caso, informar sobre como negociar o uso do preservativo com o namorado ou sobre como utilizá-lo com prazer, do que simplesmente insistir na regra de “sexo só com camisinha”. Dessa forma, a informação pode ficar muito mais atraente para o jovem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de uma matéria jornalística implica muitos processos em que o redator dialoga com outros profissionais da comunicação, consultores e também leitoras. É na reunião de pauta que nasce a idéia da matéria. A partir de pesquisas com leitores e também de cartinhas e e-mails enviados pelas leitoras para a redação é que as pautas são elaboradas. Nessa reunião, em que estão presentes todos os jornalistas que trabalham na revista, são discutidos os temas, enfoques e as formas como serão construídas as matérias.

Mas a escolha final do conteúdo, formato da matéria e seleção das pessoas ouvidas (entrevistados) e histórias de leitoras citadas (que chegam diariamente na redação e serão publicadas para serem usadas como recurso estilístico), acaba sendo de responsabilidade do redator incumbido de produzir aquela matéria específica.

O editor tem papel fundamental nesse processo, pois é sua função ler o material final e avaliar se o conteúdo está de acordo com a linha editorial da revista ou se é necessário fazer algumas alterações. É importante analisar a necessidade de se ouvir ou não um consultor especialista, como um psicólogo, por exemplo, que dê mais credibilidade às informações contidas no texto e também verifique a veracidade do conteúdo levantado. Outra função do editor é interpretar o texto e verificar qual opinião está impressa na matéria. Mas será que os jornalistas da revista todateen, ao produzirem as matérias de sexo, percebem que na maioria das vezes acabam se colocando “em cima do muro”?

No trabalho de analisar o conteúdo das matérias o que encontramos foi a mesma representação do ser humano, dividido entre seus desejos morais e sexuais. Ao final do levantamento das 13 matérias que fizeram parte da amostragem, encontramos um material bastante equilibrado, com textos ora conservadores, ora liberais.

O posicionamento mais conservador e repressor devem ser analisados a partir de alguns fatores ligados à venda e a função educativa da revista.

Devemos levar em conta, ao avaliarmos o posicionamento das matérias, quem é que compra a revista. As revistas dependem da venda direta em bancas, pois os anúncios não são suficientes para manter o orçamento de sua produção. Assim, existe uma preocupação muito grande em fazer com que as leitoras se interessem pelas matérias da revista e, portanto, comprem as publicações todos os meses. Mas o público alvo da todateen, adolescentes com idade entre 13 e 19 anos, dificilmente possuem uma renda própria. A maioria do público leitor recebe mesada dos pais ou tem que pedir para que a mãe compre a revista. É nesse momento que surge uma outra preocupação: agradar a mãe das leitoras. Afinal, se é a mãe quem vai decidir, no momento em que está na banca, se leva ou não a

publicação e, geralmente, terá também a oportunidade de folhear o material, não podemos deixar de destacar a preocupação da redação em não decepcionar os pais das leitoras, caso contrário, as vendas poderão diminuir consideravelmente.

Um dos exemplos já citados neste trabalho mostrou que as mães estão atentas ao conteúdo da revista. Na ocasião em que uma matéria sobre masturbação foi publicada, muitas mães ligaram para a redação da revista para reclamar e demonstraram ser contra o tema da matéria, afirmando inclusive que iriam proibir suas filhas de lerem a todateen.

Ao mesmo tempo, pesquisas com leitoras já demonstraram que a adolescente não quer ler na revista o mesmo conteúdo simplesmente educativo dos livros escolares ou dos sermões conservadores dos pais.

Neste aspecto é importante observar o papel da revista na vida das adolescentes que, geralmente, demonstram uma certa rebeldia contra os valores e normas instituídas pelos pais. A revista, ao contrário da família, consegue dialogar sobre temas como o sexo com a leitora adolescente e, por isso, deve se preocupar em educar a leitora para o sexo também. Santos (2004) aponta a adolescência como uma moratória imposta pela sociedade. E faz analogia com uma situação hipotética: se aterrissarmos, sem aviso prévio, em uma tribo, com costumes totalmente diferentes e, por circunstâncias, ficarmos lá durante toda a nossa vida, sem condições de retornar, o que aconteceria? E se após 12 anos de convivência – tempo suficiente para nos adaptarmos aos costumes, língua e comportamento -, os anciões da referida tribo nos comunicassem que teríamos de ficar mais 10 anos esperando para sermos reconhecidos como membros daquela comunidade? Uma espécie de moratória imposta que não se justificaria. Afinal estaríamos aptos a fazer parte do reduto. Como nos comportaríamos? Certamente com rebeldia, tristeza e depressão.

Assim, segundo Santos (2004), a rebeldia adolescente pode ser explicada justamente por causa dessa moratória, firmando-se como um estereótipo juvenil. E a revista nesse momento tem papel fundamental justamente por conseguir dialogar com o adolescente rebelde com mais facilidade do que os pais.

Outro ponto que deve ser avaliado é o comportamento das leitoras. A adolescente está preocupada com o que os amigos e conhecidos vão achar de suas atitudes. E, nesta fase de muitas inseguranças, ela não sabe se deve ou não perder sua virgindade (tema que faz parte da maioria das discussões levantadas nas matérias analisadas), lutando o tempo todo contra as suas pulsões sexuais e seus desejos morais que muitas vezes não admitem a realização de determinados comportamentos.

Bicudo (1975) afirma que os padrões de comportamento, uma vez definidos pela experiência do grupo, são mantidos com muita tenacidade como modos certos de sentir, reagir e pensar. Entretanto, estas soluções não são estáveis, pois sempre restam, na personalidade, insatisfação e frustração, que levam a mudanças. Em outras palavras, nenhuma cultura ou sociedade alcançou modos de se obter satisfação na intensidade do absoluto, do total, do completo. Assim, em cada um de nós sempre permanecem resquícios de insatisfações. E é nesse espaço de insatisfação que a adolescente navega. Ao mesmo tempo em que sente vontade de ter mais intimidades com seu namorado, sabe que a sociedade julga as garotas que têm relações sexuais antes do casamento ou numa idade tão precoce, como é a dos 13 aos 16 anos.

Já as matérias que tratam da sexualidade de forma mais liberal, segundo Bicudo (1975), utilizam-se de uma forma de comunicação que apela às emoções primitivas por

meio da apresentação de fatos que são ao mesmo tempo desejados, temidos e até mesmo, em alguns casos, repelidos.

Sabemos que a luta da revista para despertar a atenção das leitoras, que é a primeira etapa do processo de comunicação, existe em todas as publicações, pois a intenção é oferecer ou provocar sensações nas leitoras.

Bicudo (1975) explica que a comunicação se constitui em um apoio ao estímulo de fantasias primitivas e o indivíduo se sente permitido a expressar aquilo que já estava no seu inconsciente através de matérias que abordam esse sentimento.

Falando abertamente sobre os desejos sexuais, o indivíduo pode alcançar uma forma de equilíbrio sentindo que alguém realizou o que em fantasia ele desejaria fazer.

Isso porque, como explica Souza (1975), todos nós nascemos com certos impulsos que vão sendo aos poucos reprimidos. Educar-se, tornar-se um homem civilizado e adulto, consiste exatamente em reprimir toda uma série de impulsos que, se estivessem presentes, tornariam impossível o funcionamento, ou mesmo a própria existência de uma sociedade. Então, vão sendo eles reprimidos, mas continuam a existir de maneira mais ou menos modificada. Por isso é que existe toda uma série de mecanismos de compensação pelos quais eles poderão satisfazer-se sem se apresentar em seu estado puro, por assim dizer, no seu estado primitivo.

E, já que a sublimação - entendida com uma forma de reorientar o impulso, de tal maneira que sua energia seja descarregada, embora o objeto possa ter sido mudado, podendo também se modificar a maneira pela qual o impulso se descarrega – nem sempre acontece, uma parte dos impulsos tem necessidade de satisfazer-se. Daí a necessidade da

publicação também de matérias que falam abertamente sobre o tema sexo. Ler a história de uma garota não controlou seus impulsos e acabou transando com o namorado faz com que a garota sinta-se, de certa forma, realizada.

Souza exemplifica a situação, falando de uma situação hipotética de uma notícia publicada com o seguinte título: MONSTRO ASSASSINOU O PAI. Segundo o autor, essa matéria vai captar a nossa atenção, vamo-nos sentir presos a ela exatamente por isso. Ele explica que dentro de cada um de nós existe um pequenino Édipo que, num dado momento de sua vida, desejou assassinar o pai e ter relações sexuais com a mãe. Nesta medida, então, essa notícia captará a atenção dos leitores. De forma análoga, a revista todateen consegue satisfazer os desejos das leitoras em suas matérias mais liberais.

Ou seja, a matéria que incentiva o sexo e relata as experiências de leitoras que deixaram o "desejo falar mais alto" tem um sentido catártico: servem para aliviar as pressões das forças internas que não foram totalmente sublimadas, educadas. E, portanto, têm uma função útil e construtiva de aliviar cada uma das leitoras sem que seja necessária a prática sexual.

De forma geral, o que verificamos é que os textos refletem exatamente as demandas contraditórias de seu público alvo, acompanhando, assim, as idéias que Freud registrou em suas obras completas, de que é necessária uma reestruturação dinâmica de nossas pulsões psíquicas a fim de minimizar os conflitos gerados pelo "princípio do prazer" (instintos pulsionais) em permanente oposição ao princípio da realidade. Identificamos, portanto, que existe essa mesma estruturação dinâmica dos desejos opostos, morais e sexuais, que se alternam entre uma ou outra publicação - como analisamos na categoria 2, que continha apenas textos liberais, e na categoria 3, que possuía apenas textos conservadores - ou então

dentro da própria matéria - como observamos na categoria 1, com textos construídos alternando-se afirmações liberais e conservadoras.

A partir da concepção Freudiana analisamos que é necessário um controle pulsional tendo como objetivo a permanente minimização do sofrimento, posto que, com esta movimentação, tentamos conciliar o relacionamento do ego com a realidade externa, tornando harmoniosa, na medida do possível, a relação existente entre o ego e os impulsos instintivos de satisfação dos desejos estimulados pelo id. E esse tão almejado controle se reflete na construção dos textos das matérias que falam sobre sexo para a adolescente leitora da revista todateen.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKERMANN, L. Bairros da Zona Leste lideram o ranking de adolescentes grávidas. **Folha de São Paulo,** São Paulo, 18 de ago. 2004.

AZEVEDO, I. B. D. **O prazer da produção científica: diretrizes para a elaboração de trabalhos acadêmicos.** 6.ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1998.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BELTRÃO, L. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa.** v. 13, São Paulo: Summus, 1986.

BELUZZO, R. C. B. e FERES, G.G. **Recomendações para a padronização da apresentação das dissertações e testes.** Bauru: Unesp, 2002.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENTES, I. "A sociedade contra a TV". **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 05 de out. 2003. Caderno mais!

BICUDO, V. Educação e Sensacionalismo. In: Melo, J. M. (org) **Documentos da I Semana de Estudos de Jornalismo**. São Paulo: Editora Comunicação e Artes ECA/USP, 1972.

BORMIO, A. N. G. **Apostila de Psicologia do Desenvolvimento.** Bauru, Universidade do Sagrado Coração: 2002.

BOUER, J. "Gravidez na adolescência é comum no Brasil, diz pesquisa." **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 mar. 2004. Caderno folhateen.

BUITONI, D. H. S. Consciência e inconsciência da mídia. **Sexualidade na Adolescência: Educação e Mídia,** v.1, p. 98-104, março, 1991.

CAHN, R. **O adolescente na Psicanálise.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

CHAUI, M. **Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida.** 12.ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

COHN, G. **Comunicação e Indústria Cultural: leituras de análises dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e cultura de massa nessa sociedade.** São Paulo: Editora Nacional, 1977.

COSTA, V. **Repórter Eros:** o sexo no jornalismo de revistas masculina, femininas e gays. Dissertação de Mestrado - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

DEFLEUR, M. L. **Teorias da comunicação de massa.** / Melvin Lawrence DeFleur e Sandra Ball-Rokeach; tradução da 5a. ed. norte-americana, Octavio Alves Velho, Rio de Janeiro: Jorge Zagar Ed., 1993.

ESCOVAR, M. R. G. **Mídia e Juventude.** / Projeto de Iniciação Científica - CNPq - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, São Paulo: Unesp, 2001.

_____. **Fany no país das Maravilhas: jovem, mídia e magia.**/ Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, São Paulo: Unesp, 2002.

FREUD, S. **Além do Princípio do Prazer.** Pequena Coleção das Obras de Freud, v. 13, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** v. 7, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** v. 16, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** v. 19, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** v. 21, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. **Psicologia de grupo e Análise do ego.** Pequena Coleção das Obras de Freud, v. 15, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GADE, C. **Psicologia do Consumidor.** São Paulo: EPU, 1980.

GUS, M. **Freud: releituras brasileiras.** 1a. ed, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

HOHLFELDT, A. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências.** 2a. ed., Petrópolis - RJ: Vozes, 2001.

JAVOSKI, P. M. E. V. O efeito Anita**. Revista Época**, São Paulo, 27 de ago. 2001.

JUNIOR, N. E. C. **A imagem da imagem: Questões sobre as relações entre psicanálise e mídia.** 2004, XXVII Congresso Interamericano de Psicologia - Caracas - Venezuela - de 27 de junho a 2 de julho de 1999.

KEHL, M. R. **Destinos da sexualidade na era tecnológica.** Ano III, no. 16, São Paulo: Centro de estudos e pesquisas em novas tecnologias, comunicação e cultura, 1995.

KIENTZ, A. **Comunicação de Massa: análise de conteúdo.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

LAPLANCHE, J. P. **Vocabulário da Psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes Editores Ltda., 1985.

LEITE, D. M. **Psicologia e literatura.** 5a. ed. rev., São Paulo: Editora Unesp, 2002

MARTINEZ, M. C. W. **Adolescência - Sexualidade - Aids. Na família e no espaço escolar contemporâneo.** São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

MAYRINK, J. M. "Há quanto tempo você não e confessa?": Menos ênfase para o sexo na lista dos pecados." **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 12 de jun. 2004, p. A12.

OBERG, M. S. P. **A mediação sociocultural reguladora**: a ficção juvenil brasileira contemporânea entre a educação, a arte e o mercado. Dissertação de Mestrado - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

PHILLIPS, A. "O desejo no divã" **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 de abr. 2003, Caderno mais!

Dúvidas sobre sexo representam 85% das ligações do Disk-Adolescente. **Folha de S. Paulo,** São Paulo, 14 de set.2004.

REY, F. L. G. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

REVISTA CADERNOS DA UNB (Universidade de Brasília). **A presença de Freud no mundo contemporâneo.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

RODRIGUES, A. D. **Comunicação e Cultura - A experiência cultura na era da informação.** 2.ed., Lisboa: Editorial Presença, 1999.

SANTOS, M. S. **Cenas e Sentidos na tribo raver:** a ordem da fusão. Estudo de recepção dos discursos jornalísticos sobre drogas pelos jovens ravers. Dissertação de Mestrado - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SANTOS, R. E. D. **Introdução à teoria da comunicação: as escolas, os autores, os principais conceitos.** São Bernardo do Campo: Editora do IMS, 1992.

SILVA, G. P. D. **A psicanálise em 12 lições.** 3.ed., Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S.A., 1939.

SILVA, M. L. M. D. **A televisão invisível: o receptor e o olhar simbólico.** Tese de Doutorado - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

SOUZA, C.C. Aspectos sócio-psicológicos do jornalismo sensacionalista. In: Melo, J. M. (org) **Documentos da I Semana de Estudos de Jornalismo**. São Paulo: Editora Comunicação e Artes ECA/USP, 1972.

D´ELIA, O. A. M. **Sociedade disciplinar e Sexualidade: a construção da feminilidade na mídia impressa.** Dissertação de Mestrado - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SODRÉ, M. **Televisão e Psicanálise.** São Paulo: Ática, 1987.

SOIFER, R. **A criança e a TV: uma visão psicanalítica.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

SOUSA, M. W. D. **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

VASCONCELOS, P. A. C. **Jean Baudrillard**: Comunicação e Psicanálise. Uma construção aos estudos da comunicação. Doutorado em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

VALLADARES, K. K. **Orientação sexual na escola: de acordo com os novos parâmetros curriculares nacionais - MEC.** 2.ed., Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

WINCKLER, C. R. **Pornografia e sexualidade.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação.** 1.ed., Lisboa: Editorial Presença, 1987.